

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Arte e Comunicação Social
Curso de Bacharelado de Cinema e Audiovisual

NATÁLIA TELES SILVA E FRÓES

INVENTÁRIO DAS SALAS DE CINEMA DE RUA DE PATOS DE MINAS
Exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Paranaíba, Minas Gerais.

Niterói
2018

NATÁLIA TELES SILVA E FRÓES

INVENTÁRIO DAS SALAS DE CINEMA DE RUA DE PATOS DE MINAS
Exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Paranaíba, Minas Gerais

Monografia apresentada ao curso de Cinema e Audiovisual (Bacharelado) da Universidade Federal Fluminense como requerimento à conclusão do curso.

Orientador: Prof. Rafael de Luna Freire.

NITERÓI – RJ



Universidade
Federal
Fluminense

IACS - Instituto de Arte e Comunicação Social
Departamento de Cinema e Vídeo

PARECER DE PROJETO EXPERIMENTAL

Aluno:	Natalia Teles Silva e Fróes		
Curso:	Cinema e Audiovisual	Matricula:	
Título			
Inventário das salas de cinema de rua de Patos de Minas. Exibidores e espaços de exibição comercial no Alto do Pernaíba, Minas Gerais			
Banca Examinadora			
Prof. Orientador	Rafael de Luna Freire		
	João Luiz Vieira		
	Ryan Brandão		
Data de Apresentação	22 / 11 / 2018		
Parecer			
A banca destaca o pioneirismo do trabalho na construção do tema, assim como a dedicação e seriedade na pesquisa que reuniu fontes iconográficas, memória oral, documentação impressa e pesquisa bibliográfica.			
Nota Final	10,00		
Assinaturas da Banca			
Prof. Orientador			

Agradecimentos:

Agradeço em primeiro lugar ao meu pai e minha mãe: além de serem responsáveis pela minha existência, seu apoio foi essencial para que eu fizesse esse trabalho: muitas vezes me ajudaram, desde os primeiros estágios da pesquisa, me acalmando sempre que fiquei desesperada, sugerindo pessoas com as quais poderia discutir, e até mesmo revisando as partes do trabalho que lhes mandei, em busca de erros de ortografia e gramática. Houve mesmo um momento que meu pai pegou emprestado um livro que eu não tinha como acessar, e tirou foto das informações relevantes para mim.

Agradeço também às pessoas que me ajudaram diretamente nessa pesquisa: Meus entrevistados, Antônio Camargos, Antônio de Oliveira Mello, Beia Savassi, Carlindo Machado, Célio Fonseca, Celso Benfica, Dália de Melo Pereira, Dennis de Lima e Souza, Eugênio Ribeiro, Maria “Mainha” Affonso de Castro, Maria das Graças Silva e Teles, Maria Florisbete Silva, Marcos Garcia Roza, e Renildo Silva Marques. Às pessoas que zelam pelos acervos de Patos, e que me ajudaram a procurar materiais que me serviram de fonte: Sebastião Cordeiro, Lázara Maria da Silva e Geenes Alves, funcionários e curador do Museu Municipal de Patos de Minas, João Otávio de Oliveira, funcionário do LEPEH da Unipam, Marialda Coury, curadora do Museu do Milho, Maria Bernardete Silva, funcionária do Fórum Olympio Borges e Eitel Danneman, autor do blog e biblioteca digital Efecade Patos. Pessoas que em conversas mencionaram lembranças ou apontaram direções para seguir a pesquisa: Anatildes Nunes, Consuelo Nepomuceno e Vicente de Paulo Caixeta. A Lúcia Queiroz, Luiz Eduardo Falcão e Sérgio de Mello por me ajudar com fotos dos Cine Riviera e Garza.

Agradeço aos professores do Departamento de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense por tudo o que fizeram por minha formação, mas especialmente: Rafael de Luna Freire, meu orientador, por seu trabalho cuidadoso e atento a detalhes, a quem também devo agradecer pela matéria Cinema e História I, onde discutimos historiografia, João Luiz Vieira pelo seu entusiasmo com a pesquisa das salas de cinema, e o doutorando Ryan Brandão de Assis, pela matéria Estudos em História do Cinema Mundial II, onde estudamos a ida ao cinema de maneira muito incitante, e aos dois por aceitarem participar de minha banca. Elianne Ivo Barroso por sempre colocar os alunos em primeiro lugar, e junto com o mestrando Adriano da Costa Bidão, organizar uma monitoria para ajudar todos que estão fazendo monografia. Douglas Resende, professor de Pesquisa, que além de guiar a elaboração do projeto de pesquisa, conversou comigo sobre possibilidades de continuar essa ideia além da monografia e deu dicas de bibliografia.

Agradeço às minhas amigas Ana Flávia e Larissa pelo apoio emocional.

Vocês são todos pessoas fantásticas. Muito obrigada pela ajuda.

RESUMO

Este trabalho pretende listar informações a respeito das salas de cinema de rua que existiram na cidade de Patos de Minas (MG) ao longo de sua história. Busca descrever a experiência da ida ao cinema nesses espaços, através da análise de artigos de jornal, da programação das salas, e coleta de memória oral. A apresentação de imagens, contemporâneas ao funcionamento das salas ou à realização desse trabalho, pretende tornar visível a memória pesquisada e a passagem do tempo. Este trabalho procura descrever os espaços físicos das salas, sua relação com o comércio e a experiência urbana ao redor, sua função cultural, mas se atenta especialmente às figuras de seus proprietários, tentando entender quem foram esses exibidores e se de fato se tratavam de grandes latifundiários locais (hipótese proposta em momento inicial da pesquisa).

Salas de cinema de rua; Patos de Minas (MG); Exibidores.

ABSTRACT

This project pretends to list information about street cinema theatres that existed in Patos de Minas (MG) through its History. It intends to describe the cinemagoing experience in these spaces, through the analysis of newspaper articles, theater programs, and the register of spoken memory. The images presented, contemporary to the theaters' functioning or the makings of this project, intend to turn visible the researched memory and the passing of time. This project intends to describe the theatres' physical space, their relationship with commerce and urban experience around them, their cultural function, but focuses specially on their owner's character, trying to understand who these exhibitors were and if they were actually great local landowners (a hypothesis presented in an initial moment of this research).

Street cinema theatres; Patos de Minas (MG); Exhibitors.

SUMÁRIO

1. AGRADECIMENTOS	4
2. RESUMO	5
3. ABSTRACT	5
4. SUMÁRIO	6
5. INTRODUÇÃO	7
5.1 Patos de Minas	10
6. INVENTÁRIO DAS SALAS DE CINEMA	15
6.1 O Cinema chega a Patos	15
6.2 Magalhães	17
6.3 Glória	26
6.4 Cine Patense	32
6.5 Tupan	32
6.6 Olinta	40
6.7 Saindo do centro	47
6.7.1 Cine Brasil	47
6.7.2 Cinemas de Presidente Olegário	50
6.7.3 Cinemas de Lagoa Formosa	54
6.7.4 Cinemas de Guimarães	58
6.8 Cine Garza	62
6.9 Riviera	68
7. CONCLUSÃO	77
8. BIBLIOGRAFIA	82
9. ANEXO 1: Tabela Inventário das Salas de Cinema de Rua de Patos de Minas .	90

Introdução:

Esse trabalho é um levantamento de informações sobre as salas de cinema que integraram o circuito exibidor comercial de Patos de Minas e uma reflexão sobre a experiência da ida ao cinema nesses ambientes, com foco na figura do exibidor cinematográfico. Trata-se de um trabalho pautado na análise dos espaços de exibição partindo da observação de seus aspectos espaciais e programação, além da coleta de memórias relacionadas a eles, tentando dar alguma ideia do que seria a ida ao cinema para as pessoas que viveram nesse local em diferentes épocas. Ao mesmo tempo, são levantadas questões, que embora especificamente voltadas para essa cidade, podem valer para outras cidades interioranas do país: que tipo de pessoa torna-se proprietário de uma sala de cinema, por que motivos, e que tipo de público intenciona buscar?

Esse trabalho se enquadra em um ímpeto revisionista que surge na década de 70 dentre os historiadores do cinema: questiona-se os trabalhos feitos previamente, os recortes, as fontes e as narrativas históricas. Assim, não mais é suficiente estudar cinema a partir da produção ou do texto fílmico, e os estudos de recepção surgem como uma nova área de interesse: nessa concepção, é necessário entender filmes individuais a partir da perspectiva de que foram assistidos por alguém, e significaram algo para essa audiência, e também entender o que ir ao cinema como ato social não necessariamente atrelado a uma obra ou outra significa.

Uma palavra simples como “audiência” torna-se complicada quando deixa de ser uma massa disforme de pessoas; cuja vida exterior à sala de cinema é vista como significante, implicando a observação de questões de classe social, gênero, identificação étnica, etc. Vários recortes (espaciais, temporais, centrais ou não, em toda a gama pessoal e arbitrária que pode existir na delimitação de qualquer recorte) passam a ser estudados individualmente por se acreditar que possuam idiosincrasias. Assim, a história passa a ser feita “de baixo pra cima”, o que Richard Maltby descreve como “uma reação ao anonimato de dados quantitativos, [...] restaurar a agência dessas pessoas, reconhecendo ‘o grau com que eles contribuíram em forma de esforço consciente para a feitura da história’.” (THOMPSON, 1963, p. 12. *Apud* MALTBY, 2011, p.32), e trabalhos minuciosos e mais detalhados surgem para comprovar ou questionar afirmações generalizadas.

José Inácio de Souza (2013) comenta a realização de trabalhos nesse sentido no Brasil, citando como canônicos para a academia: a revista *Filme Cultura* de 1986, e o livro de Alice Gonzaga de 1996, *Palácios e Poeiras*. Ele cita diversos trabalhos feitos acerca da exibição em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, chegando a afirmar:

A sociabilidade e a memória dos habitantes da cidade, e nelas os cinemas como espaço ampliado de contato de diversas classes sociais, passaram a ser um tema profusamente explorado. Dos quatro cantos do território nacional, Recife, Porto Alegre, Rio Branco, Itororó, Belo Horizonte, Belo Jardim, ou seja, das capitais ao interior, as cidades passaram a ser vasculhadas sob a ótica da modernização, incluindo-se os espaços de exibição como um dos signos do conjunto de elementos renovadores do lazer e da vida urbana moderna.

Este trabalho pretende se incluir nesse movimento, afinal, como Otávio Lima (2017, p. 12) afirma em um trabalho de aspirações semelhantes sobre a cidade de Varginha,

Apesar das referidas pesquisas já feitas sobre salas de exibição no Brasil, necessário se faz o estudo de mais cidades menores no interior dos estados para que os cinemas do país sejam mapeados, fazendo com que – além de assegurarmos a perpetuação de sua memória e história a partir de um estudo acadêmico – entendamos os motivos para o surgimento destes espaços, como eles mudaram seu entorno, fazendo a relação da população com o audiovisual mudar e, ainda, relacionar os casos específicos com a situação no Brasil, sendo possível entender os rumos da atividade no país.

Além disso, embora haja uma quantidade relevante de pesquisas sobre os exibidores dos maiores polos cinematográficos do país, em geral focada nas figuras de Francisco Serrador e Luiz Severiano Ribeiro em São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, pouco se sabe sobre os exibidores do interior do país. Assim, esse trabalho busca traçar relações entre os donos de salas de cinema de Patos de Minas, o comércio e política locais, além de indicar a existência de circuitos de exibição restritos ou não à cidade, a programação das salas, etc.

Acredito que a pesquisa acerca dos exibidores só faz sentido uma vez que se tenta entender de que maneira seus estabelecimentos se relacionam com a experiência das pessoas que os frequentam. Busco me aproximar dessas experiências a partir do que Biltereyst, Lotze e Meers (2012) chamaram de “Triangulação na pesquisa histórica de audiência”, ou seja, o estudo dos espaços de exibição como ambientes físicos, de suas programações, e a coleta de memória oral; esses espaços são descritos com o uso de métodos qualitativos inspirados em métodos etnográficos, em conjunto com métodos que se relacionam a economia política e geografia social.

Assim, foi efetuado um mapeamento inicial de fontes primárias: acervos do Laboratório de Ensino e Pesquisa de História (LEPEH) da Universidade de Patos de Minas (Unipam), do Museu Municipal, e do Memorial do Milho, uma pesquisa um tanto panorâmica de suas fotos, jornais e revistas, uma busca inicial para determinar onde existiriam informações sobre as salas de cinema da cidade, que é um dos principais motivos para que esse trabalho, em si, seja panorâmico. Foram realizadas entrevistas com exibidores locais e parentes de exibidores locais, e o início de um trabalho maior de coleta de memórias de pessoas da cidade que se dispuseram a ser entrevistadas.

O recorte, a cidade de Patos de Minas, onde passei a maior parte de minha vida, é porque gostaria de partir de um ponto próximo para fazer pesquisa, e desejo saber melhor

de onde vim; também a partir do ponto de vista de alguém que decidiu estudar cinema. Queria compreender melhor esse local no que se relaciona à cultura cinematográfica.

Se esse recorte, embora arbitrário, parece a um primeiro momento simples, ele se complica à medida que as fronteiras espaciais do município se movem com o tempo, de forma que alguns distritos deixaram de ser parte da cidade para constituir outras cidades. Às vezes, portanto, tratarei de algumas salas de cinema que, embora localizadas em Patos de Minas no tempo de seu funcionamento, hoje seus espaços estão em outros municípios: Lagoa Formosa, Guimarães ou Presidente Olegário.

Começarei esse trabalho através de uma breve contextualização, uma apresentação generalizada da cidade, buscando possibilitar ao leitor que não seja de lá, ter alguma visão dela. A seguir, farei um inventário das salas de cinema de rua da cidade: Cine Magalhães (1913), Cine-Theatro Glória (1920), Patense (1921), Tupan (1940), Olinta (1948), Cine Lagoense (Lagoa Formosa, 1950), Cine Guimarães (Guimarães, 1953), Cine Brasil (1957), Garza (1960), Cine Rosa (Presidente Olegário, 1962) e Riviera (1963). Pretendo apresentar, sempre que possível, imagens de suas fachadas, quantidade de assentos, período e frequência do funcionamento, aparelhagem, alguma descrição vinda de relatos de memória ou textos escritos por historiadores locais, registro do uso das salas para apresentações de teatro, formaturas escolares, variedades; informações sobre a programação dessas salas. Finalmente, traçarei considerações sobre os principais exibidores cinematográficos da região, seus negócios e relações políticas.

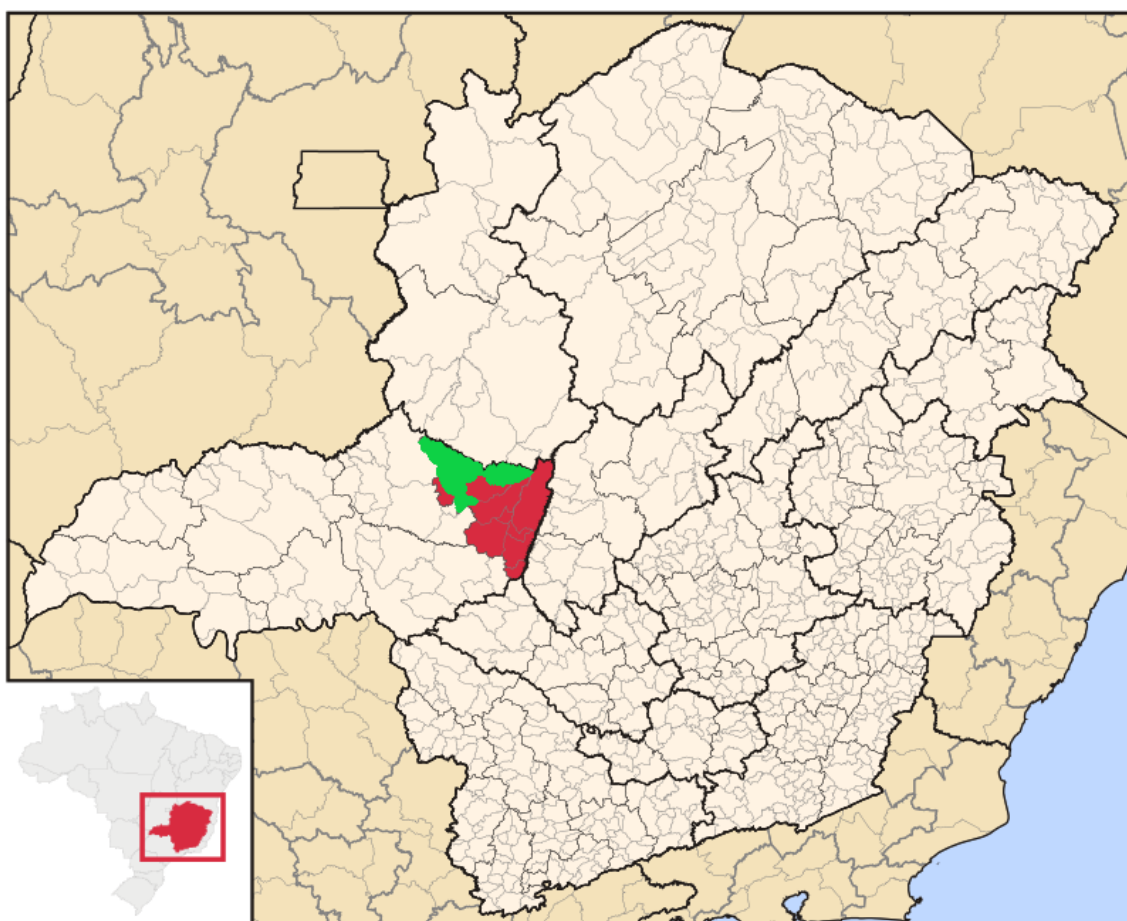
Inicialmente, minha intenção não era a de discriminar entre salas de cinema de rua e de shopping nesse inventário, fazendo um breve histórico de todos os espaços de exibição comercial de minha cidade nesse trabalho. A maior parte dos meus entrevistados se referiu de maneira muito nostálgica aos cinemas de rua, apontando-as como obviamente diferentes das salas atuais, o que é discutido de maneira teórica em estudos de mercado e audiência¹... ou principalmente outros trabalhos que tratam sobre exibição a partir da coleta de memórias: A *Filme Cultura*, número 47, é carregada de saudosismo e até certa melancolia. Apesar de não ter conhecido essas outras formas de experimentar minha própria cidade, e ter frequentado conglomerados de cinema em shoppings quase toda minha vida, decidi que faria sentido priorizar o tom memorialista que tanto encontrei na pesquisa que levou a esse trabalho, e me ater às salas de cinema de rua².

¹ Ver, por exemplo, EARP; SROULEVICH. 2009.

² É possível fazer as duas coisas, e ainda um bom trabalho, como a monografia de Otávio Lima (2017) sobre os cinemas de Varginha. No entanto minha pesquisa sobre as salas de cinema de rua tomou bastante

Esse trabalho funciona, assim, de forma a nortear posteriores trabalhos acerca dos espaços exibidores em Patos de Minas, na direção de possíveis questões a serem trabalhadas, assim como em relação ao levantamento de dados e localização de fontes primárias. Ele apresenta de maneira muito pincelada a pretensão de uma hipótese: as salas de cinema da cidade como uma regalia de uma elite agrária local, talvez funcionando mesmo como mecanismo de dominação política. No entanto, aqui a experiência da ida ao cinema nos interessa mais do que um estudo minucioso das estruturas da sociedade local, sobre as quais acreditamos que outros trabalhos se desenvolvam mais demorada e apropriadamente. Existe ao final do trabalho uma tabela resumindo-o: quantidade de assentos nas salas de cinema descritas, suas datas de funcionamento, proprietários e endereços.

Patos de Minas:



Município e Microrregião de Patos de Minas.

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregião_de_Patos_de_Minhas#/media/File:MinasGerais_Micro_PatosdeMinhas.svg, acessado em 25 de agosto de 2018. Alterações feitas pela autora.

tempo e fôlego, e a priorizei de uma maneira que não poderia tratar com a mesma competência dos dois tipos de exibição, dentro do tempo e regras estipuladas para a monografia, de forma que preferi tratar das salas de cinema de shopping de Patos de Minas em outras ocasiões.

Patos de Minas está na mesorregião do Triângulo Mineiro/Alto do Paranaíba, no Oeste de Minas Gerais. Parte do contorno do município acompanha o Rio Paranaíba, que demarca a divisa da cidade com Lagamar, e seu território está em parte na bacia hidrográfica desse rio, em parte na do Rio São Francisco. Sua altitude média é de 900 metros acima do mar, entre dois braços da Serra da Mata da Corda, com clima tropical de altitude e bioma nativo de Cerrado. É um lugar muito seco e frio no inverno, conhecido por suas lagoas e brejos, que de acordo com Antônio de Oliveira Mello (1997) foram motivo dos primeiros assentamentos humanos na região. Dessas, muitas foram aterradas com o crescimento da cidade. A microrregião de Patos de Minas, da qual é sede, compreende Arapuá, Carmo do Paranaíba, Guimarânia, Lagoa Formosa, Matutina, Rio Paranaíba, Santa Rosa da Serra, São Gotardo e Tiros, cidades que variam entre 2 mil a 35 mil habitantes.

De acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, Patos de Minas tinha 138.710 habitantes. A estimativa do IBGE para 2017 é de cerca de 150.000 habitantes. A média de salários mínimos mensais é de 2,2, a taxa de escolarização dos 4 aos 16 anos de idade é de 98,6%. Além disso, 91,6% das ruas tem esgotamento sanitário adequado. Esses elementos a colocam em uma posição vantajosa nos diversos “rankings” organizados pelo IBGE, que aparentemente denota uma alta qualidade de vida para a população. Ao mesmo tempo, a mortalidade infantil é de 12,94 mortos por mil nascidos vivos, uma taxa alta para a microrregião. A urbanização de vias públicas também é baixa, de 19% do total, e a média do IDEB para alunos nos anos finais do ensino fundamental é de 5³, também considerada baixa se comparada à região. É uma cidade com muitas contradições.

Um dos motes da cidade é ser a Capital do Milho, mas como discutido por Rosa Maria da Silva (2015, p. 38), milho não caracteriza de fato uma produção expressiva na cidade, que na verdade é uma grande produtora de leite, chegando a ser a segunda maior produtora do Brasil⁴, e a maior parte de sua economia está voltada para o setor de serviços.

³ A taxa de mortalidade infantil nacional, de acordo com o IBGE, é de 13,8 óbitos por mil nascidos vivos. Patos está em 2611º lugar em um ranking nacional de 5570 municípios; estadual em 358º lugar em 853 municípios, e microrregional de 6º em 10. A média de urbanização das vias no país é de 84,36%, e Patos de Minas está em uma posição nacional de 1934º lugar, estadual 457º, e de fato está na 2ª posição microrregional. A média nacional no IDEB nos anos finais do ensino médio é de 4,4 para escolas públicas, 4,3 em escolas municipais, 4,5 em escolas estaduais e 6,4 em escolas particulares. Nessa questão, está em 723ª posição no ranking nacional, 191ª no estado e 8ª na microrregião de 10 municípios.

⁴ Atrás apenas de Castro (PR).

No entanto, mesmo o hino da cidade menciona “o gorjear da alegre passarada fecundadora de amplos milharais”.

Apesar das frustrações de Da Silva, a Festa Nacional do Milho, Fenamilho, é a maior festa da cidade, chegando, de acordo com o *Site* Fenamilho Internacional, a ter mais de 120 mil frequentadores em um ano. É uma festa de pretensões tradicionalistas, onde ocorre um desfile cívico, a eleição de uma Rainha do Milho (houve uma época em que foi eleita também uma Rainha do Fosfato, quando uma grande jazida do material foi encontrada em Patos de Minas, na década de 70), rodeio e leilões de gado, ao mesmo tempo com atividades mais evidentemente voltadas a um desejo de lucro, vista nos shows de música e parque de diversões que são montados.

Pensando nessa ideia de como a cidade é vendida, visitei o site *trip advisor*, de acordo com o qual a principal atração da cidade é o Parque do Mocambo. Esse lugar já foi um clube, um zoológico, teve um período de abandono, e hoje possui uma pequena área de reserva ambiental, o Conservatório Municipal, e estrutura para prática de esportes e piqueniques. Outras atrações listadas: parque de exposições, igrejas, campos de futebol, shopping, cinema, teatro, e a lagoa que serve de cartão postal da cidade.



Lagoa Grande, cartão postal de Patos de Minas.

Fonte: <http://www.patosdeminas.mg.gov.br/noticias/read.php?id=3834>, acessado em 15 de agosto de 2018.

Da Silva (2015, p.51), em sua própria tentativa de apresentar a cidade, também parte de uma descrição um tanto subjetiva da chegada à cidade de um visitante:

O ônibus cruza a extensão da Avenida Juscelino Kubistcheck, vence os primeiros quarteirões da Rua Major Gote e, virando à esquerda, chega à rodoviária de Patos de Minas, pontualmente, às quinze para as dez da manhã. Durante a semana, longe dos feriados e datas festivas, o Terminal Rodoviário José Rangel não é muito

movimentado. Nem mesmo o ônibus tem todos os lugares ocupados. Ao viajante, o personagem que elegemos para nos conduzir, é possível descer do veículo com fleuma, esticar as pernas e observar a paisagem no entorno. Ainda sonolento, delinea comércios, uma via pública, veículos pequenos, ciclistas, meninos. Contudo, do seu ponto de observação, percebe que o único elemento que se aproxima da sua expectativa de cidade, é apenas a palmeira imperial que se projeta na via perpendicular, logo à sua direita...

O tema do viajante que vislumbra a cidade é uma maneira recorrente de se apresentar a cidade, como visto na introdução escrita por Pedro Nava para o livro de Geraldo Fonseca (1974, p. 6) sobre a história da cidade, atravessando o tempo de seus primeiros habitantes à elevação a cidade em poucas palavras:

O povoado redonda num grande número de construções à volta da Matriz, capela, casa do padre, vivenda do coronel. Becos, encruzilhadas, casas de fundo. Os largos, o Beco do Fogo, futura rua de filho bom para sua terra. Já tem até assombração. O viajante vê de longe a cidade a céu aberto, a torre da Sé... Céu, céu, céu. Pra lá, o Sertão. Tudo cresceu. Tem boticário e campo santo. Presidente da Câmara, juiz, doutor e promotor. Comarca, invenção só deles mesmo. Até nêgo véio pra mandinga escaramuçar o Outro. Um ou Outro. Qual?

Oliveira Mello (1977, p. 48), quando escreve um livro que servirá de texto-base para os alunos do ensino fundamental como material didático principal relativo à história local desde então, faz o mesmo salto temporal de maneira distinta:

No tempo de Vila, havia poucas ruas e praças, mesmo assim, poeirentas e tortas, abertas ao acaso. Por isso mesmo existiam muitos becos. Vejam vocês a diferença de mais de cem anos atrás. [...] Pois bem, esses becos desapareceram. Surgiram bonitas avenidas, muitas praças e ruas bem traçadas. Há uma quantidade enorme de ruas e muitos bairros novos, enquanto naquela época só se falava no bairro da Várzea, que hoje desapareceu, tornou-se parte central da cidade. As avenidas e ruas, retas, ajardinadas, bem calçadas e asfaltadas [...]

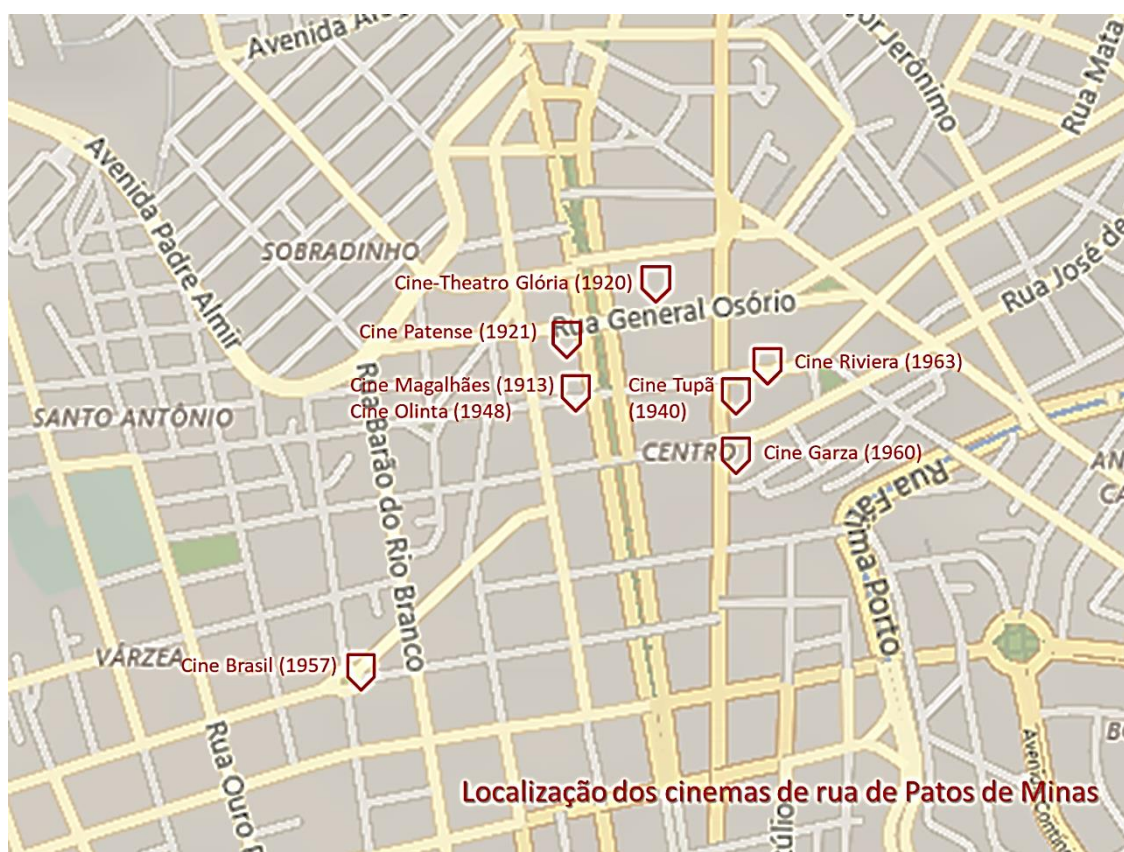
É visível que essas imagens que apresento sobre Patos de Minas são, em alguns elementos, contrárias umas às outras, mas acredito que tem mais valor nesse momento de uma apresentação inicial do meu objeto mostrar diversas facetas talvez incongruentes entre si, do que tentar planificar uma única visão unívoca da cidade. Acho, no entanto, interessante salientar um aspecto remitante da obra de Oliveira Mello (1977) na citação de pessoas que “tanto fizeram à nossa terra”, também recorrente de maneira progressivamente crítica em Fonseca (1974) e Da Silva (2015).

Acredito que não cabe a mim dizer que qualquer uma dessas figuras não foi, de fato, responsável por muitos acontecimentos importantes na região de Patos, mas também acredito necessário apontar que Victor Nunes Leal (2012, p. 44) descreve a sociedade coronelista com a seguinte passagem: “ ‘coronelismo’ é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência dos chefes locais, notadamente senhores de terras.”

Não pretendo sugerir, é claro, que Patos de Minas é um reduto tão arcaico, ausente de educação básica, classe média ou infraestrutura quanto as sociedades descritas por Leal. No entanto, isso talvez possa ser dito da vila na época de sua emancipação e elevação a cidade. De acordo com Fonseca (1974, ps.62, 72), os eventos acontecem em 1866 e 1892, respectivamente. O Censo Geral do Império de 1872 (ps.410-412) registra uma população que de 9308 pessoas, apenas 478 sabiam ler, e 1034 eram escravos. A maior parte da população era de lavradores (2581 pessoas) ou desempregados (2818). Isso nos interessa aqui porque os primeiros exibidores locais eram proprietários de grandes glebas de terra, com títulos e patentes militares: Coronel Arthur Magalhães e Capitão José de Santana.

A partir dessa ideia, pretendo verificar os espaços de exibição que se erguem e funcionam comercialmente ao longo da história de Patos de Minas, observando um pouco as relações familiares e de compadrio de seus proprietários, entre si e com governantes e comerciantes locais. Apesar de apontar esses elementos, não me demorarei tanto nas biografias e empresas desses exibidores: meu foco serão as próprias salas de cinema da cidade conforme elas e o meio ao redor delas se desenvolvem; o centro da cidade, os cenários da Avenida Getúlio Vargas e Rua Major Gote, dos então arraiais de Lagoa Formosa, Santa Rita de Patos e Guimarães, da Praça dos Bandeirantes, em tempos de modernidade e simultânea estagnação interiorana. Tateio em uma direção que talvez permita entender melhor as experiências dos Patenses ao frequentá-las, tentando também traçar relações com um cenário brasileiro ou mundial mais amplo da exibição.

Inventário das Salas de Cinema de Patos de Minas



Fonte: Imagem produzida pela autora.

O Cinema Chega a Patos de Minas

No final do século XIX diversos tipos de espetáculos mecânicos, como os panoramas, as lanternas mágicas, entre outros, tiveram nos inventos de Lumière e Edison algo como uma apoteose da experiência espectral moderna. Surgindo dos parques de divulgação científica (embora não seja certo tratar como evolução deles), a maravilha da imagem em movimento galga o mundo rapidamente, indo da França ao Brasil em apenas seis meses (FERRAZ, 2017, p.11). A história que se conta desses primeiros exibidores que a trouxeram descrevem-nos como verdadeiros aventureiros, que legal ou ilegalmente viajam o mundo, “à cata de acontecimentos inusitados e na divulgação do aparelho novo” (ARAÚJO, 1986, p.6). Assim, a primeira exibição cinematográfica no Brasil aconteceu no dia 8 de julho de 1896, na Rua do Ouvidor n° 57 (FERREIRA, 1986, p.14). De primeira sessão em primeira sessão, o cinema adentra o país: estreia em Juiz de Fora, aspirante a capital cultural de Minas Gerais em 1897 e em Belo Horizonte em 1898. (FERRAZ, 2017, ps.13 e 14).

Pelo que parece, demorou consideravelmente mais para esses aventureiros se embrenharem pela Picada de Goyaz, caminho ao redor do qual a cidade de Patos de Minas

creceu (MELLO, 1977): A primeira exibição itinerante a acontecer ali, de acordo com artigo publicado no jornal *O Trabalho*⁵, foi no dia 13 de julho de 1907, através do Biographo de José Rodrigues Zica e José Pecci⁶, em um barracão cujo endereço não foi informado. O programa do dia 13 foi composto dos filmes: “Banho de Mar”, “Dança de um Esqueleto”, “Gata Gulosa”, “Chegada de um trem em Lisboa”, “Efeito de um Purgante”, “Manobras da Cavallaria Riograndense”, e uma versão da “Vida de Cristo” foi exibida no dia 14. O artigo critica a nitidez de alguns dos filmes. (*O Trabalho*, 16 jul. 1907).

Uma exibição no dia 15 de julho de 1907, de um filme sobre a guerra entre Japão e Rússia foi cancelada, embora os demais eventos tenham lotado a ponto de o autor do artigo pedir que fossem colocados mais bancos e cadeiras no barracão. Ele prevê repetição no dia 16 do filme sobre a vida de Cristo, e censura gargalhadas que teriam atrapalhado a primeira sessão. O comentário é, em geral, positivo. (*Idem.*)

Novas exibições aconteceram na cidade em 1910, realizadas por Domingos Gomes, no “chalezão do Dr. Euphrasio” (MELLO, 2008; e FONSECA, 1974), que acredito ser sua casa e clínica, na Rua Olegário Maciel. Euphrasio e Laudelino Gomes, pai de Domingos, foram médicos em Patos de Minas no começo do século XX, vindos de Paracatu e Salvador, respectivamente⁷. O filme exibido se passava em Veneza e chamava Mão de Carneiro⁸ (MELLO, 2008), mas pelo programa não ter muita variedade ficou ali por pouco tempo, partindo para Santana⁹ a seguir.

Essas são as únicas exibições itinerantes anteriores às salas de cinema fixas que encontrei registro, embora existam menções posteriores (FONSECA, 1974, p.168) a circos que entre ou após seus atos faziam projeções, lhes fazendo concorrência. (MELLO, 2008).

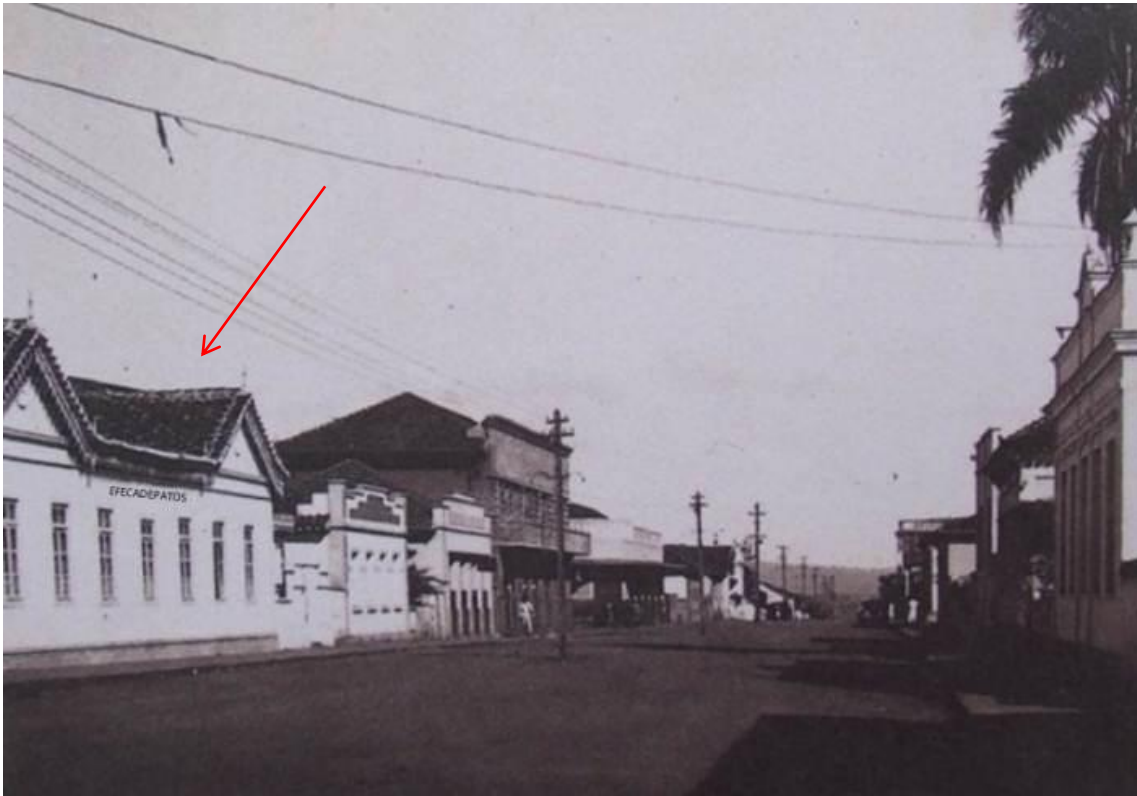
⁵ Jornal de circulação local, cujo primeiro exemplar data de 1905. Foi o primeiro jornal produzido na cidade. (FONSECA, 1974, p.202.) Essa é, portanto, a primeira exibição de que temos registros, uma vez que exibições anteriores à publicação desse jornal seriam de difícil comprovação. Até onde eu saiba, não há menções de exibições em outros materiais da época.

⁶ Não tenho mais informações sobre quem foram essas pessoas, acredito que se tratam de exibidores ambulantes, enquanto Domingos Gomes, citado a seguir, é reportado de maneira diferente por ser um exibidor local.

⁷ “RUA Olegário Maciel no início da década de 1940”; “CASA onde morou Dr. Adélio Dias Maciel”. In: Biblioteca digital “Efecade Patos”.

⁸ Não sei de que filme se trata, mas é interessante que tenha sido um filme de época, provavelmente um filme posado, talvez com mais de um rolo, e não diversos filmes de atualidades.

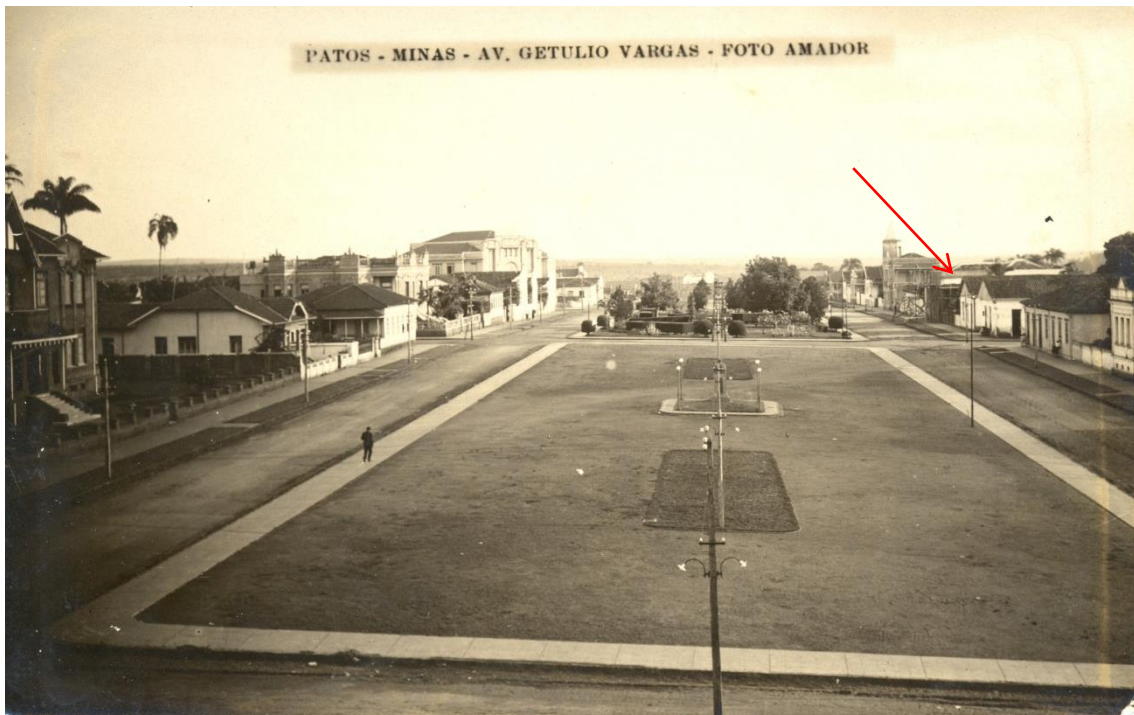
⁹ Hoje um distrito rural de Patos, foi um arraial até maior que Patos antes da elevação desse a cidade. (FONSECA, 1974.)



Casa de Dr. Euphrásio José Rodrigues, construção mais à esquerda, à frente. (Foto do começo da década de 1940)

Fonte: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=1226>, acessado em 25 de agosto de 2018..

Cine Magalhães



Avenida Getúlio Vargas na década de 1930. Já sem a Capela do Rosário, Cine Magalhães à direita, na esquina, apenas o jardim público arborizado.

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Patos de Minas.

No fim do século XIX começa o planejamento de um projeto de expansão e saneamento da então vila¹⁰ de Patos, de acordo com indicação do vereador Olegário Dias Maciel, datada de 1883. Colocado em prática, o plano resulta na configuração do centro da cidade sobre a chapada ao Sul de seu núcleo anterior, com ruas dividindo quadras de forma retangular, onde se erguem no começo do século XX construções de estilo eclético. Como coração desse novo centro, tem-se a abertura de uma avenida inspirada na *Champs Élysées*, a Av. Municipal, que hoje se chama Getúlio Vargas. (DA SILVA, 2015, p.74-77.) É nessa localização que se materializa os desejos da burguesia Patense pela modernidade. Em meio a palacetes, que em 1913, surge o Cine Magalhães.



Coreto e Capela do Rosário. 1912.

Fonte: DA SILVA, Rosa Maria Ferreira, 2015, p. 197.

A avenida liga, inicialmente, as igrejas da Matriz e do Rosário, terminando no cemitério municipal, que, em 1911, é removido do caminho do progresso (DA SILVA, 2015, p.197). Em seu lugar, são construídos a mando do Coronel Arthur Tomás de Magalhães, um coreto e um jardim público. Arthur Tomás tenta ainda cobrar da prefeitura pelas obras do coreto e do jardim, justificando-se com seu caráter público. Embora infrutíferas nesses dois aspectos, as tentativas resultaram em uma mensalidade paga pela prefeitura para a manutenção do jardim. (MELLO, 2006.) Já em 1920, a própria Igreja do

¹⁰ Que se torna cidade de Patos em 1892 (FONSECA, 1947.)

Rosário é demolida¹¹. Isso se dá porque a presença dos negros que frequentavam a capela incomodavam as “sensibilidades das madames, madmoiselles e cavalheiros” (DA SILVA, 2015, p.206).

Antes de se aventurar como exibidor, o Coronel Arthur Tomás possuía em frente ao jardim que construiu o Teatro 14 de julho, de vida curta: a data de sua fundação teria sido em 1907¹² (MELLO, 1977), e a última notícia sobre ele é de 7 de janeiro de 1912 (FONSECA, 1974). O teatro

“Situava-se na hoje Avenida Getúlio Vargas entre as ruas José de Santana e Olegário Maciel, na calçada do Palácio dos Cristais. Tratava-se de um amplo chalé de aproximadamente 20 metros de frente por 15 metros de fundo, feito de adobe e revestido com reboco de estrume de gado e areia, na proporção de três por um.” (HAMID, 1911; DANNEMAN, 2013.)



Cine Magalhães, em 1916, publicada no livro de Roberto Capri. Danneman aponta como os dois edifícios não se parecem.

Fonte: Acervo do Museu Municipal de Patos de Minas, mesma foto usada por Roberto Capri. (No Museu estão o negativo e duas ampliações da foto)¹³.

¹¹ A igreja é reconstruída em 1926 na Roda, ou Beira da Lagoa, região periférica da cidade hoje conhecida como Bairro do Rosário

¹² Em geral Oliveira Mello não divulga suas fontes, e muitos historiadores locais o consideram “completamente fora dos fatos da realidade”, para citar Danneman. Não quero ignorá-lo como fonte: afinal, também estou trabalhando com relatos de memória, que não são necessariamente realistas.

¹³ Uma reprodução da página do livro de Capri (1916) está disponível em: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=1253>, acessado em 19 de outubro de 2018.



CASA DE ALUGUEL

O abaixo assignado pretendendo passar, em Abril proximo futuro, a sua casa de diversão "Cinema Magalhães" para a casa de sua residencia, avisa que alluga *por 3 annos* o predio denominado " Club 1+ de Julho" a quem o pretender para hotel ou para familia, allugando-o repartido a gosto do pretendente.

Propostas e informações com o proprietario

Arthur Thomaz de Magalhães
Patos. (Até 8—III.)

Imagem 1: Da esquerda pra direita: Casa de Arthur Tomás de Magalhães (1), pavilhão onde ficava o “Bar do Matraca” (2), e finalmente o Cine Magalhães (3), na esquina. Visível um cavalete de cartazes e uma placa afixada na parede (talvez com o nome do cinema?), ambos ilegíveis. Década de 1910.

Fonte: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=354>, acessado em 26 de agosto de 2018

Imagem 2: Anúncio digitalizado por Danneman, contribuindo para sua tese.

Fonte: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=20847>, acessado em 29 de agosto de 2018.

Danneman (2015; 2016) especula sobre esses endereços: Registros fotográficos e um anúncio de que o espaço do Teatro está disponível para aluguel¹⁴, e outro de que o cinema seria transferido para a casa de Arthur assim que ele terminasse de reformar o local sugerem que eles não tenham funcionado no mesmo lugar como se costuma assumir. Busquei colaborar na investigação: no jornal *Cidade de Patos*¹⁵ registros referentes ao imposto Predial de 1917 indicam que Arthur Tomás tinha 6 prédios além do cinema. No

¹⁴: “SOBRE o theatro em 1911”; “CINE Magalhães e Gabinete Dentário Affonso Corrêa Borges”. In: Biblioteca digital *Efecade Patos*.

¹⁵ Este e *O Commercio* são alguns dos jornais locais que citarei. Fonseca (1974, p. 202) faz uma lista dos que existiram e suas datas de lançamento. Ao que parece, partindo de uma análise superficial do acervo disponibilizado no LEPEH, é que eles tinham vida curta, e poucas vezes mais de duas publicações cobrem o mesmo período. Alguns períodos são deixados em branco, resultando em registros fragmentários.

entanto, não descobri mais sobre esses outros possíveis endereços. Ao mesmo tempo, uma notícia de 16 de março de 1913, anterior ao teste das máquinas do cinema (nota publicada no dia 18 do mês seguinte) parece contradizer a especulação, quando afirma: “[O cinema] vae ser instalado em commodos de sua [Arthur Tomás] residencia, vae ser essencialmente um Cinema Familiar.”¹⁶ Se ele já se instalara diretamente na casa de Arthur, não teria como ser transferido para lá.

Instalado na residência de Arthur Tomás o cinema possuía 105 assentos avulsos, além dos destinados a assinantes (FONSECA, 1974, p.264.) e os camarotes cativos destinados apenas aos membros da família (MELLO, 2008), uma capacidade total de 300 pessoas (MACIEL. 200-) De acordo com entrevista¹⁷, a tela era um lençol branco, que tinha que ser molhado antes e depois das sessões. Aparentemente se tratava de um aparelho funcionando em retroprojeção, adquirido em São Paulo (*O Commercio*, 18 mai. 1913). Antes da instalação da energia elétrica na cidade, em 1915, o cinema possuía um gerador elétrico (DANNEMAN, 2013).

Tratava-se de um aparelho “idêntico ao itinerante que fez exhibições em 1910” (MELLO, 2008). Arthur Tomás era avô de Domingos Gomes: sua filha Zamita era casada com Laudelino. É possível que haja uma relação próxima entre o exibidor itinerante e o fixo. De fato, em 1913 a primeira sala de cinema de Araxá é aberta por um Laudelino Gomes de Almeida, médico, operador e parteiro (GOMES, 2017, p. 30). Acredito provável que os três cinemas se relacionem, e que talvez até tenham formado um circuito exibidor¹⁸.

Maria lembra que após as sessões de cinema, Arthur chamava parte do público para sua casa, para comer biscoitos. No jornal *Cidade de Patos* há de fato uma reclamação (6 ago. 1916) de que, desde que o botequim que havia no cinema fechara as portas, o

¹⁶ “TESTADAS as máquinas do Cine Magalhães antes da Inauguração” In: Jornal *O Commercio*, 18 mai. 1913; JÚNIOR, Amorim. “Os cinemas” In: Jornal *O Commercio*, 09 e 16 mar. 1913.

¹⁷ Entrevistei Maria Affonso (2018) por telefone. Ela nasceu em 1936, e muito do que conta sobre a sala de cinema pode ser de acordo com o que parentes a contaram sobre a sala e não lembrança própria. Foi difícil encontrar pessoas que pudessem falar das primeiras salas de cinema, em primeiro lugar, pela quantidade de tempo decorrido. Outro aspecto que gostaria de levantar: a única outra entrevistada que se lembrava dessas salas de cinema, Dália, insistiu que não as frequentava por ser uma moça de família. Outras mulheres com quem conversei mencionaram que seus pais ou maridos não viam com bons olhos que fossem ao cinema. Se a cidade moderna é um local onde a mulher e a criança podem transitar (FREIRE. 2012.), quão moderna, ou talvez qual a força de uma mentalidade conservadora em Patos de Minas nesse período, ou mesmo quando o entrevistado se refere a décadas posteriores?

¹⁸ Seria interessante analisar as programações das duas salas e buscar notícias de Domingos como exibidor, para entender melhor a relação entre essas salas e proprietários. A partir das informações oferecidas por Gomes (2017) e das programações que tive acesso do Magalhães, não parece que funcionavam em circuito: Quo Vadis (Enrico Guazzoni, 1913) passa no Cine Araxá no começo de fevereiro de 1914, e no Magalhães em junho de 1915.

público tinha sido condenado a beber leite nos intervalos, “coisa que só em Patos se vê”. Esse Botequim foi famoso (FONSECA, 1974, p. 275) pelo seu “chocolate, sem chocolate”, um café com leite engrossado com polvilho, acompanhado de quitandas; e pelas rodas de conversa que se formariam ali nos intervalos e depois da projeção.



Imagem: Coronel Arthur Thomás de Magalhães (sentado à direita) e família. A sua esquerda, sua esposa Olinta. De pé, o casal à direita são Zamita, filha de Arthur e Olinta, e Laudelino Gomes, médico e pai do exibidor itinerante Domingos Gomes.

Fonte: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=7689> , acessado em 30 de agosto de 2018,.

Artigos desse mesmo jornal podem ajudar a imaginar a experiência social do espaço do cinema: um deles, de 19 de março de 1916, comenta:

Por mais de uma vez, não como catões, mas com o direito que nos assiste de criticar o que nos parece em desacordo com o bom tom, nós temos insurgido contra factos que se dão nas sessões cinematográficas.

Os actos praticados em uma reunião pública, como seja numa sessão de cinema, com ou sem annuência de todos, representam para o observador estranho, o maior ou menor grau de civilização e educação de um povo, em o meio do qual, ella se dá, por constituir um expoente dos seus costumes.

Ora, como parcela da sociedade patense não podemos ficar indifferentes, aquillo que possa contribuir para desmerecer o conceito a que temos direito. Não se compreende, como em uma reunião pública se converse tão alto, se dê gargalhadas exageradas, se faça commentarios que encommodem e perturbem os visinhos, etc.

É natural que o espectador acompanhando o desenrolar da peça, participe das emoções da scena; que sorria, que chore mesmo, se assim o entender, que commente o enredo com seu visinho, se é íntimo; mas tudo isto com moderação, porque do contrário, além de falta de compostura é intolerável e falta de...

Há cavalheiros que apesar do pedido público, em letras garrafais, do proprietário para não fumarem, soltam baforadas de fumo que sufocam as senhoras.

Ultimamente observamos um habito que, além de desagradável é supinamente grotesco e ridículo:

Quando na tela apresenta-se qualquer inscrição, parece aula da primária antiga, ou côro de terço, em egreja, tudo lê a meia voz: só faltam os nossos amigos Professor Felipe ou João Ambrozio puxando a fieira.

Não se pense que somos intransigentes, que não queremos que se levem creanças ao cinema, onde choram desesperadamente, ficam inquietas, a transar de um lado para o outro, etc. etc. Não! Comprehendemos que em atenção ao nosso meio, isto é tolerável: porque, não se fazem matinées para as creanças, ellas querem e é natural, se divertirem; não se encontram amas que se encarreguem de ficar com ellas, enquanto as Sras. Vão às sessões. Logo, ou as Sras. Não irão ao cinema, e as reuniões serão semsaboronas, tristes, ou levarão as creanças, e entre as duas hypotheses todos nós, naturalmente preferimos a última e aturar a pequenada.

Tenham paciencia, isto é até cavalheirismo, mas aquillo além de não ser chic, é grosseiro e retasquero.

Notas em diferentes edições criticam a entrada de cães de rua no cinema, tosses em temporada de chuva atrapalhando a sessão, e elogiam festas realizadas no salão do cinema. A 1º de outubro de 1916, é anunciado no mesmo jornal que Arthur Tomás encomendara ventiladores elétricos para “afugentar o insuportável calor que ali reina”. Outro artigo de 2 de maio de 1915 também retrata o cine Magalhães:

O proprietário do “Cinema Magalhães”, ponto forçado do rendez-vous semanal da elite patense, não tem poupado esforços no dotar a esplendida casa de diversões, de todos os melhoramentos, podendo o povo de Patos ufanar-se de possuir um cinema que revaliza ccom os melhores existentes nas Cidades do interior de Minas. Ainda agora grandes novidades acabam de ser ali introduzidas.

Na falta de uma orchestra, (falta, de resto, fácil de ser sanada, se houvesse boa vontade por parte dos cultores da boa música, que nós já os temos, em número suficiente), o Sr. Cel. Arthur Magalhães fez aquisição de um bello auto-piano, instrumento de preço elevado e que já instalado, só espera algumas instrucções para seu definitivo e regular funcionamento.

A instalação electrica do Cinema sofreu também completa reforma, sendo feérica a iluminação no exterior do edificio desde ½ hora antes do início das sessões. Nos dias de cinema, numerosos affiches, bem feitos e perfeitamente legíveis, são colocados em diversos pontos da Cidade facilitando, deste modo o conhecimento prévio dos programas a serem exhibidos. Estes tem sido, ultimamente uma afirmação do bom gosto do esforçado proprietário da casa. Dramas arrebatadores e de empolgante e engenhosa urdidura onde nos é dado apreciar o trabalho artístico de actores de celebridade mundial, bellicimas fitas naturaes, desopilantes comedias, formam um bello conjunto de lindos films que passam agora pela tela nítida desta distincta casa de diversões.

Faz-se necessário apenas, para tornarem-se ainda mais attrahentes e convidativas as sessões do cinema, que o Cel. Arthur estabeleça uma 2º classe, nos primeiros bancos, com preços menores, facilitando assim o ingresso ao operariado, o que concorrerá para aumentar a frequência. E deste modo feita uma natural seleção mais realce e encanto tomarão por certo as sessões do cinema fortalecendo ao habitué de bom gosto o praser de admirar o conjunto harmonioso, que formam as nossas gentis conterrâneas com as suas deslumbrantes toilettes e os cavalheiros da nossa sociedade com o seu porte distincto reunidos em um salão confortável e profusamente illuminado.¹⁹

¹⁹ Nesses artigos se tornam visíveis novamente as tensões entre o desejo da presença da mulher, como um objeto de admiração, e o cinema como lugar familiar. Afinal, a presença da criança é incômoda aqui.

Não encontrei respostas ao pedido de uma segunda classe, mas sim algumas notas em reclamação de carestia no preço do ingresso²⁰. Mello (1971) afirma que às vezes a Orquestra do Maestro Randolpho tocava nessa sala e Fonseca (1974), ao traçar o retrato do professor Felipe Correa Costa, informa que ele tocava violino no cinema.



Programação publicada no jornal *Cidade de Patos* de 23 de janeiro de 1916.

O semanal *Cidade de Patos* publicava a programação das sessões. Elas parecem acontecer cerca de duas vezes por semana, aos Domingos, e nas segundas ou quintas feiras; às 19 ou às 20 horas. Foi feito muito alarde pelo filme “Os Vampiros,” (Louis Feuillade, 1915) que por alguns meses “brevemente” passaria na cidade, embora eu não tenha encontrado anúncio de uma exibição de fato deste filme. Em geral não havia menção do elenco nos programas iniciais. Ao que parece uma mistura de cinejornais, filmes de uma fita descritos pelo seu gênero (no dia 17 de janeiro de 1915, por exemplo, o programa anuncia: “*Law Tennis*, comédia. *Belleza Napolitana*, natural. *Cretinet Victima Honradez*, cômica.”) filmes de mais de um rolo que são descritos mais por seu tamanho e empresa fabricante (das quais notei Gaumont, Pathé, Cines e Pasquali Film) do que conteúdo.

Um exemplo de programa:

Nessa excelente casa de diversão serão hoje projectados os seguintes films, recentemente chegados de S. Paulo. 1ª fita. “Mulher do Ministro”. Grande drama da fábrica Cines em 4 partes. Intervallo. 2ª fita. Gaumont n°24. (natural). 3ª fita. “Fio misterioso.” (cômica).
(Jornal *Cidade de Patos*, 23 de janeiro de 1916.)

Era padrão que a primeira frase dessa programação fosse repetida na maior parte dos anúncios. As fitas eram transportadas pela Estrada de Ferro Mogiana até a estação de Catiara, e então até a cidade por veículos de carga, caso não houvesse enchente. Newton Maciel (200-) conta que quando elas aconteciam, Arthur “simplesmente

²⁰ Não descobri qual era esse preço.

mandava emendar os pedaços das películas já exibidas, anunciando, em um cavalete localizado na esquina, a novidade: HOJE – MISCELÂNIA.”

O tipo de programação muda lentamente – a primeira vez que o elenco de um filme parece ser mencionado é no anúncio de “Ivonne” (Gustavo Serena, 1915) em novembro de 1916:

Intérpretes: Francisca Bertini, a deidade predilecta do publico, perturbada na beleza, sublime na arte. Gustavo Serena, o elegante e incomparável actor, criador do papel “Petrônio” no celebre “Quo Vadis?”. Carlo Beneti, grande actor italiano conhecido do nosso público. A. Albertini, o actor sóbrio e expressivo já aplaudido em muitos trabalhos.

Já em 1932, o estilo do programa é completamente diferente:

Hoje e amanhã, na tela do Cine-Magalhães, a colossal super-alta comédia dramática da Metro Goldwyn Mayer, com o significativo título: GAROTAS MODERNAS [Harry Beaumont, 1928], com Joan Crawford, Anita Page, Doroth Sebastian, John Mac Brow e Nils Áster. Um filme chique e cheio de grandiosidade! Garotas Modernas, é um filme de danças, de farras e de mulheres bonitas. Em NOVE atos. Todos ao Cine-Magalhães! Todos!
(*Apud* SANTANA, Lincoln José. In: *Jornal dos Municípios*. 24 mai. 1969.)

O cinema sonoro surge em 1927 nos Estados Unidos e é importado para o Brasil em 1929, através dos sistemas Vitaphone (som sincronizado em discos) e Movietone (som registrado fotograficamente na película). A novidade faz sucesso e é rapidamente incorporada pelos maiores exibidores. No entanto por se tratar de uma adaptação dispendiosa – que inclui alterações elétricas relacionadas ao funcionamento do aparelho importado e arquitetônicas relacionadas à acústica da sala – faz com que exibidores menos endinheirados busquem alternativas, desde marcas mais baratas com aparelhos semelhantes como a Pacent, a sincronizações improvisadas com projetores silenciosos (FREIRE, 2012, ps.131-136).

As duas salas de cinema que então existiam em Patos foram aparelhadas para som ao mesmo tempo, em 1930, por Joaquim de Castro, dentista vindo de Formiga²¹ (MELLO, 1971). O sistema de som implantado é o Vitaphone, que “não deu certo” por causa da difícil sincronia entre imagem e som, e foi substituído no Cine Theatro pelo sistema Movietone (SANTANA, 1969). Fonseca (1974) conta uma anedota de que antes da introdução do cinema sonoro na cidade, Arthur Tomás mandou pintar na fachada de seu cinema os dizeres “Cinema Calado”, e quando o sistema de som foi inaugurado, que o “C” fosse raspado e substituído por um “F”, ficando assim “Cinema Falado.” Outra versão

²¹ É muito estranho que um empresário de outra cidade simplesmente apareça e forneça adaptações tão caras às duas salas; isso, no entanto, pode ter sido parte de uma estratégia de expansão de seu circuito exibidor (FONSECA, 1974), pois em 1935 o Cine Theatro Glória é arrendado a ele e seu filho (SANTANA, 1969).

da anedota (SANTANA, 1969), é que o contrário tenha acontecido: quando o Vitaphone não funcionou, Arthur desinstalou o aparelho e mandou substituir parte do letreiro para que dissesse “Cinema Calado”.

Aparentemente, o Cine Magalhães estava “em decadência” nesse período e fechava de tempos em tempos (*idem*). Talvez por causa de sua falha em adaptar-se ao cinema falado, talvez por diferença de qualidade de projeção²², talvez por uma pretensão elitista que não se enquadrava mais às condições de sua sala de exibição, o cinema de Arthur Magalhães definha lentamente, até, por volta de 1940, parar de abrir definitivamente.

Cine-Theatro Glória

Em Patos de Minas o *footing*, ou passeio exibicionista pelas ruas, marcado por conversas, flertes, e um tanto relacionado à *flanerie* da cidade moderna, foi chamado de vai e vem. Rafael Freire (2012, ps. 27-31) relaciona a presença do *footing* a um espaço público convidativo à frequência da sociedade; espaços caracterizados pela presença de infraestrutura, como passeios públicos e parques; por símbolos de poder, que suponho tomarem a forma de construções de ordem pública, ou representativas do poderio de entidades particulares; e ao consumismo, visto em magazines e casas comerciais. O cinema estaria, portanto, intimamente entrelaçado com esse movimento de ver e ser visto, afinal também se trata de um entretenimento essencialmente moderno.

O Jardim do Rosário foi um dos primeiros ambientes iluminados na cidade, mesmo antes da instalação da companhia de Força e Luz de Patos de Minas (DANNEMAN, 2016). As colunas sociais observam o movimento ao redor do Cine Magalhães, (DA SILVA, 2015, p.206.) relatando os nomes e vestimentas dos transeuntes das melhores famílias, como feito em outras cidades nessa ostentação que “precisa de registro escrito ou visual de sua presença” (FREIRE, 2012, p.30). Prédios públicos, como o Fórum Olympio Borges e o palacete da câmara municipal foram construídos na avenida Municipal (hoje Getúlio Vargas). No entanto, a avenida não se desenvolveu comercialmente – desde seu projeto de urbanização, foi destinada à construção de habitações particulares. O desenvolvimento comercial no centro da cidade se deu

²² Eu não tenho provas que a projeção no Cine-Theatro era 35mm, mas de acordo com Danneman, “O maior conforto e técnica do maquinário do novo cinema chamaram a atenção do povo”, o que torna isso provável. (“Vai e vem”. In: *Jornal dos Municípios*, 25 dez. 1968.)

principalmente nas ruas Major Gote²³ e General Osório. (MACIEL, 1937) Assim, em 1920, o Cine-Theatro é inaugurado na Rua General Osório, número 168, no quarteirão entre a Getúlio Vargas e a Major Gote. Nessa década o vai-vem se transfere para essa rua, nesse quarteirão²⁴.



Rua General Osório. 1929. Movimento em frente ao cinema (acredito que a terceira casa), na rua General Osório.. Vai-e-vem?
Fonte: Acervo do Museu Municipal.

O Cine-Theatro, que posteriormente passou a se chamar Cine-Theatro Glória em homenagem ao Cine Glória, de Belo Horizonte, pertencia ao Capitão José de Sant’Anna, ou Santana, grafia usada na nomenclatura de ruas e em muitos dos textos que me serviram de fonte, à qual pretendo aderir. Filho de Joaquim José de Santana, um dos responsáveis pela emancipação do Arraial de Santo Antônio dos Patos²⁵, era dono de boa parte das terras que vieram a se tornar o centro da cidade²⁶, tendo doado terras que serviram para construção do Matadouro Municipal, Hospital Regional Antônio Dias, Grupo Escolar

²³ Então Rua Desembargador Frederico. Posteriormente se chamou Rua Benedito Valadares. É o desenvolvimento do que, antes da urbanização, se chamava Beco do Fogo. A grafia atual, “Major Gote”, será adotada a partir daqui.

²⁴ Há artigos memorialistas locais que atribuem o vai-vem à existência de um cinema nas proximidades. Também há um atribuindo-o ao primeiro estabelecimento que vendeu picolé na cidade, o Bar do Lau, nesse mesmo quarteirão. Esse artigo menciona, realmente, uma relação estabelecida com o comércio, que antes funcionaria estritamente através de encomendas e vendedores ambulantes visitando as casas para mostrar seus produtos. (DANNEMAN, 2015; BORGES, 1985; “Vai e vem”. In: *Jornal dos Municípios*, 25 dez. 1968.)

²⁵ Que fazia parte da então Vila de Patrocínio.

²⁶ Rosa da Silva (2015, p.195.) aponta que as terras passam a lhe pertencer apenas depois dos planos de expansão da cidade serem traçadas naquela direção. Parte do território que havia nessa direção é indicado como doação feita ao patrimônio de Santo Antônio, ou seja, patrimônio público, com o qual o terreno de José de Santana passou a fazer fronteira.

Marcolino de Barros, além da Mata de Juca Santana, parte da qual foi preservada na forma do Parque do Mocambo e sua reserva ambiental (*Jornal dos Municípios*, 24 mai. 1969.). Além do cinema, possuía a Casa Santana, que fazia vezes de armazém de cereais, roupas, ferragens, etc, e de hotel, oferecendo quartos, cozinha, pasto e curral; e a Confeitaria Avenida, nas dependências do cinema, onde se vendia doces, caramelos, conservas, bebidas finas, leite, garapa, bife, etc. Em 1926, a confeitaria é vendida para Sóter Carneiro de Abreu, passando a se chamar Confeitaria Abreu. (*Jornal de Patos*, 7 fev. 1926).



José de Santana.

Fonte:

<http://www.efecadepatos.com.br/?p=11178>, acessado em 04 de setembro de 2018.

Casa Sant'Anna
DE
José de Sant'Anna

Completo sortimento de fazendas, ferragens, armarinho, calçados, chapêos, generos etc.
Compra cereaes, algodão, sola e mais generos da terra. - Tem annexo a casa commercial um nôvo e confortavel rancho com quartos fechados, cozinhas - para viajantes, boiadeiros etc.

Pasto e curral unidos ao rancho. Sob a gerencia de Cornelio França -- Rua Dezembargador Frederico.
Esquina da rua José de Sant'Anna.

CONFEITARIA AVENIDA
Grande estock de doces, caramellos, conservas, bebidas finas, leite, garapa, bifes etc.
Sob a gerencia de Gaspar Sant'Anna, -- Rua General Osorio

CINEMA-THEATRO
Films de 1ª ordem, projecções maravilhosas em hora certa
Gerente operador João de Barros -- Orchestra do Maestro Olympio Rocha.
RUA GENERAL OSORIO == PATOS == MINAS

O proprietario **José de Sant'Anna**

Anuncio dos negócios de José "Juca" de Santana.

Fonte: *Jornal de Patos*, 17 mai. 1925. In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=4673>, acessado em 04 de setembro de 2018.

João Luiz Vieira e Margareth Pereira (1986) descrevem a predominância do cinema norte-americano no mercado brasileiro a partir da década de 1920, através de contratos de exclusividade de programação, trustes criando circuitos cada vez maiores de distribuição, e uma dominação ideológica que se estendia à imprensa especializada nas revistas de fã, e até mesmo na própria arquitetura das salas.

Em Patos esse movimento se dá de maneira um tanto restrita – na questão da arquitetura: as salas existentes, uma na própria casa do exibidor e outra, que apesar de construída para ser sala de cinema, não possuía sequer inclinação no solo, com três entradas na frente, palco de madeira, cadeiras de palhinha na primeira e bancos na segunda classe (FONSECA, 1974, p. 264). Não sei quão expressivo era o acesso à imprensa especializada: os signos de modernidade na cidade são no começo do século XX importados do Rio de Janeiro e São Paulo, e a partir de pelo menos 1916 havia uma livraria na cidade (CAPRI, 1916). Ainda assim, os ecos ao menos da distribuição desigual de fitas atinge a cidade: Em seu artigo, Santana (1969) descreve a predominância dos filmes de faroeste, e faz uma lista de atores e atrizes de que se lembra, onde figuram quase exclusivamente artistas estadunidenses. O Cine-Theatro é lembrado pelos filmes seriados que exibia (*idem*), e seus anúncios já clamam “continuação da série, 3º e 4º episódio – grande surpresa para a plateia”²⁷.

Os cinemas de Patos nesse período não parecem ter relação econômica direta, não se assemelhando muito aos trustes que tomariam força nas grandes cidades: Ambos pertenciam a pessoas que Da Silva (2015, p.197) cita como compadres de Olegário Maciel²⁸, mas são em geral descritos como concorrentes a um ponto que causassem prejuízo mútuo. Fonseca (1983) de fato os cita como salas que atendiam cada uma a diferentes facções políticas da cidade, que tinham relação com as famílias Borges e Maciel²⁹. Parece-me apropriado ressaltar, sem querer tirar a validade dessa tese, que as duas salas de cinema são, afinal, locais de entretenimento, entre os quais aparentemente há mesmo um esforço de diferenciação de identidade, e que faz sentido a afirmação de

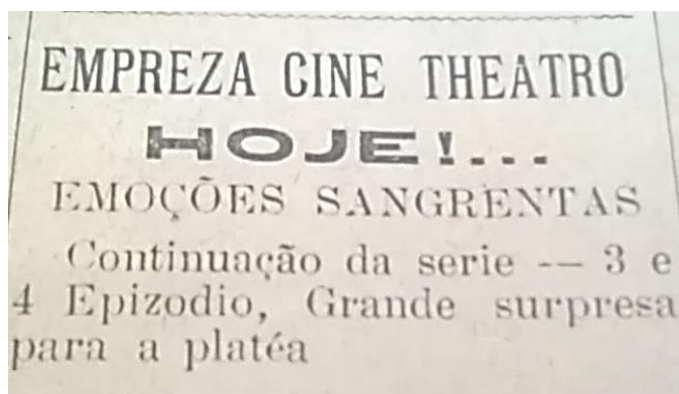
²⁷ Encontrei poucos anúncios da sala, mas cito uma das pequenas notas publicadas no *Jornal de Patos*.

²⁸ Olegário Dias Maciel, deputado federal quando Patos foi elevada à condição de cidade. Participou da “revolução de 1930” e foi vice-presidente do estado, além de ter ocupado vários outros cargos políticos desde antes da república (PACHECO, 1983). Arthur Magalhães foi seu cunhado, e ao longo da história da cidade, três das salas de cinema que existiram pertenceram a descendentes da família. Seu pai Coronel Antônio Dias (MACIEL, 200-) recebeu o título de “Barão de Araguari”, embora isso não dure muito com o fim da monarquia.

²⁹ É possível ler mais sobre esse assunto no trabalho de Da Silva (2015) e tantos outros que se debruçam sobre a política local.

Santana (1969) de que “havia os fãs de um e de outro”. Biltreyst, Lotze e Meers, (2012) ao buscar uma definição social e política de frequentadores de diferentes cinemas em Flanders, notam uma permeabilidade e fluxo da audiência, onde escolhas de que lugares frequentar às vezes sequer estão conscientes de afiliações políticas, e se relacionam mais ao preço da sala, sua programação, sociabilidade dos frequentadores, proximidade física, etc; enquanto associação política certamente é um fator, talvez não tenha o mesmo valor para todos os frequentadores. Para poder fazer afirmações sobre o perfil social e político de frequentadores dessas salas de Patos seria necessário fazer mais entrevistas com pessoas que e as frequentaram.

A sala de José de Santana, como denota o nome, foi um ambiente que além de projeções cinematográficas, servia a apresentações de teatro. Anúncios no *Jornal de Patos* informam de apresentações teatrais dos alunos do Grupo Escolar Marcolino de Barros³⁰. Também aconteceriam ali as apresentações de trupes que passavam pela cidade, lutas de boxe³¹ (SANTANA, 1969), e espetáculos de Variedades (FONSECA, 1974). De acordo com anúncio, seu gerente-operador era João de Barros, um dos líderes da Igreja Presbiteriana local, cuja casa era em frente ao cinema³²; a Orquestra de Olympio Rocha



também é citada, aparentando ter contrato fixo com o estabelecimento. Essa sala de exibição parece construir para si uma espetacularização um pouco diferente da do Cine Magalhães: as projeções³³ eram anunciadas por fogos de artifício

Anúncio do Cine Theatro .
Publicado no *Jornal de Patos* em 3 de maio de 1925. Tirado do acervo do LEPEH, Unipam.

³⁰ 7 fev. 1927. Em entrevista, Dália Maciel (2018) menciona que todas as apresentações dessa escola aconteciam ali. Ela diz ter estudado no colégio a partir de 1935.

³¹ De acordo com artigo, de fato, a primeira luta de boxe da cidade. Os lutadores são aparentemente ambos negros – se a capela do Rosário foi removida para que as elites não se incomodassem com a presença de sujeitos negros, ao mesmo tempo, como entretenimento sua presença seria aceitável? Ou seria essa uma relação mais com uma sala de cinema menos obviamente sofisticada, com espetáculos mais sensacionalistas de conteúdo mais violento, circense, onde seria possível existir permeabilidade social e racial? A segregação entre primeira e segunda classe poderia indicar uma segregação racial?

³² DANNEMAN, Eitel. “Casa de João de Barros”, 2013.

³³ Santana (1969) afirma que não havia horário fixo para elas. De fato não encontrei indicações de horários nos anúncios sobre as salas, apenas o texto usual “projeções maravilhosas em hora certa”. No entanto, como apontado por meu orientador, é mais provável que se esperasse que todos soubessem o horário das projeções. Ainda supomos que pudesse se tratar de uma “cutucada” no concorrente, indicando que as sessões no Cine Magalhães não fossem pontuais, enquanto no Cine-Theatro sim.

(SANTANA, 1969), e as programações com as quais tive contato exclamam “Hoje! Emoções sangrentas!”, ou:

“Amanhã o Cine-Teatro oferecerá, aos seus queridos freqüentadores, o emocionante e colossal filme de guerra, da Fox intitulado AMAR, VIVER E SOFRER! Com Jorge Jessel, David Rollins e Lilla Lee. É um filme máximo de emoções! Quem não assistir este filme se arrependerá! Todos ao cinema Teatro! Todos!”
(Apud SANTANA. In: *Jornal dos Municípios*. 24 mai. 1969.)

De 1935 a 1940, o Cine-Theatro Glória é arrendado a Joaquim de Castro (SANTANA, 1969), que seria dono de uma Empresa Cinemas em Circuito (FONSECA, 1974, p.265), com salas em Patrocínio e Itapecerica³⁴. Nessa ocasião, o projetor, um Pathé Frères, é trocado por um projetor Centauro, marca brasileira, e uma programação descrita por Fonseca (*Idem.*) como “de alta categoria”, que incluía, cita, “Romeu e Julieta” (George Cuckor, 1936), “Dama das Camélias” (George Cuckor, 1936) e “Maria Antonieta” (W.S. Van Dyke; Julien Duviver, 1938)³⁵.



Prédio onde foi o Cine-Theatro Glória, posteriormente Móveis Carvalho.
Fonte: Tirada pela autora em janeiro de 2018.

O Cine-Theatro Glória funcionou até que o Cine Tupan (aberto em 1940) o desbancasse, atraindo todo o público com seu luxo e ares de cinema moderno (FONSECA, 1974). Um anúncio publicado no *Folha de Patos*, de 31 de maio de 1942,

³⁴ Não encontrei mais informações sobre a empresa.

³⁵ É interessante que os filmes “de alta categoria” se refiram a dramas de época, com heroínas femininas, além de é claro superproduções norte-americanas – em um momento que espaços de exibição mais elitizados são também vistos como ambientes feminizados (SNELSON; JANKOVICH, 2011.). Se minha tese de que essa sala buscava um perfil um tanto sensacionalista fizer sentido, talvez isso signifique uma mudança do perfil da sala. O *Jornal de Patos*, que analisei, apresenta programações do Cine-Theatro apenas eventualmente – existiram programações mais completas, como a citada por Santana, mas não tive ainda oportunidade de localizar e analisá-las.

comemora uma tentativa de reabertura da sala, que passaria por uma grande reforma, durante a qual o palco seria reformado e o piso se tornaria um plano inclinado. Apesar de todos os esforços, não consegue fazer concorrência à nova sala e, afinal, encerra suas atividades.



Interior da loja Paulinho Aviamentos em janeiro de 2018. Como comentado por meu orientador, o telhado aparenta ser o original. A respeito disso, de acordo com funcionária a quem perguntei, a maior parte das reformas que sofreu (ao menos a partir da instalação da loja de aviamentos) foram no intuito de restauração. Fonte: Tirada pela autora.

Cine Patense

Outra sala de cinema teria existido na cidade, de propriedade de Óscar Rodarte, fundador e diretor do Colégio São Geraldo, e participante da diretoria do primeiro clube de futebol da cidade³⁶. O cinema ficava ao lado da casa de Olegário Maciel, na Avenida Getúlio Vargas (FONSECA, 1974). Sua inauguração teria sido em 25 de setembro de 1921, mas teria funcionado apenas por dois meses (MELLO, 1971). Fonseca (1983) acredita que tenha sido construído com o objetivo de atender aos dois lados políticos locais, e cita que a sala funcionava às quintas feiras. Não tenho mais informações sobre essa sala de cinema.

Cine Tupan

Os *movie-palaces* americanos, que surgiam a partir de 1911, buscaram tornar a ida ao cinema não apenas confortável, mas também luxuosa, agradando a uma classe

³⁶ “COLÉGIO São Geraldo 1911”. In: Jornal O Commercio, 15 jan. 1911. “PATOS Foot-ball club e sua 1ª assembleia geral”. In: Jornal O Commercio, 19 jul. 1914.

média que inicialmente não admitiria seu gosto pelo entretenimento tão difundido na classe trabalhadora. Esse movimento cria inicialmente um conflito entre exibidores “de cidade grande” e de cidades menores, cujas salas de cinema, menos luxuosas em comparação, e cada vez mais ao fim da fila que aguardava pelos rolos com novos filmes lançados primeiro nos grandes e centrais Palácios do Cinema, passaram a ser percebidas como cada vez piores. (FULLER. 1996).



Fachada do Cine Tupan em 1940.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=313>, acessado em 14 de setembro de 2018.

No Brasil, a abertura de salas de cinema luxuosas a partir da década de 1920, como a Cinelândia carioca, esteve atrelada a um discurso de que era necessário comprovar ao exportador norte-americano que o país era digno de consumir seus filmes, capaz de prestigiá-los como merecem, e não fosse visto com indiferença, pois seria comprovada sua evolução e modernização (VIEIRA; PEREIRA. 1986.). As menores salas de cinema começam a fechar por não poderem competir com as novas salas: monumentos de arquitetura, com salas de espera luxuosas, números de assentos cada vez maiores, poltronas acolchoadas e estrutura de ventilação e troca de ar possibilitando conforto e higiene... Em Patos as primeiras salas, pequenas, adaptadas, após 20 anos com poucas reformas e quase nenhuma mudança de suas condições originais, vão ficando cada vez mais ultrapassadas. Em 1940,

[...] os Cines Magalhães e Glória já estavam em decadência. Não havia mais a apresentação de cinemas ambulantes e muito menos a euforia de antigamente, que chegava a soltar fogos para anunciar a sessão. Será que o povo já havia enjoado daquilo tudo? Alguns empresários de Patos de Minas não acreditavam nessa de que o povo já estava enjoado de cinema. Afinal, em Belo Horizonte os filmes faziam a alegria de muita gente.
(DANNEMAN, 2013.)

Eis que surge o Cine Tupan, inaugurando tardiamente em Patos essa nova era do consumo cinematográfico: prédio de dois andares, com alguma inspiração Art Decó, que se ergue em 1940 na Rua Major Gote, já em vias de se tornar o centro comercial da cidade. Foi um dos edifícios mais altos e imponentes que seriam construídos ali nessa década, se comparados com as casas comerciais de um andar que a dominavam anteriormente. O cinema alardeava ser um dos mais modernos de Minas, perfeitamente comparável às salas de Belo-Horizonte, com sua aparelhagem Zeiss-Ikon 35mm, capacidade para 700 pessoas, um amplo balcão onde ficava a segunda classe, primeira classe na plateia, cadeiras reclináveis, com bilheteiros uniformizados, baleiros que passavam pela plateia vendendo doces³⁷, e até fosso de orquestra³⁸. Sua sessão inaugural teve como cartaz o filme “Louca por música” (Norman Taurog, 1938)³⁹. O Tupan rapidamente se torna o “xodó” da cidade. (FONSECA. 1974.)

O Tupan pertence inicialmente a Bermudes Affonso Alves, conhecido por ser um dos maiores e mais bem sucedidos garimpeiros da região, além de possuir outros garimpos em outras cidades de Minas e Goiás; e Abner Affonso de Castro, dono de terras, que compreendem lavouras de trigo e de rebanhos de gado⁴⁰. Além do cinema, os dois possuíam em sociedade a Casa Gotte, armazém local, segundo seus anúncios um dos mais importantes da região, que teriam adquirido de Sesóstris (Major Gotte) e Amadeus Maciel. Pouco depois do cinema, construíram o Edifício São Bento, ao lado. No salão de festas desse edifício funcionou o Patos Social Clube em seus anos iniciais, um dos

³⁷ Informações dadas por Maria Affonso em entrevista (2018).

³⁸ Informação dada em entrevista por Eugênio Ribeiro (2018), que participou de um projeto que buscava instalar um teatro municipal (de acordo com ele o objetivo era um centro integrado de artes, com projeções de filmes, salas de estudo de música e balé, etc) na cidade, onde as “ruínas” do Tupan foram descobertas praticamente intactas, e sua estrutura foi cogitada como opção. A campanha não deu resultados nessa direção. Hoje o prédio do Cine Tupan foi dividido e abriga lojas, escritórios e consultórios.

³⁹ É importante ressaltar que mesmo na grande inauguração desse cinema mais moderno, estreia em Patos um filme com dois anos de atraso em relação a seu lançamento oficial.

⁴⁰ Fonseca (1974) afirma que o Cine Tupan foi construído quando o garimpo fez Bermudes milionário. Leonardos e Saldanha (1939) listam alguns dos maiores diamantes brasileiros: “[Diamante] Patos: Descoberto em 31 de outubro de 1937, no garimpo de Rodolfo Lemos e Abner Afonso Castro, nas margens do rio São Bento, município de Patos, Triângulo Mineiro. Peso: 324 quilates.” Considerando que o Tupan foi inaugurado em 1940 e o edifício São Bento no ano seguinte, não acho improvável que tenham sido financiados a partir da venda dessa e talvez de outras pedras.

principais estabelecimentos do tipo na cidade, do qual ambos eram sócios, e Abner Affonso parte do conselho fiscal. No salão de festas do Cine Tupan passaram a acontecer reuniões do Aero Clube de Patos de Minas, presidido por Abner Affonso, a partir de sua inauguração em 1952. No entanto, antes disso, em 1942, os dois empresários desfazem a sociedade, ficando o cinema e o edifício São Bento como posses apenas de Bermudes⁴¹.



Cine Tupan e Edifício São Bento como os primeiros “arranha céus” da Major Gote, em 1940.
Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=23049>, acessado em 10 de setembro de 2018.

O salão de festas do Tupan também é citado como um lugar onde aconteciam festas de carnaval. Um dos clubes de bailes da elite da cidade, é colocado diretamente em oposição aos bailes e carnavais da Sociedade Recreativa Patense, como descrito por Alonso Santos (1992) em reportagem: “Tupan era do pessoal da UDN [União Democrática Nacional] e a Recreativa do PSD [Partido Social Democrático]. A rivalidade era grande. Eram comuns os blocos de 5 a 10 garotas, sempre muito animados.” Alonso traça um clima efervescente em suas lembranças sobre o carnaval nesses espaços, dança, lança-perfume; e um artigo de Flávia Lemos da Silva (2006) menciona que os comícios dos partidos nesses espaços separados por apenas um quarteirão de distância, chegavam a resultar em troca de tiros. O cinema dava o direito da meia-entrada sob apresentação de

⁴¹ DANNEMAN. “Cine Tupan.” 2013; “Aero Clube.” 2013; “Ascensão e queda da triticultura.” 2016; Jornal Folha de Patos, 3 mar. 1937; 17 jul. 1937; 22 fev. 1942; 22 mar. 1942; e 29 mar. 1942.

carteirinha aos membros da União dos Estudantes Patense (UEP), que buscavam manter participação política ativa, às vezes resultando na prisão de alguns estudantes⁴². Aquele quarteirão da Rua Major Gote, talvez o espaço mais movimentado e central da cidade, saudosamente lembrado pelo vai-e-vem que acontecia ali, também parece ter sido palco de outros eventos, menos estáveis que passeios e paqueras⁴³.



Vai-e-vem na Major Gote. De acordo com relato (Dennis de Lima e Souza), nesses eventos os garotos formavam essas filas (chama-as mesmo de corredor polonês) e paqueravam as garotas, que passeavam em grupo com suas amigas.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=2767>, acessado em 19 de setembro de 2018.

É claro, o Tupan não era apenas um cenário para o carnaval político local. Aconteciam sessões no cinema diariamente, às 19 e 21 horas, com matinê aos domingos, e os filmes variavam duas a três vezes por semana⁴⁴. Maria Affonso, entrevistada (2018), descreve que “os filmes trocavam todo dia, ou as pessoas não voltariam para ver de novo o mesmo”. Embora não seja fato que realmente tivessem filmes novos todos os dias,

⁴² SILVA. 2010.

⁴³ Me parece mais interessante entender o que isso tudo quer dizer na experiência prática de seus frequentadores, mas precisaria ter feito mais entrevistas, ou apenas repetirei historiadores locais.

⁴⁴ Analisei algumas programações publicadas no *Jornal dos Municípios*, e no *Folha de Patos*. A programação no *Jornal dos Municípios* lista os filmes que passarão em uma semana, seus horários e principais membros do elenco, dificilmente dando mais espaço ou atenção a um filme do que outro. No *Folha de Patos*, embora também semanal, os filmes são anunciados individualmente, com aspectos como o elenco, sinopse ou produtora ressaltados.

realmente não encontrei situações em que a exibição de algum filme foi prolongada por seu sucesso comercial. Entretanto, Fonseca (1974) descreve a enchente que aconteceu em 1941, impedindo o tráfego pela ponte do Rio Paranaíba, por onde passava a jardineira que buscava os filmes que chegavam de trem pela Estação Catiara. Assim, o filme “Seu único pecado” (Louis King, 1940), único filme que teria ficado no cinema, foi exibido por mais de 20 dias seguidos. De acordo com ele, alguns *habitués* do cinema viram o filme mais de dez vezes. Ali também aconteciam apresentações teatrais organizadas por artistas locais, a exemplo, a apresentação em benefício da nova matriz realizada em 26 de Julho de 1943.

Maria Affonso também comenta, em entrevista (2018), que “eram já filmes importados de Hollywood. Não era filme brasileiro não”. Embora essa não seja exatamente uma regra, muitas das programações do Tupan repetem a ladainha: “O mais soberbo espetáculo até hoje realizado em Hollywood: A Viúva Alegre [Ernst Lubitsch, 1934], belíssima interpretação de Jeanette Mac Donald e Mauricio Chevalier”, “Olivia de Havilland, no seu papel mais movimentado desde ‘E o vento levou...’”, ou apenas “comédia da Colúmbia que é um primor!”⁴⁵.

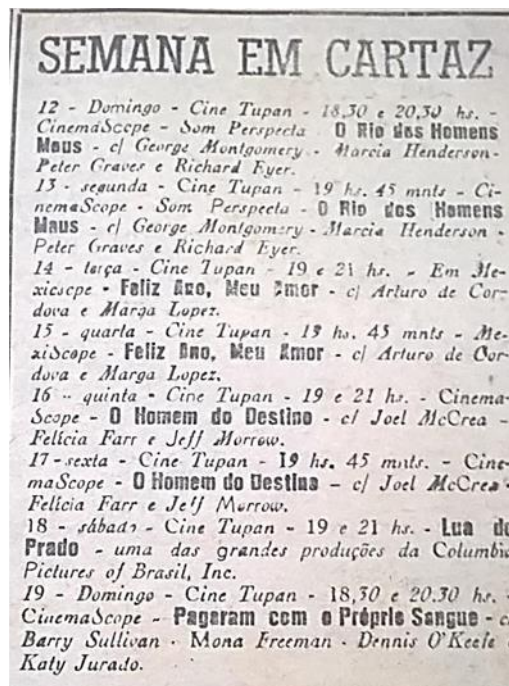
Imagem 1: Programa do Cine Tupan publicado no *Folha de Patos* de 17 de maio de 1942

Imagem 2: Programa do Cine Tupan publicado no *Jornal dos Municípios* de 12 de julho de 1958.

Fontes

Imagem 1: Acervo do LEPEH, Unipam.

Imagem 2: Acervo do Museu Municipal de Patos de Minas.



⁴⁵ Jornal *Folha de Patos*, 4 out. 1942; 20 set. 1942, referente a “Estrada de Santa Fé” (Michael Curtiz, 1940) e 27 dez. 1942, referente a “Bancando a Grãfina”, que não identifiquei .

Também é possível perceber a partir das programações do Cine Tupan, que a casa passa a ser dotada das tecnologias CinemaScope – lentes anamórficas que popularizaram a tela panorâmica, e Perspecta Sound – que transforma banda ótica mono em três canais, ou seja, é possível ouvir o som vindo de direções diferentes.

Mas uma situação perturba as autoridades: a inobservância da censura. Em 1955, o jornal *Correio de Patos* lança a coluna “Quais as dez coisas que Patos mais necessita?” São entrevistados figuras consideradas importantes na sociedade Patense, e ao menos três desses entrevistados colocam em sua lista de prioridades a fiscalização dos cinemas para que crianças não assistam filmes condenados pela censura, ou mesmo seu afastamento completo das sessões noturnas. A bem da verdade, esse tipo de reclamação pode ser encontrada mesmo em 1944⁴⁶. Esses comentários podem ter relação com as encíclicas papais criadas no sentido de direcionar atividades de censura e vigilância em relação ao cinema (BRUM, SILVA, MENDES, 2017). Mas acredito que não seja apenas isso. Artigos que abordam o assunto também mencionam dois outros pontos: uma preocupação com a atividade de pedintes, vandalismo e criminalidade. Um artigo chega a afirmar:

“Todos os filmes recebem o passe livre e estão isentos de quaisquer censuras, por quem quer que seja. É, a nosso ver, a escola prática, o aperfeiçoamento daquilo que a vagabundagem ensina na sua caminhada de ociosidade, de miséria e de vergonha, num mundo despido de responsabilidades, falso de moral cristã e vazio de bom senso. E mais além ainda o quadro se nos antolha mais negro, mais revoltante, porque filho do vício, na sua mais tórpe libidinagem, tem nas suas vísceras, na sua podridão, a volúpia infernal que arrasta para as galerias dos “gangsters”, os profissionais do crime, dos delinquentes por educação de infância, em uma idade justamente quando se forjam caracteres, no período talvez único em que se plasmam os homens de amanhã.”
(*O Patense*, 11 dez. 1949)

O que me parece é que a cidade passa a tentar lidar de maneira um tanto conservadora e mal direcionada – a censura ao cinema e outras casas de divertimento – com um problema social mais profundo que teria resultado em aumento perceptível da criminalidade e do número de pessoas forçadas a viver de caridade⁴⁷, colocando-as mesmo como “bode expiatório”, únicas causas possíveis para a miséria e imoralidade.

O que é aparente é que o Tupan não é indício de uma *bele époque* Patense: por mais que tenha reavivado o gosto pela sétima arte na cidade, dando brilho novo ao vai-e-vem e trazendo-o definitivamente para a Major Gote, me parece, a partir de algumas

⁴⁶ Jornal *Folha de Patos*, 02 jan. 1944; 25 fev. 1945; Jornal *O Patense*, 11 dez. 1949; FERREIRA. 1955; PORTO. 1955; TRAJANO. 1955.

⁴⁷ Tentei entender melhor alguns aspectos econômicos da cidade de Patos de Minas nesse período, mas acredito que não cheguei a nenhuma noção conclusiva se houve ou não uma crise econômica.

reclamações publicadas em periódicos locais cerca de dez anos após sua inauguração, que a sala está muito longe de ser um Palácio.



Edifício Tupan em janeiro de 2018.
Foto tirada pela autora.

No Cine Tupan, as poltronas não eram acolchoadas, não havia renovação de ar, e a reclamação de calor dos frequentadores era constante, ao ponto que um artigo de 20 de novembro de 1949, do jornal *O Patense* sugeriu que a sessão fosse realizada com as portas do cinema abertas, por mais que isso prejudicasse a projeção, apenas para aliviar o mal-estar generalizado. Mais contundente ainda é o artigo de 1952⁴⁸: “cadeiras quebradas, teias de aranha, iluminação deficientíssima, cortinas ensebadas e uma sujeira sem fim. O pior de tudo é a projeção. Houve um dia em que mastigaram quinze minutos do celuloide.” A falta de manutenção do espaço e a qualidade das fitas, que parecem arrebentar com frequência, além de falhas técnicas nos próprios projetores, são tão desanimadoras que o artigo encoraja as pessoas a embarcarem em ônibus e ir assistir filmes em cinemas de outras cidades (havia na cidade, na época, ainda o Cine Olinta, mas o artigo dá a entender que ambos eram igualmente mal cuidados, com os mesmos problemas de projeção). A situação não é novidade para seus frequentadores, que vem reclamando desde 1942:

“Contra a projeção dos filmes na elegante casa de diversões. O aparelho está evidentemente defeituoso, e há já bastante tempo. [...] Sexta-feira por exemplo quando foi exibido o filme nacional “E o circo chegou” [Luiz de Barros, 1940] a projeção prejudicou de tal maneira que inutilizou a película.”
(*Folha de Patos*, 19 jul. 1942.)

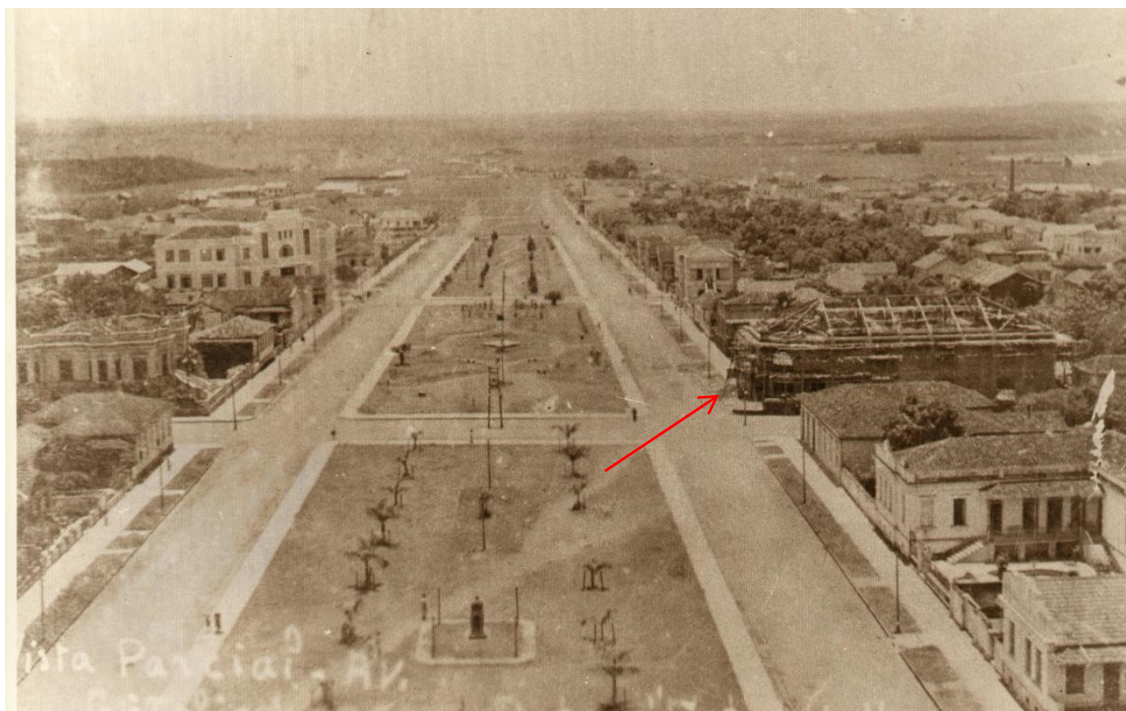
⁴⁸ Jornal *O Repórter*, 12 fev. 1952.

Ainda assim, o Tupan perdura na memória local como o cinema mais luxuoso de Patos de Minas até 1960, quando abre o Cine Garza. A última programação desse cinema que encontrei data de março de 1961.

Cine Olinta

Em algum ponto da década de 1940, o prédio do Cine Magalhães foi demolido. Em seu lugar ergueu-se outro cinema, o Cine Olinta, inaugurado em 1948.

O cinema foi construído por Amadeu Dias Maciel, inicialmente em sociedade com outros comerciantes locais, dentre eles Pacífico Soares Cardoso (que também trabalhara na Casa Gotte, como balconista e gerente) até a sociedade ser desfeita, ficando Amadeu dono único da sala (PACHECO, PACHECO, 1983.). Amadeu tinha negócios no transporte e venda de gado de Luziânia, Goiás, para o Rio de Janeiro, e na produção de manteiga. Principal acionista e diretor da Companhia Força e Luz da Cidade de Patos, responsável pela inauguração da energia elétrica na cidade. Foi dono da Casa Gotte por um tempo, até que a vendeu para Bermudes e Abner Affonso. O nome da sala de cinema é em homenagem a sua irmã, Olinta Maciel Magalhães, que se casara com Arthur Magalhães. Amadeu faleceu em outubro de 1945, e não chegou a ver seu cinema em funcionamento. (MACIEL, 2014). A história do Cine Olinta se torna, então, um tanto obscura – explorado por diferentes empresas, abrindo e fechando intermitentemente.



Cine Olinta em construção, década de 1940. Jardins das praças da Avenida Getúlio Vargas em processo de arborização.

Fonte: Acervo do Museu Municipal.

De acordo com Oliveira Mello (1971), a empresa Irmãos Porfírio Azevedo entra em contato em 1948 com a viúva Jorjeta Maciel, e passam a arrendar o Cine Olinta. A empresa é então comandada por Joaquim Ewandinack (Wande) e Genaro Porfírio de Azevedo, exibidores de Araxá que exploravam comercialmente no começo da década de 1950 tanto o Olinta quanto três salas de Araxá: o Cine Brasil, que passou por diversas administrações e existiu de 1930 a 2015, o Cine Trianon, uma sala menor, seu primeiro empreendimento como exibidor, e o Cine-Theatro Araxá, luxuosa sala na Estância Hidromineral do Barreto, hotel-cassino e ponto turístico. (GOMES, 2017). Os programas que a empresa exibia eram do circuito Serrador⁴⁹.



Palco do auditório da Rádio Clube de Patos, antigo Cine Olinta. Ao centro, em baixo, endereço anterior da Rádio Clube.

Fonte: MELLO, Oliveira. "Patos de Minas: meu bem querer." 2008.

De acordo com o blog Cinemafalda⁵⁰, que detalha informações sobre salas de cinema brasileiras em 1960⁵¹, os dois cinemas pertenciam à empresa: Pessoa & Castro. Fonseca (1974) cita-a como se fosse uma pessoa, dono do Tupan, mas como levantado por Danneman, artigos de jornal sugerem que o cinema pertencia a Bermudes e Abner

⁴⁹ O trabalho de Amanda Gomes (2017) trata desses exibidores, bem como das salas de cinema de Araxá, de maneira mais aprofundada.

⁵⁰ <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/patos-de-minas-mg.html>, acessado em 19 de setembro.

⁵¹ De acordo com o blog, o Cine Olinta possuiu 550 lugares, enquanto no livro de Adamar Gomes (2011) a quantidade de assentos informada é 650. Nada impede, é claro, que a quantidade cadeiras tenha mudado em reformas. A informação sobre quantidade de lugares do Tupan também provém desse blog.

Affonso. O espólio deste último também cita o Edifício São Bento, o Tupan, e Bermudes⁵² como comprador dos espaços. O cine Olinta não figura nesse espólio, mas acredito que Pessoa & Castro seja o nome da empresa que os dois sócios possuíam, apesar de não ter encontrado registros dela.

Programações dos cines Tupan e Olinta publicadas no *Jornal dos Municípios*⁵³, organizadas em um único anúncio estruturado de maneira semelhante às programações do Tupan, normalmente veiculadas nesse mesmo jornal, apontam a possibilidade de os dois cinemas terem sido explorados pela mesma empresa por um momento. Nessas programações, é aparente que o Olinta tinha sessões diárias às 19 e 21 horas, e também há indicações de projeções em CinemaScope e Vita Vision, outra tecnologia relacionada à introdução da tela panorâmica e qualidade de imagem. Seu projetor era da marca Simplex, 35mm. (Jornal *O Repórter*, 12 fev. 1952.)



Programação do Tupan e Olinta no *Jornal dos Municípios* de 25 de dezembro de 1958.

Fonte: Acervo do Museu Municipal.

A Rádio Clube de Patos se muda para o prédio do Cine Olinta em 1959 (DANNEMAN, 2018), ocupando completamente o edifício. Criada em 29 de novembro de 1941 por Bernardino Corrêa Júnior (Nhonhô Corrêa), João Gualberto de Amorim

⁵² Se chamo a atenção de volta a Abner Affonso tantas vezes mesmo quando Bermudes que ficou com o cine Tupan, é em parte por não ter encontrado com facilidade outras informações sobre o garimpeiro, que parece administrar garimpos em outras cidades além de Patos, e em parte por perceber alguma continuidade nas ações de Abner Affonso e os vários clubes com os quais se envolve, localizados muitas vezes no Olinta ou Tupan.

⁵³ Aqui observo programações de 1958 e 1959. Em 1960 já não encontrei programações do Cine Olinta nesse jornal, que pode ter fechado novamente no ano anterior.

Júnior (Zico Amorim), Modesto de Melo Ribeiro, Olavo Gualberto de Amorim e Ruy Gualberto de Amorim, sua inauguração se deu no Edifício São Bento⁵⁴. Curiosamente, em 1945, Zico Amorim, que também era um dos fundadores da Sociedade Recreativa Patense, publica um texto com uma listagem de elementos que considera necessários à modernização de Patos de Minas, dentre os quais:

“[A prefeitura] deve incentivar as empresas particulares que tem por mira o nosso engrandecimento quer material, quer moral, quer intelectual, isentando-as de taxas onerosas ou fornecendo-lhes gratuitamente nos primeiros anos de funcionamento: água, luz e energia elétrica, uma vez construíam prédios de vulto, destinados a hotéis, cinemas, bancos, fábricas e clubes importantes, como o da Sociedade Recreativa, Aero-Clube, Cine-Tupan, Cine Olinta, Magnífico Hotel, Ginásio Municipal, Casa de Saúde Imaculada Conceição e a nova Matriz ou futura Catedral.”
(AMORIM. 1945.)



Prédio do Cine Olinta no período em que se tornou sede da Rádio Clube de Patos.
Fonte: GOMES, Adamar. “Rádio Clube, setenta anos e suas histórias: 1940 a 2010”. 2011.

A rádio funcionou em dois endereços da Rua Major Gote, antes de se mudar, ocasião em que o prédio do Olinta é fechado para algumas reformas. Os diretores da estação de rádio nesse período são Sebastião Alves do Nascimento, conhecido como Binga, filho de Abner Affonso que foi prefeito da cidade, Sebastião de Castro Amorim, Bernardino Corrêa Júnior e Abner Affonso de Castro, dono da Casa Gotte. Os diretores

⁵⁴ Jornal *Folha de Patos*, 10 jun. 1945.

anunciam sua intenção de “levar regularmente a Patos grandes cartazes do rádio carioca, paulista e mineiro, inclusive companhias de teatro para temporadas na cidade. A propósito, deve-se ressaltar que o povo Patense é grande apreciador de teatro, sério, ou de revista.” (GOMES, 2011.) Transformado em auditório da rádio, o Cine Olinta, ainda foi palco e local de ensaio de companhias de teatro amadoras, shows de talento da rádio⁵⁵, e eventos beneficentes, dentre eles o concurso de Folias de Reis que acontece anualmente, considerado importante para a manutenção e valorização dessa tradição local.



Rádio Clube de Patos de Minas em janeiro de 2018, vista da praça do coreto.

Fonte: fotografado pela autora.

Ainda que o prédio tivesse sido ocupado pela rádio, o auditório chegou a ser novamente equipado e a funcionar como sala de cinema, por certo tempo. Em entrevista, Marcos Garcia afirmou que o Cine Olinta foi abandonado antes de se tornar auditório da rádio, mas poucas reformas foram necessárias para que voltasse a funcionar, a principal delas, a instalação de um novo projetor. Funcionou como uma das casas de exibição da empresa de seu pai, Márcio Garcia, que foi proprietário de salas de cinema em Patos no período de 1961 a 1998. Acredito a partir desse depoimento que o Olinta reabriu por volta do ano de 1970. Segundo Marcos Garcia, esse cinema teria funcionado regularmente como sala de cinema comercial por cerca de 8 anos, e desde então seria aberto apenas em ocasiões especiais, como a Semana Santa, na qual havia mais afluência de público do que seria considerado comum. Eugênio Ribeiro menciona que Márcio Garcia muitas vezes

⁵⁵ Informações contadas em entrevista por Maria Florisbete Silva (2018) e Renildo Marques (2018).

disponibilizava a sala para projeções especiais do cineclube que Eugênio e outros jovens participantes do Encontro⁵⁶ organizavam. As demais sessões do cineclube teriam acontecido no Centro de Estudos Supletivos de Patos de Minas, CESU, que ficava na Major Gote nº 1091, a dois quarteirões do Cine Garza. Marcos comenta que o Cine Olinta teria sido desativado por volta de 1982 ou 1983.



Imagem: Desmonte do auditório da Rádio Clube de Patos (antigo Cine Olinta).
Fonte: fotografado pela autora.

Lembro-me de assistir a um recital de piano no auditório da rádio há alguns anos, sem saber que se tratava de um cinema, e que assim que adentramos o edifício havia uma sala muito luxuosa, cheia de espelhos, e meu pai disse que “antigamente aquele era um lugar chique”. Acredito que era sua sala de espera. Mantido até 2017 em condições muito semelhantes às da época de seu funcionamento como cinema, incluindo cadeiras, um palco que passou por algumas reformas, e espaço da tela, o antigo cinema foi transformado em janeiro de 2018 em um depósito para a loja de móveis e eletrodomésticos chamada “Renato Representações”. A reforma foi apenas no auditório, a área ocupada pela rádio no segundo andar foi mantida sem alterações.

Em conversa, Marialda Coury relembra que quando o público saía de um filme que descreve como “de guerra, muito triste”, os exibidores lançaram pétalas de flores da

⁵⁶ Encontro foi um movimento cultural em Patos de Minas por volta da década de 70, envolvendo companhias de dança locais, apresentações musicais nas praças e ruas da cidade, e principalmente apresentações teatrais, tendo como mentor Vicente Nepomuceno, teatrólogo. O movimento teria resultado na criação da Fundação Cultural Alto do Paranaíba, FUCAP. Informações adquiridas em entrevista a Eugênio Ribeiro (2018).

torre da Matriz, que fica quase em frente ao cinema, fazendo com que ela e o resto do público caísse em prantos.



Imagens: desmonte do auditório da Rádio Clube/Cine Olinta.
Fonte: fotografadas pela autora.

Saindo do Centro

Gostaria de propor uma descentralização literal: mesmo que de maneira muito resumida, por causa do pouco acesso que tive a materiais relativos a essas salas de cinema, apresentar alguns espaços de exibição que não funcionam a favor de minha hipótese sobre as relações das elites agrárias com os exibidores de Patos de Minas. Também me interessa citar salas que de outra maneira parecem deslocadas ou isoladas das que dominam esse trabalho: por se localizarem em distritos que se desenvolveram a partir de outros arraiais que não Santo Antônio dos Patos, mas ainda se relacionam profundamente com a cidade de Patos, não só tendo-a como centro regional, mas também fazendo parte do município por um período. Assim, não poderia excluir:

O Cine Brasil, que surgiu em uma região popular de Patos de Minas, relativamente afastado do centro e relacionado ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Os Cinemas de Presidente Olegário: Cine Paroquial, Humaitá, Glória e Rosa; cidade que se desmembra de Patos de Minas em 1938, antes distrito chamado Santa Rita de Patos. Os Cinemas de Lagoa Formosa: Cine Lagoense, Esperança e Vera Cruz 1 e 2; e os cinemas de Guimarães: Cine Guimarães e Rex. As duas cidades se desmembram de Patos na mesma data em 1962. Seria apropriado dedicar a cada uma dessas cidades e salas mais tempo de pesquisa; registrado aqui está apenas um apontamento inicial sobre elas. Seria interessante, de fato, um trabalho específico voltado para cada cidade, e não apenas um parêntese em um trabalho sobre outra cidade.

Cine Brasil

Único cinema de bairro de Patos de Minas, o Cine Brasil funcionou em frente à Praça dos Bandeirantes, entre as ruas Marechal Floriano e Joaquim das Chagas, na sede do Sindicato dos Trabalhadores da Construção civil. Teria sido construído com o interesse de atender à população dessa região considerada periférica (MELLO, 1971): a praça está na divisa entre três bairros, Brasil, Várzea e o centro da cidade. O bairro Brasil se desenvolveu ao redor da Avenida Brasil, onde foi instalada a primeira beneficiadora de arroz da cidade, rua que também leva para a ponte do Rio Paranaíba, e em seguida à estrada em direção à estação Catiara, talvez podendo ser considerado um bairro proletário. A Várzea, periférica desde o desenvolvimento inicial da cidade, “bairro de pessoas de cor”, foi conhecida até por volta da década de 90 como uma zona boêmia⁵⁷.

⁵⁷ DANNEMAN, Eitel. “Avenida Brasil na década de 1960 – 2”. 2017; (*Idem*) “Prostituição”. 2013; *Jornal Folha de Patos*. 05 set. 1941.

De acordo com Oliveira Mello (1971), os ingressos consideravelmente mais baratos que os dos cinemas do centro deram ao Cine Brasil grande popularidade, mesmo que não possuísse o mesmo luxo que essas casas de exibição relativamente mais modernas. Foi fundado por José Honório Rodrigues, presidente do Sindicato dos



Quadro com a foto de José Onório Rodrigues pendurado na recepção do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil. Fonte: Tirada pela autora.

Trabalhadores da Construção Civil, também foi propriedade de José Bontempo e José Amorim, e funcionou de 1957 a meados de 1961. O cinema fez tanto sucesso que passou a concorrer realmente com as salas do centro, e essa foi a razão pela qual ele fechou: as “firmas grandes e poderosas” às quais pertenciam os cine Tupan e Garza teriam “concorrido deslealmente”⁵⁸ com o Cine Brasil, até que a sala de exibição trouxesse apenas prejuízo a seus donos, e tivesse que ser fechada (MELLO, 1971).

Não encontrei outros registros escritos sobre o Cine Brasil, ou programações publicadas em jornais⁵⁹. Maria das Graças, entrevistada, conta que funcionava predominantemente aos domingos, à tarde, e que depois da sessão havia movimento em bares ao redor da Praça dos Bandeirantes. Eram raras sessões de filmes adultos, que aconteceriam nos sábados à noite. Segundo ela, a programação sofria grande atraso em relação às salas do centro, e não era raro que as fitas arrebentassem de forma que era impossível continuar a sessão. O público era composto principalmente por trabalhadores

⁵⁸ Mello não explica o que quer dizer com concorrência desleal. Imagino que não tenha se tratado simplesmente de preços menores. Discutindo com a banca que avaliou esse trabalho foi levantada a suposição de que os exibidores do centro da cidade tenham se voltado contra o caráter popular do Cine Brasil, e não tanto contra uma perda expressiva de clientela, o que parece provável uma vez que, conforme comentário de Maria das Graças, a elite patense frequentadora das salas do centro não iria ao Cine Brasil.

⁵⁹ Acredito que existam documentos sobre esse cinema no Arquivo Morto do Sindicato dos Trabalhadores da Construção da civil, mas ele foi interdito pelo corpo de bombeiros por condições estruturais do local e insalubridade do material, aparentemente, em um sentido que a porta que levava ao arquivo foi emparedada. Pesquisadores que desejam acessar o material aguardam novas notícias.

da construção civil e suas famílias, mas era acessível, mesmo para pessoas da zona boêmia que sequer podiam frequentar as ruas do centro da cidade. De acordo com seu depoimento, a elite Patense não frequentava a sala, “não se misturava”. Maria das Graças descreve que não havia ventiladores ou qualquer outra forma de conforto, com tela menor do que a dos cinemas do centro, cadeiras desconfortáveis⁶⁰, sem piso inclinado⁶¹. O espaço posteriormente teria servido como salão nobre para festas e para o Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, para apresentações culturais esporádicas, reuniões de partidos políticos, e por alguns anos como pré-escolar.



Prédio onde funcionou o Cine Brasil – embora tenha passado por extensivas reformas em 2009, quando foi acrescentado o segundo andar e uma expansão para os lados aconteceu. O prédio original teria existido na área onde está a oficina e outras lojas na esquina e continuação da rua, que não podem ser identificadas a partir da foto. Informações conseguidas em conversa com Vicente de Paulo Caixeta.

Fonte: Fotografado pela autora.

⁶⁰ Não improvisadas, ela descreve fileiras de cadeiras idênticas emendadas uma à outra realmente, mas talvez compradas usadas, pois lembra de cadeiras quebradas, e se Maria Florisbete coloca que nenhum dos cinemas era realmente confortável, Maria das Graças descreve o Brasil como “mais” desconfortável.

⁶¹ Não sei precisar, a partir de seu relato, muitas informações sobre a projeção. Havia dois projetores, pois não aconteciam interrupções durante a exibição de um longa metragem. Também não tenho informações sobre a programação da sala, pois Maria das Graças foi a única pessoa que frequentou o Cine Brasil dentre as que entrevistei, e não se lembrava que filmes assistiu nessa sala.

Cinemas de Presidente Olegário

Presidente Olegário, surgido da fazenda de Brejo Alegre no território de Paracatu, passa a fazer parte da então Vila de Santo Antônio de Patos em 1880 quando se torna Distrito de Santa Rita de Patos. Em 1938 consegue emancipação política, tornando-se cidade de Presidente Olegário, também desmembrando os distritos de Lagamar e Ponte Firme para constituir o município. (MELLO, 1985). De acordo com estimativa do IBGE, a população em 2018 é de 19.377 pessoas, em sua maioria na zona rural, com uma densidade demográfica de 5,3 habitantes por quilômetro quadrado⁶².

Não encontrei, ao menos no mapeamento que realizei, registro de salas de cinema fixas nesse local no período em que pertencia ao município de Patos de Minas. Mello (1985) lista o Cinema Paroquial, criado em 1949 por Pe. Clovis Santana e que funcionou por pouco tempo⁶³; o Cine Humaitá, fundado em 1952 na Rua Felisberto Fonseca, criado por Waldemir Juvenal de Almeida; época em que a energia da cidade era abastecida pela usina Perau das Andorinhas. Com nome inicial de Rua do Rego, onde ficava a bica que abastecia a cidade (*idem*), a Rua Felisberto Fonseca, hoje, é o centro comercial de Presidente Olegário. Zé Maria (2018), entrevistado, consta que o vai e vem acontecia na Praça da Matriz, relativamente distante dali. Estelina (2018), em entrevista, lembra ter assistido a um filme de *Frankenstein* nesse cinema quando criança, comentando que não havia censura etária. Ainda de acordo com ela, era uma sala improvisada sem declive no solo e cadeiras diferentes entre si, e posteriormente, quando o cinema foi transferido para a Praça 13 de Março, onde hoje existe um supermercado, passou a ser muito pouco frequentado, pois era apenas um barracão com uma tela e “nem mesmo um lugar pra gente encostar”. Em crônica, José Batista Coury (*Apud* MELLO, 1985) recorda-se:

“com alegria do Clube Humaitá, todo mundo dançando, todos descontraidamente. O Zico tocando sua banda de música. O Zé Rassi parando o cantor Luís Gonzaga (de passagem de Paracatu para Patos de Minas) que estava na jardineira e, tanto falou que Luís Gonzaga deu o ‘show’ de graça em cima de um caminhão.”

Acredito se tratar do mesmo espaço do cinema, fazendo vezes de casa de festas. O Cine Humaitá teria fechado por volta de 1960.

⁶² Ao passo que Patos de Minas apresenta uma densidade de 43 hab/km²; Lagoa Formosa 20 hab/km² e Guimarães 19 hab/km². Belo horizonte tinha 7167 hab/km²; tudo isso de acordo com o censo de 2010.

⁶³ Não tenho outras informações sobre essa sala: entre as pessoas que entrevistei nenhuma se lembrava dessa sala, e a cidade só teve jornais locais em circulação de 1940 a 1944 (jornal *Presidente Olegário*) e a partir de 1983 (*Correio Olegarense*) (MELLO, 1985).



Supermercado onde foi o segundo endereço do Cine Humaitá.
Fonte: fotografado pela autora.

O Cine Glória surge em 1962 (*idem*), sendo seus gerentes e proprietários os Padres Expedito e José André Coimbra Caldeira; irmãos e professor e diretor do ginásio que hoje se chama Colégio Padre José André. Construído ao lado do colégio, também funcionou como salão nobre, realizando formaturas e bailes; em frente, funcionava o clube social Andorinhas. Próximo à Praça da Matriz, aquele se tornou um trecho movimentado de Presidente Olegário, onde existiam também alguns bares. De acordo com Zé Maria, o cinema funcionou inicialmente com um projetor 16mm, até que foi arrendado para a exibidora Patense Cineminas⁶⁴, de Márcio Garcia Roza, quando foram instalados projetores 35mm. Ainda segundo ele, aconteceu uma votação para decidir o novo nome da sala, que passou a se chamar Cine Rosa.



Palco e relevos na parede do Cine Rosa em Outubro de 2018. Hoje fundos do Escritório Paroquial.
Fonte: Fotografadas pela autora.

⁶⁴ Da qual faziam parte em Patos as salas Garza, Riviera e Olinta em seu período final de funcionamento como cinema.

Zé Maria se lembra dos seriados de Tarzan e Super-Homem, que passavam depois do longa metragem; além dos filmes de Trinity e Mazzaropi, este último também teria visitado a cidade a pedido dos novos exibidores. Segundo ele a sala funcionou aos fins de semanas, com repetições irregulares da programação ao longo da semana. Ele recorda que era frequente arrebentar a fita, e nessas ocasiões as partes cortadas eram distribuídas, e ele e outras crianças faziam *slides* para lanterna mágica caseira que chamavam de “cinema em casa”. Maria, outra entrevistada (2018), conta ter assistido *Dona Flor e Seus Dois Maridos* (Bruno Barreto, 1976) nesse cinema, levando a entender que não havia censura moral no Cine Rosa, apesar de suas relações com a comunidade católica. Estelina comenta que durante a década de 1970 os padres partiram para Paracatu, e a sala entrou em decadência, em um sentido material, pois parte do teto com elaborados desenhos em gesso começou a cair. Construído por mão de obra italiana, o Cine Rosa era considerado luxuoso, com desenhos em relevo nas paredes que estão preservados até hoje. Transformado em escritório paroquial, em restauração teve o antigo teto, tela, cadeiras e inclinação do solo removidos, mas o palco original e muito de sua estrutura ainda existem.



Frente do Cine Rosa.

Fonte: Fotografada pela autora.



Formatura no Cine Rosa. De terno, à direita, Padre José André Coimbra.
Foto gentilmente cedida por Eli Marra .

Em meados da década de 2010, o projeto *Cine Art's*, desenvolvido pela prefeitura, consistia na projeção (em data show) de filmes de maneira gratuita para alunos das escolas públicas de Presidente Olegário. Por causa de danos estruturais no prédio que o abrigava, ao lado da Secretaria Municipal de Educação e adaptado ao uso como sala de cinema, o projeto está desativado há dois anos.



Prédio do projeto Cine Art's da prefeitura de Presidente Olegário.
Fonte: Fotografadas pela autora

Cinemas de Lagoa Formosa



Imagem produzida pela autora.

De acordo com o *site* da prefeitura de Lagoa Formosa essa cidade se desenvolveu a partir de um local onde os tropeiros a caminho de Paracatu paravam para descansar e alimentar os animais, chegando a ser chamado Lagoa das Éguas por um tempo. Tornou-se uma freguesia de Patos de Minas em 1878, e ao longo dos anos teve relações culturais com Patos, Santana de Patos e Patrocínio. Construída ao redor da lagoa que caracteriza seu nome (chamada de Lagoa D'água pelos moradores, provavelmente para não haver confusões entre referências à lagoa e à cidade em si), possui de acordo com estimativa do IBGE 17.991 habitantes em 2018.

Minha pesquisa acerca das salas de cinema de Lagoa Formosa se baseia em duas entrevistas: com Célio Fonseca, historiador, e Carlindo Machado, que foi exibidor, proprietário das salas Cine Lagoense e Cine Vera Cruz 1 e 2. Assim, não tenho outras informações sobre o Cine Esperança, cuja existência é mencionada em artigo de 12 de fevereiro de 1952 do jornal *O Reporter*: “o ônibus da Lagôa Formosa está saindo e o Cine Esperança daquele distrito está levando a série do Gordo e o Magro e não quero perdê-

la,” ou sobre o Cine Marabá⁶⁵, embora acredite que os dois se referem ao mesmo espaço do Cine Lagoense, sob diferentes administrações. Também não tenho muito a apresentar sobre salas além das citadas que tenham existido – Célio Fonseca menciona exibições em uma casa na orla da Lagoa d’Água, na Avenida Brasil, entre as décadas de 1930 e 1940, com um projetor amador. De acordo com ele as projeções eram realizadas em um salão, para uma dúzia de familiares. O relato oral, além disso, torna questões como datas e outros dados numéricos extremamente vagos.



Endereço do Cine Lagoense (e talvez Cine Marabá e Esperança) em julho de 2018.
Fonte: Fotografado pela autora.

O Cine Lagoense funcionou em frente à praça Dona Filomena, sala modesta, um tanto improvisada (sendo a tela apenas um pano branco colocado na parede) em prédio que existe até hoje, onde há um escritório de contabilidade. Foi inaugurado antes de existir luz em Lagoa⁶⁶, período em que a única iluminação da cidade, algumas lâmpadas na rua do cinema, e a energia usada pelo próprio cinema, era fornecida pela fábrica de manteiga Paladina, que ficava na Praça Dona Filomena onde atualmente existe a prefeitura de Lagoa Formosa. Ali acontecia o vai e vem da cidade. Na marquise do cinema, havia um

⁶⁵ Citado no blog <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/patos-de-minas-mg.html> como o cinema que existia na década de 1950.

⁶⁶ Que foi instalada em 1955, feito atribuído a Genésio Garcia Roza, então prefeito de Patos de Minas. (Jornal *Correio de Patos*. 20 fev. 1955).

serviço de autofalantes, funcionando a partir de um aparelho toca-discos 48rpm, que fornecia músicas a pedido, de forma que o *footing* nessa cidade, musicado, talvez também indique um espaço público que funciona como pista de dança⁶⁷. O cinema não possuía bomboniere, mas vendedores ambulantes frequentemente se posicionavam nessa rua. Carlindo Machado não foi o primeiro proprietário da sala, comprando-a de José Amorim, e posteriormente o vendeu para José Paraná, que trabalhava até então no Ponto Chic⁶⁸, sorveteria e bar Patense que de acordo com Carlindo, então funcionava como cassino. Com 127 lugares⁶⁹, o cinema possuía um projetor 16mm.



Primeiro endereço do Cine Vera Cruz (dividido em livraria e loja de eletrônicos), em julho de 2018.
Fonte: fotografado pela autora.

Por volta do final da década de 60, Carlindo Machado abriu a sala de cinema Vera Cruz, na rua Joca Limírio, que então era o centro comercial de Lagoa Formosa; por volta

⁶⁷ Nas entrevistas que fiz danças não foram mencionadas.

⁶⁸ Informação dada por Carlindo (2018). Eu não consegui outras informações sobre ele, ou o dono anterior do Lagoense, a partir dos nomes mencionados pelo entrevistado. O Edifício Ponto Chic fica na esquina da Rua General Osório com a Major Gote, construído em 1935 próximo ao Cine Teatro Glória, e lá foi inaugurada a Recreativa Patense. O prédio foi inicialmente uma expansão do Bar do Lau, previamente citado. (DANNEMAN, 2015).

⁶⁹ De acordo com o blog <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/patos-de-minas-mg.html>

da década de 1970 seu estabelecimento mudou de endereço para a rua Antônio Cadete, em frente à praça da matriz. Local de grande movimentação popular, com muitos bares, recebeu um edifício construído com a intenção de funcionar como sala de cinema, com som estéreo, piso inclinado e sala de espera confortável. O Cine Vera Cruz fechou ainda na década de 70, e o prédio hoje é um bar, com um salão de festas no espaço onde ficava o cinema, tendo passado por reformas na área do palco e adaptações, como a colocação de um piso plano, que mantiveram algumas das características originais da sala. O primeiro endereço do Cine Vera Cruz deixou de se parecer com uma casa de exibição, sendo dividido em duas lojas, mas também existe no tempo de escrita desse trabalho. Ambos os cinemas possuíram projetor 35mm, podendo fazer exibições anamórficas ou em panorâmica “Cinemascope”.



Segundo endereço do Cine Vera Cruz (prédio vermelho) em julho de 2018.
Imagem produzida pela autora.

As latas de filme eram alugadas em Belo Horizonte e transportadas nos ônibus da Gontijo, que fazem o trajeto Belo Horizonte-Patos de Minas, e recebidas por Zilca Maciel em sua pensão. As latas ficavam de sexta a terça-feira em Lagoa Formosa e então eram devolvidas, sendo que apenas filmes que faziam muito sucesso reprisavam mais de três

vezes na programação. De acordo com Célio Fonseca, muitas vezes acontecia de o ônibus passar direto pela cidade e as latas não serem entregues, cancelando sessões do cinema.

Carlindo Machado cita Grande Otelo, Zé Trindade, Ankito e Mazzaropi; afirmando que os comediantes faziam muito sucesso em seu cinema, chegando a atribuir a este último 50% da renda total do cinema em determinado período. O Grande Sertão Veredas também fez muito sucesso em Lagoa Formosa, pois cenas foram filmadas ali, e o sucesso se estendeu às salas de Patos de Minas, onde o filme estreou antes, pois muitas pessoas de Lagoa Formosa foram até lá para assisti-lo primeiro. Machado comenta que o cinema era “de segunda classe”, alugando fitas mais velhas e estragadas, por valores menores, em comparação à “cidade grande” (a metade do valor pago pelos exibidores Patenses, de acordo com ele), e era muito frequente que as fitas arrebentassem, ocasião em que o público costumava bater nas cadeiras.

Aconteciam nesse cinema, em geral, duas sessões no sábado e domingo à noite, além das matinês no domingo, e geralmente o público era escasso em dia de semana, quando só havia uma sessão. De acordo com Machado, a maior parte dos outros filmes que passavam era americana, mas havia também exibição significativa de filmes italianos. Outros sucessos que cita são “Love Story” (Arthur Hiller, 1970) e Romeu e Julieta (Franco Zeffirelli, 1968), que teria lotado a sala nos três dias em que foi exibido; além de uma versão de “A Vida de Cristo” exibida todos os anos na Semana Santa, quando “a fila para entrar no cinema parecia a fila do SUS”.

Cinemas de Guimarães

De acordo com o *site* da prefeitura de Guimarães, o povoado então chamado Serra Negra da Boca da Mata surge perto de vasta expansão de mata de cerrado, ao pé da Serra Negra, a partir da passagem de tropeiros em busca de ouro no caminho de Araxá para Paracatu. Loteada por um fazendeiro da família Guimarães, que também proveu material para construção das casas, se tornou um distrito em 1938, passando a ser chamada de Vila dos Guimarães. A estimativa do IBGE para 2018 é que possuía 7.971 pessoas.

A primeira sala de cinema de Guimarães foi construída em 1953 por Antônio de Camargos Braga, chamada de Cine Guimarães, e possuía capacidade para 200 pessoas⁷⁰. Em 1971 o mesmo exibidor constrói outra sala, na mesma Rua Conselheiro Rufino, dois

⁷⁰ De acordo com o blog <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/patos-de-minas-mg.html>

quarteirões abaixo do endereço original, consideravelmente maior, com o nome de Cine Teatro Rex, que substituiu o Cine Guimarães, agora sob administração de seu filho. (NUNES, 2012.) Nessa rua aconteceria também o vai-e-vem, que de maneira semelhante à Lagoa Formosa, contava com o serviço de autofalantes Paraíso, criado em 1950, funcionando na esquina em frente da qual o Cine Guimarães se instalou. Após as projeções, seria um costume encostar as cadeiras do cinema à parede, transformando o espaço em uma pista de dança. Quando o Cine Teatro Rex fechou, foi transformado por Antônio (filho) em uma danceteria. Hoje, no endereço do primeiro cinema, existe uma rádio, e no endereço do segundo, um bar e uma loja de roupas⁷¹.



Endereço do Cine Guimarães em julho de 2018. O prédio foi dividido em uma casa, a sede de uma rádio e um salão de beleza.

Fonte: Fotografado pela autora.

Antônio Camargos, que foi electricista e responsável pela manutenção da usina e rede elétrica que abasteciam Guimarães, é sobrinho de Francisco Pires de Camargos e Maria Cândida Cunha, que doaram as terras para as primeiras instalações do povoado;

⁷¹ Considerando o serviço de autofalantes oferecido pelo Cine Lagoense, a Rádio Clube e o Cine Olinta em Patos, o Cine Rádio citado por Gomes (2017) e as salas de Guimarães, parece haver uma relação entre cinema, pista de dança e rádio que não se baseia somente no aproveitamento de músicas e personalidades famosas dessa indústria em chanchadas e outras produções: talvez apenas regionalmente as indústrias se misturam, em seus espaços físicos, nas mídias que exibem, em sua própria identificação... Talvez de uma maneira parecida à relação de cinemas e teatros nesse período. Acredito que essa questão merece ser estudada mais a fundo, em trabalhos dedicados a ela.

além disso, seu pai teria sido o primeiro comerciante da cidade, com um armazém em frente à matriz. (NUNES, 2012)



Endereço do Cine Teatro Rex em junho de 2018, onde funciona o bar “degraus”.
Fonte: fotografado pela autora.

Antônio informa, em entrevista, que o Cine Guimarães funcionava com projeção 16mm, aos fins de semana. Nos dias de semana, com o mesmo projetor do cinema fixo e os filmes lançados no fim de semana, Antônio se tornava exibidor itinerante nas comunidades rurais próximas, dentre elas: Pântano, Santana de Patos, Cruzeiro da Fortaleza, Serra do Salitre, etc. O transporte era feito de carro, e essas projeções aconteceriam em geral em escolas e igrejas. A programação era combinada com a administração desses lugares com antecedência, e afixada em cartazes. As fitas chegavam a Guimarães através do ônibus que ligava Belo Horizonte e Patrocínio. Quando o Cine Teatro Rex é inaugurado, já com projeção 35mm, tela panorâmica, de dez metros de largura, Antônio continua seu trabalho como exibidor itinerante e o projetor 16mm por algum tempo. Suas filhas trabalhavam na bilheteria do Cine Rex.

No primeiro andar do Cine Rex, quando esse funcionava, existiu um bar, enquanto o cinema ficava no subsolo, grande salão acessado por uma escada – razão pela qual o estabelecimento que atualmente existe em seu endereço se chama Degraus. As cadeiras

teriam sido compradas de um cinema de Patrocínio que fechara, e posteriormente, quando o Cine Rex fechou, foram vendidas para uma igreja de Unaí. O sistema de som teve um fim parecido, sendo vendido separadamente para uma igreja em Pântano.

Quanto à programação, Antônio e a esposa relembram do sucesso dos filmes seriados, e da predominância de filmes estadunidenses e italianos.

Voltando a Patos...

Cine Garza

O Cine Garza foi inaugurado em 1960, na Rua Major Gote. Seu proprietário, Márcio Garcia Roza, já possuía no mesmo endereço o Roza Hotel, um dos mais luxuosos da cidade, e inaugurou no ano seguinte, no mesmo complexo de prédios, a Churrascaria Okey e a *Boite* Menina Moça. A notícia da inauguração desses dois estabelecimentos (*Jornal dos Municípios*, 9 fev. 1961) professa intenção de servir como cartão de visita da cidade, chamando atenção para seu mobiliário moderno, iluminação, e cozinheiro contratado em São Paulo. Na boate aconteceram desfiles para escolha da Rainha do Milho, e outros eventos da alta sociedade Patense, irradiados diretamente pela Rádio Clube de Patos. O Cine Garza foi por um breve período o maior e mais luxuoso cinema da região, com 1200 lugares, balcão e projetor Simplex 35mm⁷² (FONSECA, 1974).



Rua Major Gote na década de 1960, com destaque ao Cine Garza e Roza Hotel.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=23929>, acessado em 23 de setembro de 2018.

⁷² O chassi de um projetor Simplex 35mm está guardado no Museu Municipal. Está registrado como projetor do Riviera. Em entrevista Eugênio Ribeiro (2018), ex-projecionista do Cine Garza, afirmou se tratar do chassi de um projetor do Garza. Conta que quando a Fundação Cultural Alto do Paranaíba (FUCAP) buscava construir um espaço cultural (Cineteatro Vincente Nepomuceno, que funcionou por um breve período com exibições de filmes de arte e projeções beneficentes, atualmente desativado), ambos os projetores, muito deteriorados, foram doados para essa organização. Eugênio teria restaurado um deles e o instalado no cineteatro. (Por enquanto não consegui entrar nesse espaço, que hoje pertence a um grupo religioso, mas de acordo com Eugênio o projetor ainda está lá.) O segundo projetor foi inutilizado, pois teve peças canibalizadas para restauração de sua cópia, e foi doado para o Museu Municipal.



Projektor do Cine Garza, no depósito do Museu Municipal.
Imagem produzida pela autora.

Márcio Garcia, médico, contava ainda com outros projetos, em sociedade com seu irmão Genésio Garcia, um dos fundadores e diretores da Sociedade Recreativa Patense e prefeito eleito em 1954: a Loja da Seda, venda de tecidos no edifício da Recreativa; uma empresa de beneficiamento e armazenagem de cereais, ao redor da qual fizeram o loteamento de 1450 lotes, a Vila Garcia (DANNEMAN. 2013). Márcio também teria possuído dois grandes edifícios comerciais em Belo Horizonte, que foram desapropriados pela prefeitura para construção da rodoviária⁷³.



Outros empreendimentos de Márcio Garcia.

Fontes: Revista Silhueta, junho de 1963; <https://www.efecadepatos.com.br/?p=25923>, acessado em 23 de setembro de 2018.

Após a inauguração do Cine Riviera, sala ainda maior e mais luxuosa, o Cine Garza assume um papel de “sala B”, exibindo majoritariamente filmes de ação, infantis

⁷³ Informações dadas por Marcos Garcia (2018) em entrevista.

em matinê e religiosos. O Garza também é lembrado pelos filmes com censura para maiores de 18 anos, dentre os quais as pornochanchadas⁷⁴. De fato, Marcos Garcia afirma que o Cine Garza tinha um repertório mais popular do que o Riviera. No entanto, essa memória dos filmes pornográficos e violentos atrelada ao Garza em oposição ao Riviera me parece mais uma identificação com o perfil popular criado da sala do que uma realidade de sua programação. Ao menos, dentre os programas que pude analisar, filmes “impróprios” também eram exibidos no Riviera – por exemplo, em 2 de maio de 1981, o Riviera exibiu “Bonitinha mas Ordinária” (Braz Chediak, 1981), enquanto o Garza exibiu “Chamavam-no Demolidor” (Acredito que “*Occhio alla pena*”, Michele Lupo, 1981); e uma lista de filmes projetados encontrada na ruína do Cine Riviera datada de abril de 1977⁷⁵ cita apenas filmes para maiores de 18 anos. Acho interessante mencionar uma portaria de 1969, assinada pelos juiz e promotor de menores de Patos de Minas, que proíbe aos “menores de 14 (quatorze) anos o acesso a espetáculos ou exibições que iniciem depois da 20 (vinte) horas, inclusive, ou que terminem depois das 22 (vinte e duas) horas”, além, é claro, da vigência de censura etária já delegada a cada exibição e espetáculo. (*Jornal dos Municípios*, 28 set. 1969) A portaria não individualiza salas, indicando que filmes adultos eram exibidos em ambos os cinemas, desde que depois das 20 horas⁷⁶.

Maria Florisbete, entrevistada, ao se lembrar do Cine Garza, ressalta suas cadeiras desconfortáveis, o barulho característico do projetor, a baderna que seria comum no mezanino, de onde seria comum jogar alimentos nas pessoas das cadeiras de baixo. Renildo Marques se lembra nostalgicamente das comédias, dos filmes de kung fu e principalmente os faroestes que passavam ali, comentando que tinham uma influência tão grande em sua vida que inclusive procurava comer o que os personagens eram vistos comendo na tela. Enquanto isso, o Riviera é marcado na memória de ambos como o local dos grandes lançamentos, dos romances, dramas e filmes de suspense e terror. O Cine Garza também era o lugar onde os garotos da cidade se reuniam, antes das matinês, para trocar revistas em quadrinhos.

Encontrei programações do Cine Garza em vários veículos: isolados, do começo da década de 1960, no *Jornal dos Municípios*, e dividindo espaço com programações do

⁷⁴ Estes foram os únicos filmes brasileiros dos quais meus entrevistados puderam se lembrar frente a uma pergunta direta sobre eles, embora em outros momentos tenham mencionado as comédias de Mazzaropi e os filmes de Roberto Carlos.

⁷⁵ Encontrada por Luís Eduardo Falcão. A foto da lista está reproduzida ao fim do capítulo.

⁷⁶ Isso pode querer dizer que o Garza exibisse pornochanchadas e outros filmes adultos de caráter popular enquanto o Riviera exibia filmes adultos que possam ser considerados de arte, como visto no exemplo, onde o Riviera exhibe uma adaptação de uma peça teatral de Nelson Rodrigues.

Cine Riviera na revista *A Debulha* e jornal *Folha Diocesana*, nas décadas de 1970 e 1980. Embora relativamente simples na *Folha Diocesana*, na *Debulha* as programações cobrem a contracapa final da revista, em impressão colorida e além de horários e comentários hiperbólicos convidando o público ao cinema, apresentavam reproduções dos cartazes dos filmes projetados.



Entrada do Cine Garza e Roza Hotel, década de 1960.
Fonte: Acervo do Museu Municipal.

Ao analisar as programações, também me chamou a atenção outro fator: Em 1980 e 1981, anos antes do fechamento do Garza, encontrei várias vezes programações em que até 3 filmes tinham projeções programadas no Riviera e nenhum no Garza, independente de seu conteúdo, em uma crescente diminuição das atividades no cinema mais antigo. Talvez isso já indicasse uma dificuldade em manter duas salas tão grandes em funcionamento em Patos em um período de fechamento de salas de cinema de rua, especulação imobiliária, desvalorização dos centros das cidades, e outros fatores

mencionados mais tarde. Os textos memorialistas sobre o vai e vem (*Jornal dos Municípios*, 25 dez. 1968) insistem, afinal, que ele só dura até fins da década de 1970, o que pode indicar um processo semelhante de desvalorização acontecendo em Patos.

Cine Garza
Programação da Semana

- 5 - Domingo - às 6,45 e 8,45 hs. - **Sombra Malignt** - c/ Richard Todd e Anne Baxter.
- 6 - Segunda - às 6,45 e 8,45 hs. - **Paladinos de França** - c/ Rick Bataglia e Rosanna Schiaffino.
- 7 - Terça - às 6,45 e 8,45 hs. - **O Rancoroso** - c/ Ben Gazzara - Mark Richman.
- 8 - Quarta - às 6,45 e 8,45 hs. - **Entre a Vida e a Morte** - c/ Dana Andrew e Linda Darnel
- 9 - Quinta - às 6,45 e 8,45 hs. - **Dona Xépa** - c/ Alda Garrido e Nino Nello.
- 10 - Sexta - às 6,45 e 8,45 hs. - **Trinta e Nove (39)** Degraus - c/ Kenneth More e Taina Elg.
- 11 - Sábado - às 6,45 e 8,45 hs. - **Cielito Lindo** - c/ Rosita Quintana e Luiz Aguilar.
- Domingo - às 6,45 e 8,45 hs. - **Rei do Laço** - c/ Dean Martin e Jerry Lewis.

CINEMA
Nosso Cinema no Final de Semana

CINE RIVIERA

DIA 01 - SEXTA-FEIRA AS 20:00 HORAS.
DIA 02 - SÁBADO EM 2 SESSÕES
DIA 03 - DOMINGO EM 2 SESSÕES
DIA 04 - SEGUNDA-FEIRA AS 20:00 HORAS.

BRUTAL ONDA DE 40 METROS FAZ EMBORCAR O ENORME NAVIO À MEIA NOITE DA VESPERA DE ANO NOVO!

"O DESTINO DO POSEIDON"

COM GENE HACKMAN, ERNEST BORGNINE e CAROL LYNLEY
CENSURA 14 ANOS - COLORIDO

CINE GARZA

DIA 01 - SEXTA-FEIRA AS 19:45 HORAS
DIA 02 - SÁBADO EM 2 SESSÕES AS 19:00 e 21:00 HORAS.
DIA 03 - DOMINGO EM 2 SESSÕES AS 18:45 e 21:00 HORAS.
DIA 04 - SEGUNDA-FEIRA AS 19:45 HORAS.
DIA 05 - TERÇA-FEIRA AS 19:45 HORAS

ESTÁ DE VOLTA O MAIOR COMEDIANTE DO BRASIL, MAZZAROPI em

"A BANDA DAS VELHAS VIRGENS"

A MAIS DIVERTIDA COMEDIA DO ANO!
CENSURA LIVRE - COLORIDO

Empresa Cineminas
- SEMPRE UM BOM PROGRAMA -

CINE RIVIERA

A partir do Dia 05 - Sábado
Em duas sessões às 19:00 e 21:00 horas
Dia 06 - Domingo
Dia 07 - Segunda-feira - às 20:00 horas

Steve McQueen em seu elemento natural, a cavalo e com uma arma na mão em...

"TOM HORN"

CENSURA 16 ANOS - COLORIDO

CINE GARZA

A partir do Dia 12 - Sábado
Em duas sessões às 19:00 e 21:00 horas
Dia 13 - Domingo
e a seguir Segunda e Terça-feira às 19:45 horas

Jacky Chan de volta em outro formidável filme de Kung Fu e comédia!

"O Mestre Invencível"

Censura 14 anos - Colorido

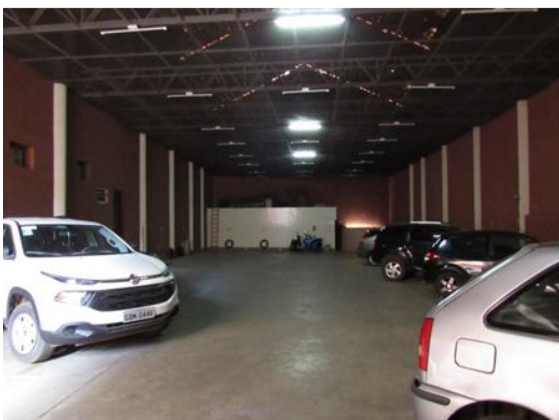
Programação do Cine Garza em diferentes veículos: *Jornal dos Municípios*, e em conjunto com o Riviera na *Revista A Debulha* e no jornal *Folha Diocesana*.

Fonte: Imagem 1: *Jornal dos Municípios*, 5 mar. 1961. Imagem 2: *Revista A Debulha*, 30 nov. 1981. Imagem 3: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=20788>, acessado em 28 de setembro de 2018.

Oliveira Mello, em entrevista, comenta que durante as filmagens do “Grande Sertão” (Geraldo Santos Pereira; Renato Santos Pereira, 1965), quando os atores ficaram hospedados no Roza Hotel, o ator Milton Gonçalves teve entrada barrada na Recreativa, por ser negro. Segundo ele, mesmo o vai e vem, organizado em um espaço público, também era segregado, sendo frequentado pelas “boas famílias” de um dos lados da rua, e por trabalhadores, empregadas domésticas e “pessoas de cor” do outro. Não encontrei registros escritos dessas políticas racistas, ou comprovação de que teriam se estendido aos cinemas. Debati com Florisbete e Renildo, que concordaram não se lembrar de regras explícitas proibindo o acesso de negros a esses espaços, mas acreditam que haveria um

preconceito velado, e Florisbete comenta que raramente via alguma amiga negra em qualquer estabelecimento no centro da cidade. Ao mesmo tempo, concordam que a Recreativa e o Patos Social Clube eram espaços mais restritivos do que quaisquer boates do centro, também mais do que os cinemas, sendo permitida a entrada apenas a sócios mensalistas e convidados. Florisbete menciona que o público do Riviera era relativamente mais elitista que o do Garza.

O Cine Garza fecha em 1985, por falta de público (ROZA. 1985), e é citado por exibidores como Marcos Garcia e Carlindo Machado, além da historiadora Anatildes Nunes (2012) como uma das vítimas da crise no mercado de exibição causada pelo advento da televisão. Chegando ao Brasil em 1950 como um produto de acesso restrito, até pioneiro, capaz de garantir o acesso ao produto audiovisual no conforto da casa, se disseminou no país a partir da década de 1960⁷⁷. Não encontrei muita coisa sobre a chegada da televisão a Patos de Minas, mas um artigo da revista *A Debulha* (PACHECO. 1982) menciona que os primeiros aparelhos foram instalados na cidade na década de 1960, e que era um bem relativamente comum no começo da década de 1980, embora ficasse fora do ar parte significativa do tempo.



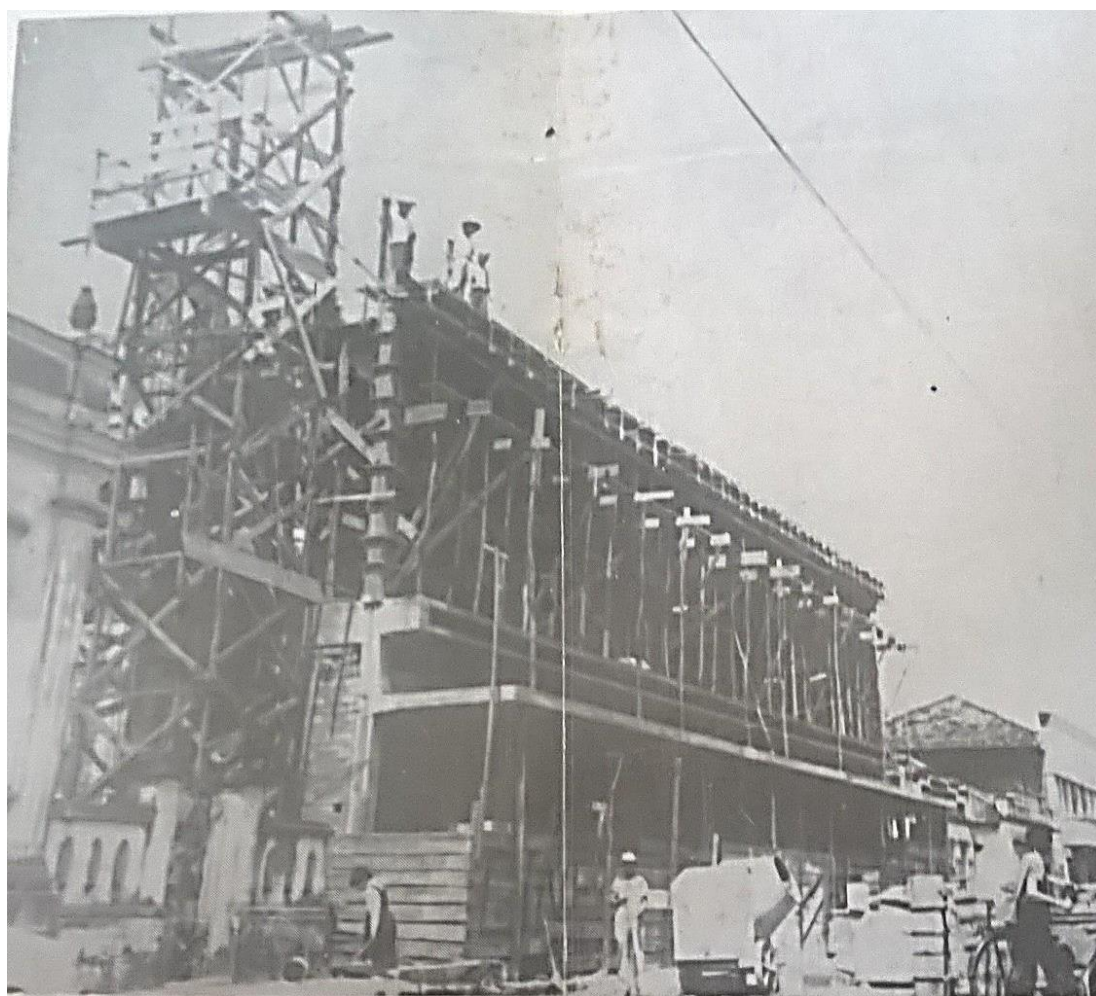
Imagens do estacionamento construído no galpão do Cine Garza. Na primeira imagem é possível ver a estrutura do mezanino. A segunda imagem são os fundos do galpão, onde se encontraria a tela, em uma parede curva. A terceira imagem é de onde ficariam as últimas cadeiras, em direção à tela.

Fonte: Fotografados pela autora

⁷⁷ JAMBEIRO, 2002. *Apud* LEAL, 2009.

O Roza Hotel ainda existe no mesmo local de sua inauguração; embora tenha passado por muitas reformas. Lojas de bijuteria, telefonia e pastelarias ocupam a área que foi a entrada do cinema, e o prédio onde as exibições aconteciam teve quase todas suas características internas removidas, mas a estrutura foi mantida, e hoje é um estacionamento mensalista. Há um restaurante no segundo andar do prédio do Roza Hotel, onde acredito terem existido a boate e a churrascaria que compunham as opções de entretenimento oferecidas no local.

Cine Riviera



Cine Riviera em construção, 1960.

Fonte: Revista *A Debulha*, Nº 97. 1961. Acervo do Museu do Milho.

Inaugurado em 1963 por Virmondes Affonso de Castro, filho de Abner Affonso⁷⁸, o Cine Riviera tinha de acordo com reportagem (*Revista Silhueta*. 1961) 1500 lugares,

⁷⁸ O mesmo que fora dono do Cine Tupan. Fonseca (1974) e Mello (1971) concordam que o Cine Tupan tenha fechado por não ser capaz de competir com o Cine Garza – acredito que quando o Riviera foi

aparelhagem Phillips, cadeiras da marca Cimo (Floribete conta que antes de ser estofada, já era reclinável), e acústica Eucatex, “podendo projetar qualquer tipo de filme, seja panorâmico, Vita Vision, Cinemascope, contando também com amplo palco para apresentações teatrais”, bomboniere “ricamente decorada com painéis ilustrativos”, sala de espera e instalações sanitárias modernas e confortáveis. Após uma reforma, foi o primeiro cinema de Patos com cadeiras estofadas. Em reforma em 1985, o sistema de carvão mineral foi substituído por lâmpadas de Xenon, (ROZA, 1985) e o palco foi ampliado. Em 1995, a sala possuía apenas 960 cadeiras; acredito que a quantidade tenha diminuído ao longo do tempo (Marcos Garcia cita que o cinema possuía 1350 cadeiras, por exemplo, ao invés de 1500).

Na notícia sobre a inauguração do Cine Riviera, parece acompanhá-lo o projeto de uma boate chamada Giki. Ao invés de uma boate, no mesmo prédio do cinema veio a funcionar o Patos Social Clube, sociedade que havia surgido no Edifício São Bento.



Edifício do Patos Social Clube e Cine Riviera na década de 1960.

Fonte: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=24294>, acessado em 23 de setembro de 2018, às 20:00.

Márcio Garcia propõe em 1968 o arrendamento do Cine Riviera para sua empresa Cineminas, com sede em Belo Horizonte, e salas em doze cidades, dentre elas: João Pinheiro, Carmo do Paranaíba, Ibiá Unaí, Vazante, Patrocínio, Bom Despacho e Itaúna

inaugurado o Tupan já tenha fechado, mas que faça mais sentido que se trate de uma continuidade das atividades desses exibidores, de um empreendimento de família.

(ALMEIDA, 2011), funcionando em circuito, com as salas lançadoras em Patos⁷⁹ e filmes alugados em Belo Horizonte, para onde Márcio e sua família se mudam na década de 60. A proposta é recusada, mas uma sociedade entre os dois proprietários é feita, criando a Cine Patos Ltda.⁸⁰ e delimitando a exploração comercial de ambas as casas de exibição. No ano seguinte, Márcio Garcia compra o Cine Riviera (FONSECA, 1974). Em 1985, há menção de que os filmes desse cinema passaram a ser encomendados do Rio de Janeiro, permitindo que fossem exibidos lançamentos mais recentes (ROZA, 1985).



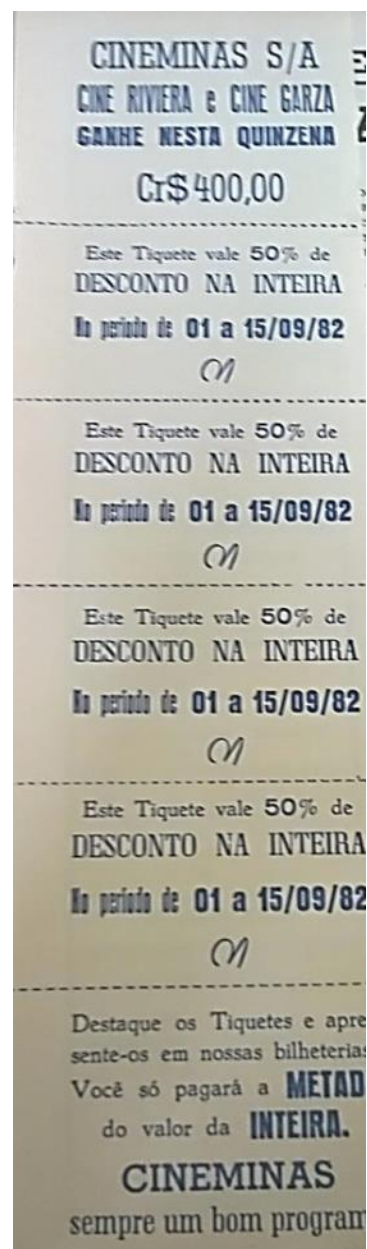
Cine Riviera durante apresentação de dança da Academia Lúcia Queiroz.
Imagem gentilmente cedida por Lúcia e funcionárias da academia.

⁷⁹ Informações citadas por Marcos Garcia. De acordo com ele, em 1985, quando o Garza é fechado, funcionavam apenas as salas de Patrocínio e João Pinheiro, além do Riviera. Marcos descreve dois circuitos de cinema separados: Cineminas e Patos Cinematográfica. Aquela teria salas na região de Belo Horizonte, incluindo Curvelo, Santo Antônio do Monte, Bom Despacho, Cláudio, Lagoa da Prata, Sabará e Itaúna; enquanto o outro circuito se referiria a Patos de Minas e cidades próximas. Nos programas do Cine Riviera e Garza publicados na Revista *A Debulha*, figura o *slogan* da Cineminas, mas Marcos admite que as empresas não eram na prática tão isoladas uma da outra, e seus negócios se misturavam.

⁸⁰ De acordo com entrevista a Marcos Garcia (2018), essa era uma sociedade que se renovava semanalmente, com acerto de contas entre os proprietários toda segunda-feira. No espólio de Virmondes (dono inicial do Riviera), constam tanto a Cine Patos Ltda., localizada no Riviera, quanto uma outra empresa no mesmo endereço (Rua General Osório nº 91), a “Boa Vista Empreendimentos de Patos”, sob a gerência de Marcos Garcia (filho de Márcio Garcia, dono do Cine Garza). Segundo Marcos, que assumiu a administração dos cinemas Patenses em 1975, seu pai alugou o Cine Olinta logo após Virmondes vender-lhe o Riviera. O acordo foi feito com Sebastião “Binga” Alves do Nascimento, irmão de Virmondes, o que acredito que indique que o Cine Olinta realmente chegou a pertencer a Abner Affonso, e não apenas o Tupan, como mencionado anteriormente.

Grande cinema lançador do circuito Patense, o Cine Riviera foi famoso pela projeção de filmes musicais, romances e dramas, além dos maiores sucessos de Hollywood. Muitas das pessoas com quem conversei mencionaram de maneira muito emocionada o filme “Dio, come ti amo!” (Miguel Iglesias, 1966), chegando a cantar ou buscar na *internet* vídeos de sua cena final. O filme ficou semanas em cartaz, sempre lotado. De maneira semelhante foi a exibição de “Titanic” (James Cameron, 1997), um dos últimos filmes a passarem no Riviera, e de *Evita* (Alan Parker, 1996), que teriam ficado em cartaz por mais de um mês⁸¹. Além disso, o espaço foi usado para formaturas da Universidade Patos de Minas (Unipam), e de muitas escolas do ensino fundamental, como o Colégio Normal, apresentações de final de ano de todas academias de dança que existiam na cidade⁸², além de eventos esporádicos como palestras de igrejas católicas e evangélicas, apresentações teatrais, tanto de grupos de Patos quanto grupos convidados, musicais, incluindo a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Arthur Moreira Lima, Paulinho Pedra Azul, Tonico e Tinoco e até mesmo Roberto Carlos.

Encontrei cupons de desconto datados de 1982 para os ingressos das salas Patenses dentro de uma revista *A Debulha*. Valendo desconto de metade do valor da entrada inteira, indicam que o preço de uma entrada no cinema nesse período era igual nas duas salas, não havia divisão de primeira e segunda classe, e o valor da inteira era Cr\$ 200,00. Não sei dizer se os cupons vinham com a assinatura da revista ou se estavam ali por acaso. De acordo com Marcos Garcia, também era oferecido desconto na entrada a quem trouxesse ao cinema a programação da semana assinada, comprovando que frequentara o cinema



Cupons de desconto para entrada nos Cine Garza e Riviera encontrados dentro de uma revista *A Debulha*.
Fonte: Fotografado pela autora.

⁸¹ De acordo com Marcos Garcia.

⁸² Marcos descreve a existência de cinco academias: Adriane Gonçalves, Lúcia Queiroz, Equilíbrio, Cristiane Moraes, e uma quinta academia cujo nome não se recorda, que acredito se tratar do Ballet Estúdio de Rosana Romano, cujos três primeiros festivais aconteceram no Riviera (PACHECO, 1980).

anteriormente na semana; além da meia entrada para alunos com a carteirinha da União dos Estudantes Patenses (UEP).

O Riviera já dá anúncios de fechamento em 1995. Teria sido colocado à venda, de acordo com a reportagem, justamente pela falta de público⁸³. Um desses anúncios, publicado na revista *Phatos* (1 jan. 1995), apresenta o ranking dos 10 filmes de maior bilheteria nesse cinema de 1989 a 1995. Os primeiros da lista são “O Casamento dos Trapalhões” (José Alvarenga Jr, 1988), e “Princesa Xuxa e os Trapalhões” (José Alvarenga Jr, 1989), ambos exibidos em 1989, com mais de 10 mil ingressos vendidos, seguidos de *Rei Leão* (Roger Allers, Rob Minkoff, 1994), exibido em 1994, com 9816 ingressos vendidos. Todos os outros filmes da lista são exibidos em 1990 e 1991: “Ghost” (Jerry Zucker, 1990), “Lua de Cristal” (Tizuka Yamasaki, 1990), “Sonho de Verão” (Paulo Sérgio de Almeida, 1990), “Uma Escola Atrapalhada” (Del Rangel, 1990), “Dança com Lobos” (Kevin Costner, 1990), “Exterminador do Futuro II” (James Cameron, 1991) e “O Mistério de Robin Hood” (José Alvarenga Jr, 1990), sendo que os dois últimos listam pouco mais de 5 mil ingressos vendidos. Esses números realmente parecem insuficientes para a manutenção de um cinema de quase mil cadeiras, principalmente se tratando das dez maiores bilheterias em um período de 6 anos.

Ao longo de 31 anos, muitos filmes se destacaram na programação do Cine Riviera tais como: <i>E o Vento Levou</i> , <i>Restou e Jibeta</i> , <i>O Semanista</i> , <i>Lagoa Azul</i> , entre outros. Veja abaixo, o ranking das maiores bilheterias a partir do ano de 1989.							
	TÍTULO	Público	Ano		TÍTULO	Público	Ano
1	O Casamento dos Trapalhões	10.433	1989	6	Sonho de Verão	6.918	1991
2	Princesa Xuxa e os Trapalhões	10.195	1989	7	Uma Escola Atrapalhada	6.854	1990
3	Rei Leão	9.816	1994	8	Dança com Lobos	6.134	1991
4	Ghost	8.449	1991	9	Exterminador do Futuro II	5.861	1991
5	Lua de Cristal	8.424	1990	10	O Mist. de Robin Hood	5.246	1991

Tabela dos 10 maiores sucessos de bilheteria de 1989 a 1995 no Cine Riviera.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12454>, acessado em 28 de setembro de 2018.

Mas o que acredito que chama mais atenção nessa lista: apesar de uma supremacia histórica dos filmes de Hollywood na exibição brasileira, 60% dos filmes de maior bilheteria apresentados aqui são brasileiros, com grande destaque para os filmes

⁸³ Outra matéria sobre o mesmo assunto, publicada na revista *Diga*, de abril de 1995, associa essa falta de público ao videocassete. Este vai além da televisão, permitindo o acesso ao material audiovisual em casa sem restrições de horário, além da repetição do filme inteiro ou de cenas específicas, gravação de programas de televisão, permitindo um controle por parte do espectador que antes não seria possível. O videocassete cria maneiras novas e mais individualizadas do público se relacionar com o audiovisual, que talvez já vislumbrem as tendências frente às novas mídias digitais. (ALLEN, 2011.)

estrelados por Xuxa e Renato Aragão. De fato, também há uma predominância de filmes infantis dentre as maiores bilheterias, ocupando 60% dos filmes.



Bilheteria do Cine Riviera. Revista Diga, abril de 1995.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=23270>, acessado em 23 de setembro de 2018, às 20:00.

O Cine Riviera não fecha em 1995, no entanto: continua funcionando até 15 de dezembro de 1998, quando é consumido por um incêndio.

Na manhã de terça-feira, o cinema estava vazio quando pegou fogo, com exceção de Marcos Garcia e César Roberto Ferreira, funcionário do cinema, que tentaram apagar as chamas por dentro em vão, pois os estofados das cadeiras, cortinas do palco, onde começou o fogo, e revestimento acústico eram altamente inflamáveis. O único ferimento causado em todo o incidente é o braço quebrado de um dos bombeiros que se mobilizaram para conter as chamas. No entanto, o prédio queimou até que só sobrasse uma estrutura metálica retorcida da sala de exibições – graças a seus esforços, no entanto, a sala de espera e a de projeção ficaram razoavelmente intactas, assim como o Patos Social Clube e lojas ao redor, que tinham sido evacuados. O incêndio teria sido causado por uma falha no sistema elétrico, que dois dias antes havia iluminado uma apresentação de balé da Academia Adriane Gonçalves que lotara o cinema⁸⁴. (ALMEIDA, 2008.) Marcos Garcia

⁸⁴ Consuelo Nepomuceno conta, em conversa, que durante a apresentação houve comentários sobre o risco de incêndio que o equipamento de iluminação, improvisado e provisório, representava. Eugênio Ribeiro conta como a FUCAP, que provia estrutura de som e iluminação para a maior parte das apresentações de

expressa além do pesar pelo incêndio, grande alívio que ele tenha ocorrido na terça-feira, pois o cinema não possuía uma estrutura adequada para esse tipo de eventualidade: Não tinha, por exemplo, uma saída de incêndio, comunicando com o exterior do prédio apenas pela entrada frontal, que compreendia a sala de espera e dois longos corredores que atravessavam por baixo do Patos Social Clube até a bilheteria e a rua.



Incêndio do Cine Riviera.

Fonte: <https://www.efecadepatos.com.br/wp-content/uploads/2013/04/A11.jpg>, acessado em 29 de novembro de 2018, às 16:00

Houve tentativas de reconstruir o cinema, por parte dos donos e da FUCAP, através de estratégias similares ao financiamento coletivo e de editais de incentivo à cultura (Jornal *Folha Patense*, 19 dez. 1998). Afinal o orçamento do projeto de reconstrução desanimou esses esforços, por parecer um projeto por demasiado caro, em um momento que a sala de cinema de rua não era mais considerada economicamente viável, e quando já surgiam os primeiros complexos de cinema de shopping.

Quando abriram as primeiras salas de cinema de shopping em Patos de Minas, em 2001, os projetores do Riviera foram comprados por Pedro Naves, dono da empresa de Multiplex “Cinemas”, e tiveram suas bobinas adaptadas para que os filmes pudessem ser projetados em apenas uma parte, sem realização da “passagem”. Ou seja, os vários rolos de película nos quais os filmes chegavam eram emendados e colocados em um único

teatro e dança na época, funcionando como agitadora cultural militante, trabalhava muito na chave da gambiarra, com mais preocupação em possibilitar que os eventos acontecessem do que realmente em questões de segurança. Além disso, a estrutura era móvel, e adaptada ao cinema apenas durante semanas de espetáculos.

carretel, de forma que não eram necessários dois projetores para uma única sala de cinema. Cada projetor foi instalado em uma das duas salas que foram inauguradas no Primeira Via Shopping. Os mesmos projetores foram transportados para as novas salas que abriram em 2008 quando o cinema se transferiu para o novo shopping que abria na cidade⁸⁵, e finalmente foram aposentados em 2015 quando as salas se tornaram digitais (Patos Hoje, 15 jul. 2015). Isso quer dizer que ao invés do filme em película, nessas salas hoje são projetadas imagens em movimento provenientes de arquivos digitais.

Por muito tempo, as ruínas do Riviera assombraram o centro de Patos de Minas. Em 2014, o espaço foi transformado em um estacionamento, mantendo o nome do cinema, os banheiros originais e parte de sua estrutura. (Patos Hoje, 26 out. 2015).



Ruína e transformação do espaço do Cine Riivera em estacionamento.

Fonte: imagens gentilmente cedidas por Luís Eduardo Falcão.

⁸⁵ Informações acerca dos projetores adquiridas em entrevista a Marcos Garcia (2018) e Celso Benfica (2018).

DIAS	Filmes	DIAS	Cens.	Cia	DIAS	Comple
01	V, n'icriolo	01	18anos	CJC	01	Canal 100 76x36
02	"	02	"	"	02	"
03	Fuga Audazosa	03	18anos	Lider	03	Luz e Fe - C. Esp.
04	"	04	"	"	04	"
05	"	05	"	"	05	"
06	"	06	"	"	06	"
07	Perdidos na Noite	07	"	"	07	Teleobjetiva 38
08	"	08	18anos	Unifed	08	" 38
09	Dois Aventureiros de 66	09	"	"	09	Canal 100 76x38
10	do Elas Que	10	"	"	10	"
11	Não	11	18anos	Art	11	"
12	"	12	"	"	12	" 258/76
13	"	13	"	"	13	Teleobjetiva 38
14	"	14	18anos	Unifed	14	"
15	"	15	18anos	C	15	Canal 100 76x38
16	"	16	"	"	16	"
17	"	17	"	"	17	"
18	"	18	18anos	Unifed	18	"
19	"	19	18anos	"	19	Teleobjetiva 337
20	"	20	"	"	20	"
21	"	21	14anos	CJC	21	Canal 100 76x38
22	"	22	"	"	22	"
23	"	23	"	"	23	"
24	"	24	"	"	24	"
25	"	25	"	"	25	"
26	"	26	18anos	Unifed	26	Teleobjetiva 238
27	"	27	18anos	Servicine	27	Bras Hoje, 172
28	"	28	"	"	28	"
29	"	29	18anos	Unifed	29	Canal 100 76x40
30	"	30	"	"	30	"
31	"	31	"	"	31	"

Abril 77



Ruína da sala de projeção do Riviera. Lista de filmes projetados em abril de 1977, com anotação do tipo de lente utilizada, censura, distribuidora. Fotos de revistas pornográficas espalhadas pelas paredes.
 Fonte: Imagens gentilmente cedidas por Luís Eduardo Falcão.

Aberto por 35 anos, foi a sala de cinema que funcionou por mais tempo em Patos de Minas.

Conclusão:

Pra mim esse trabalho foi como caminhar por ruínas, sabendo que nelas habitaram sonhos de meus tios e avós, sem, no entanto, conhecer nada sobre elas. Foi descobrir significados em lugares que tantas vezes me passaram despercebidos no cotidiano, e tentar fazer as perguntas certas para ouvi-los. Tive muitas vezes a sensação de que não estava apenas conhecendo melhor a cidade onde cresci, mas de fato entrando em contato com outra cidade que nunca conheci; completamente alienígena.

A cidade em formação que frequentava o Cine Magalhães e depois o Cine-Theatro até agora me parece um pouco distante e irreal, e embora se torne mais parecida com a Patos de Minas que conheço conforme o tempo passa, se torna cada vez mais complexa, multifacetada. Tentei tanto descrever, de alguma maneira, a experiência das pessoas que frequentaram as cadeiras de madeira desconfortáveis do Cine Olinta, do Cine Garza e outras salas de cinema que existiram... e algum contexto dos diferentes momentos históricos em que isso aconteceu, quanto relacionar essas experiências às teorias que conhecia sobre exibição. Acredito que apresentei uma narrativa da experiência cinematográfica em Patos de Minas ao menos interessante.

Uma das razões para estruturar esse trabalho como um inventário das salas de cinema foi porque assim também se estruturou minha pesquisa do assunto: os nomes e períodos de funcionamento das salas, personagens relacionados a elas, a partir delas frequentadores, programações, etc. Pareceu-me orgânico estruturar o trabalho final a partir da forma como a pesquisa tomara rumo inicialmente. Essa organização poderia ser problematizada a partir, por exemplo, dos cines Tupan e Riviera, que pertenceram à mesma família e parecem ter aberto um em sucessão ao fechamento do outro, de fato denotando continuidade do trabalho de Abner Affonso e Virmondes como exibidores; as atividades da empresa Cineminas, que passa por diversas das salas mencionadas do trabalho e aparece de forma fragmentada nesse trabalho; ou a partir da história do Cine Olinta, sala que passa por períodos de renovação e abandono, com uma existência nem um pouco homogênea, muito mais conhecida como auditório da Rádio Clube de Patos do que como uma sala de cinema. Mesmo assim mantive a configuração de inventário, porque isso tornava possível um registro histórico da exibição em minha cidade de forma relativamente estruturada.

Acredito que ao longo do texto dessa monografia foram apontadas algumas possibilidades para a pesquisa no assunto:

Em primeiro lugar, acho que é importante que tenha elencado fontes de material primário; o Laboratório de Ensino e Pesquisa de História (LEPEH) da Universidade de Patos de Minas, o Museu Municipal, o Museu Nacional do Milho, e finalmente a biblioteca digital Efecade Patos, projeto de digitalização de material primário e divulgação de pesquisas de Eitel Danneman, além de reprodução de alguns textos de outros autores, a qual eu talvez tenha usado demais, por sua acessibilidade à distância.

A pesquisa junto a arquivos de órgãos públicos, como os arquivos do Fórum Municipal onde constavam os espólios de exibidores que citei, também é uma fonte muito interessante, embora burocrática, de onde pude tirar poucas informações no tempo que tive. Finalmente, aponto a pesquisa em história oral, muito importante nos registros que tratam sobre memória e experiência social, apesar da narrativa em geral anedótica de histórias que são recriadas e transformadas no próprio ato da lembrança. Apresenta principalmente uma possibilidade em locais como Lagoa Formosa ou Guimarães, que não possuem arquivos municipais destinados à pesquisa pública.

Em segundo lugar, mas não menos importante: mencionei questões que, durante a pesquisa, me pareceram apontar em direções que poderiam ser elaboradas, e muitas questões que não pude ainda responder. O meu trabalho acerca das salas de cinema de Patos com certeza não é exaustivo, muito sequer foi abordado diretamente, como o cineclubismo, ou a exibição itinerante nos arraiais ao redor da cidade que não possuíam sala fixa própria, ou as salas de shopping do circuito Cinemais, no Primeira Via e depois Pátio Central Shopping... Também não descrevi o Cineteatro Vincente Nepomuceno, que não foi integrado ao circuito comercial, onde, no entanto, aconteceram exposições de filmes de arte⁸⁶. Durante minha pesquisa entrei em contato com muitas pessoas, graduandos e professores de História de Patos de Minas, que mostraram interesse em realizar pesquisas na mesma área. Chegamos, por vezes, a ter longas conversas sobre a dificuldade de conseguir fontes sobre esse assunto. Assim, espero que esse trabalho possa servir a essas pessoas como uma série de apontamentos de possibilidades.

Um desdobramento para o qual esse trabalho parece apontar muito diretamente e que gostaria de realizar é o aprofundamento da pesquisa sobre o circuito de cinema criado por Márcio Garcia Roza, justamente por sua expansão que conecta várias cidades de

⁸⁶ Construído na década de 1990 como Usina de Cultura da FUCAP; é um prédio que originalmente funcionaria como um galpão para abrigar o equipamento de som e iluminação da fundação. Também funcionou como espaço de ensaios para trupes de teatro, grupos de dança e de música. Foi um ambiente de prática cineclubista, continuidade do Cineclubes previamente mencionado.

Minas Gerais. Afinal a pesquisa sobre exibição voltada para uma única cidade, embora um processo de redescobrimento valioso, que com certeza ainda pode se tornar muito mais profunda do que esse trabalho foi, às vezes tem dificuldade em se comunicar com trabalhos semelhantes em outras cidades, se atrelando muito ao registro local. Pois além de encontrar o “sabugo” se Patos de Minas, além de se voltar para dentro, parece necessário se atentar para o “lado de fora” e buscar formas de contextualizar essa pesquisa que já foi elaborada.

Penso, apesar disso, que essa pesquisa possa se mostrar útil para uma compreensão melhor da exibição no interior do país; uma vez que traz alguma ligação com pesquisas já realizadas, como a de Amanda Gomes (2017) acerca de Araxá, e caminhando na direção de um mapeamento mais completo da atividade cinematográfica⁸⁷. Espero que esse trabalho também possa de alguma forma encorajar estudiosos que procuram fazer pesquisa sobre a exibição e redescobrir suas cidades no processo.

Além desse desejo de mapeamento inicial, de características da exibição em Patos e questões que possam surgir daí, apresentei ao começo do trabalho uma hipótese: teriam os espaços de exibição comercial de Patos de Minas relação direta com os grandes proprietários de terra?

Acho que foi possível demonstrar ao longo desse trabalho que a maior parte dos proprietários de salas de cinema eram grandes fazendeiros, que além das salas de exibição também tinham outros investimentos comerciais na cidade, como Coronel Arthur Magalhães, um dos fazendeiros celebrados pela urbanização inicial de Patos de Minas, Capitão José de Santana, doador das terras que compuseram o centro da cidade, ou Abner Affonso de Castro, pecuarista, também de alguma forma envolvido com o garimpo na região.

Mas isso também demonstrou não ser uma regra: Márcio Garcia Roza (que não deixa de ter se envolvido em outros negócios na cidade, junto com seu irmão estabeleceu uma beneficiadora de cereais e doou lotes para a construção de vários dos bairros) parece ter sido principalmente um exibidor, que construiu um grande circuito de exibição em Minas Gerais inteira, com sede em Belo Horizonte. Há indícios de outros circuitos, como

⁸⁷ Empregam esforços nessa direção, por exemplo, o grupo de pesquisa “História do cinema no Brasil: recepção, mercado e tecnologia”, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal Fluminense, e do Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual (LUPA-UFF), do qual participei durante a elaboração dessa monografia; e o projeto “Minas é Cinema”, vinculado ao grupo de pesquisa “CPCine: História, estética e narrativas em cinema e audiovisual”, relacionado aos programas do Bacharelado em Cinema e Audiovisual e da Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Juiz de Fora.

a empresa Irmãos Porfírio Azevedo, com sede em Araxá, que parecem apresentar grande importância local. A família Porfírio Azevedo está envolvida com a exibição desde 1910, quando Elias Porfírio constrói o Cine Trianon (que só é realmente inaugurado em 1922), até o fechamento do Cine Brasil de Araxá na década de 1980 (GOMES, 2017)⁸⁸.

No espectro oposto, o Cine Brasil de Patos de Minas foi projeto do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, criado por seus líderes e funcionando na própria sede do sindicato. Enquanto isso em Presidente Olegário a exibição cinematográfica frequentemente se relaciona à igreja católica: dois dos três cinemas dali foram propriedade de padres (Cinema Paroquial, 1949. Cine Glória, 1962).

Em alguns momentos os resultados de minha pesquisa soaram para mim como incógnitas, mais surpreendentes do que esperava ao começar a fazer perguntas. De Guimarães, o eletricista Antônio Camargos realiza um trabalho de exibição itinerante na zona rural de Patos de Minas, Paracatu e cidades próximas em plena década de 1950, algo que me parece bastante singular. Ainda desconheço quaisquer informações sobre Joaquim de Castro e sua Empresa Cinemas em Circuito além do aparelhamento das salas de Patos com tecnologia de cinema sonoro e do arrendamento do Cine Glória.

É um tanto determinista, portanto, dizer que o cinema em Patos de Minas tenha a ver com os grandes latifundiários, como uma das formas tomadas pelo coronelismo. Pode ser um interesse dessas pessoas serem as responsáveis por levar os signos de modernidade para cidades menores como Patos, mas nem todo latifundiário é exibidor, e outros exibidores surgem de outros estratos sociais. A maior parte, senão todos os exibidores que estudei, demonstraram sentir (ou foram descritos como pessoas que sentiam) grande amor pela arte do cinema, imagem que acaba se apagando um pouco se os descrevo apenas como comerciantes ou fazendeiros importantes.

Requer um interesse além do comercial viajar pelas comunidades rurais levando a imagem-movimento como Antônio Camargos fez, ou abster da censura em um cinema católico, como acontecia na sala dos padres Expedito e José André Coimbra. Carlindo Machado trabalhou como exibidor em Lagoa Formosa por 30 anos, em três salas de cinema diferentes. Até o fim de sua vida, depois do fechamento do Cine Magalhães, Arthur Tomás foi frequentador assíduo do Cine Tupan (FONSECA, 1977). Maria Affonso (2018) também conta que ia todos os dias ao cine Tupan de seu pai. Marcos

⁸⁸ Mello (1971) chega a citar o nome da empresa sem qualquer explicação acerca das pessoas ou outros empreendimentos envolvidos, no que parece uma expectativa de que o leitor já conhecesse necessariamente os exibidores.

Garcia (2018) lembra que por vezes caravanas vindas de várias outras cidades pequenas ao redor reservavam ingressos para sessões do Riviera. Eugênio Ribeiro (2018) comenta que começou a se interessar por cinema porque seu irmão mais velho trabalhava no Garza e logo ele mesmo se tornou projetorista lá, depois criando junto com outros jovens da cidade um cineclube. Acho importante reconhecer esses empresários que ao abrir suas salas de cinema, ao mantê-las em funcionamento, possibilitaram a difusão da arte para tantas outras pessoas, tornaram possível que outras pessoas se apaixonassem por ela.

Bibliografia

ALLEN, Robert C. “Reimagining the History of the Experience of Cinema in a Post-Moviegoing Age”. In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniel; MEERS, Phillippe. Org.: “Explorations in New Cinema History: Approaches and case studies.” Chischester. Wiley-Blackwell, 2011.

ARAÚJO, Vicente de Paula. “1896: O cinematógrafo dos Lumiére chegava ao Brasil”. In: Revista *Filme e Cultura*. Nº47. Embrasilme. Agosto, 1986.

BILTEREYST, Daniel.; LOTZE, Kathleen.; MEERS, Philippe. “Triangulation in historical audience research: Reflections and experiences from a multimethodological research project on cinema audiences in Flanders”. In: *Participations*, Volume 9, número 2. 2012.

BRAGA, Rodrigo Saturnino.; “Francisco Serrador e a Companhia Cinematográfica Brasileira”. In: DIAS, Adriana; DE SOUZA, Letícia. (org.) “*Film Business: O negócio do cinema.*” Pgs. 58 a 61. Rio de Janeiro. Elsevier, 2010.

CHANEY, Leo; SCHWARTZ, Vanessa. “*O cinema e a invenção da vida moderna*”. 2ª edição. São Paulo. Cossac-Naify, 2004.

DA SILVA, Rosa Maria Ferreira. “*A república dos Patos ou a construção da cidade republicana no sertão das Geraes: Representação, memórias e conflito. Cidade de Patos, 1889 – 1933.* Tese de conclusão de curso – doutorado. UFU. Uberlândia. 2015.

EARP, Fabio; SROULEVICH, Helena. “*O comportamento do consumidor de produtos culturais e os combos de entretenimento.*” In: MELO, Victor A. (Org.). Lazer: aspectos históricos, configurações contemporâneas. São Paulo. Alínea, 2009.

FERRAZ, Rosane Carmanini. “*A chegada do cinema em Juiz de Fora: Uma nova opção de entretenimento no centro cultural de Minas Gerais (1897 – 1912).*” In: “*Cinema em Juiz de Fora*”. Editora UFJF, Juiz de Fora. 2017.

FERREIRA, Paulo Roberto. “*Do Kinetoscópio ao Omniógrafo*”. In: Revista *Filme e Cultura*. Nº 47. agosto, 1986. Embrasilme.

FREIRE, Rafael de Luna. “*Cinematographo em Nictheroy: História das salas de cinema de Niterói.*” Niterói. Niterói livros. 2012.

FONSECA, Geraldo. “*Domínios de pecuários de enxadachins: história de Patos de Minas.*” In: Ingrabrás, Belo Horizonte. 1974.

FONSECA, Geraldo. “A participação patense na revolução de 1930.” In: “*A Debulha*”. Nº 78. 1983.

FULLER, Kathryn. “*You can have the Strand in your own town: the struggle between Urban and Small-town exhibition in the Movie Palace Era.*” In: “*At the picture show: Small-town audiences and the creation of movie fan culture.*” Washington, D.C. Smithsonian Institution Press, 1996.

GOMES, Adamar. “*Radio Clube, setenta anos e suas histórias: 1940 – 2010.*” Patos de Minas, Rádio Clube de Patos de Minas. 2011.

GOMES, Amanda Carvalho. “*Entre rastros e memórias do cinema de rua em Araxá: um estudo sobre o Cine-Teatro Brasil.*” Monografia de conclusão de curso – graduação. UFJF. Juiz de Fora. 2017.

GUNNING, Tom. “O Cinema das origens e o espectador (in)crédulo.” In: “*Imagens*”. Nº 5. Ago-dez. 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – “*Patos de Minas*”. In: Enciclopédia dos Municípios Brasileiros – Volume XXVI ano 1959. IBGE, Rio de Janeiro. 1959.

JAMBEIRO, Othon. A TV no Brasil do século XX. Salvador: 2002, EDUFBA. Apud LEAL, Plínio Marcos Volponi. “*Um olhar histórico na formação e sedimentação*”

da TV no Brasil". In: Publicação do VII Encontro Nacional de História da Mídia: mídia alternativa e alternativas midiáticas. Fortaleza. 2009.

LEAL, Victor Nunes. "Indicações sobre a estrutura e o processo do 'coronelismo'". In: "Coronelismo, enxada e voto: O município e o regime representativo no Brasil". Rio de Janeiro. Companhia das Letras, 2012.

LEONARDOS, O. H. e SALDANHA, R. "Diamante "Darcy Vargas" e outros grandes diamantes brasileiros". In: Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Mineralogia, n. 3, p. 3-15, 17 dez. 1939.

LIMA, Otávio Henrique Reis. "Exibidores Brasileiros: breve histórico dos exibidores cinematográficos de Varginha (MG)". Monografia de conclusão de curso – graduação. Niterói, 2017.

MALTBY, Richard. "New Cinema Histories", in: BILTEREYST, Daniel.; MALTBY, Richard.; MEERS, Philippe. (Org.) "Explorations in new cinema history: approaches and case studies". Chischester. Wiley-Blackwell. 2011.

MELLO, Antonio de Oliveira, et al. "Uma história de exercício da democracia: 140 anos do legislativo patense". Patos de Minas: Câmara Municipal de Patos de Minas, 2006.

MELLO, Antônio de Oliveira. "Patos de Minas: Capital do milho." Patos de Minas, Prefeitura Municipal. 1971.

MELLO, Antônio de Oliveira. "Patos de Minas: Minha cidade." Patos de Minas, Academia Patense de Letras. 1977.

MELLO, Antônio de Oliveira. "Patos de Minas, meu bem querer" 3ª ed. Patos de Minas: Prefeitura Municipal/SEMED. 2008.

MELLO, Antônio de Oliveira. "Presidente Olegário, terra da esperança." Publicação própria. Presidente Olegário, 1985.

NUNES, Anatildes Francisca et al. "História de Guimarães: o que o povo conta e os documentos registram". Belo Horizonte: Editora Gráfica Silveira, 2012.

TELES, Natália. "New Film History e os estudos de audiência: Os espaços de exibição como área de interesse acadêmico". Niterói, 2018.

SNELSON, Tim; Jancovich, Mark. "'No hits, no runs, just terrors': exhibition, cultural distinctions and cult audiences at the Rialto Cinema in the 1930s and 1940s". In: MALTBY, Richard; BILTEREYST, Daniel; MEERS, Phillipe. Org.: "Explorations in New Cinema History: Approaches and case studies." Chischester. Wiley-Blackwell. 2011.

SOUZA, José Inácio Melo de. "Os primórdios do cinema no Brasil." In: SCHVARZMAN, Sheila; RAMOS, Fernão Pessoa. Org. "Nova História do cinema brasileiro.", volume 1. São Paulo, Editora SESC. 2018.

VIEIRA, João Luiz; PEREIRA, Margareth C. S. "Cinemas cariocas: da Ouvidor à Cinelândia." In: Revista Filme e Cultura. N°47. Agosto, 1986. Embrafilme.

Entrevistas:

BENFICA, Celso. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 8 min.

BRAGA, Antônio Camargos. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Guimarães. Mp3. 40min.

CASTRO, Maria Affonso de. Depoimento. [jul. 2018]. Entrevistada por N. Teles. Mp3. 12 min.

FONSECA, Célio. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Lagoa Formosa. Mp3. 26 min.

MACHADO, Carlindo. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Lagoa Formosa. Mp3. 30 min.

MARQUES, Maria Florisbete Silva. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistada por N. Teles. Mp3. 42 min.

MELLO, Antônio de Oliveira. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 31 min.

PEREIRA, Dália de Melo. Depoimento. [fev. 2018]. Entrevistada por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 20 min.

RIBEIRO, Eugênio. Depoimento. [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 134 min.

ROZA, Marcos Garcia. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Mp3. 57 min.

SAVASSI, Beia. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistada por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 12 min.

SOARES, Renildo Marques. Depoimento [jul. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Mp3. 42 min.

SOUZA, Dennis de Lima. Depoimento. [fev. 2018]. Entrevistado por N. Teles. Patos de Minas. Mp3. 40 min.

TELES, Maria das Graças Silva. Depoimento. [out. 2018]. Entrevistada por N. Teles. Mp3. 13 min.

Outros depoimentos mencionados que não cheguei a gravar e apenas reproduzi o que lembrava da conversa:

CAIXETA, Vincente de Paulo. [jul. 2018].

COURY, Marialda. [fev. 2018].

NEPOMUCENO, Consuelo. [out. 2018].

Em Presidente Olegário não encontrei pessoas que trabalharam nas salas de cinema ou parentes de seus donos, e conversei brevemente com pessoas que moravam próximo das salas de cinema: Zé Maria, Estelina, Eli Marra, e Maria.

Laboratório de Ensino e Pesquisa de História (LEPEH) da Universidade de Patos de Minas (UNIPAM):

[Coluna sem título ou assinatura]. In: *Jornal Cidade de Patos*, 2 de maio de 1915.

“CINEMA Magalhães”. In: *Jornal Cidade de Patos*, 1º de outubro de 1916.

“CINEMA”. In: *Jornal Cidade de Patos*. 1º de novembro de 1916.

“COM o cinema Tupan”. In: *Jornal Folha de Patos*, 19 de julho de 1942.

Jornal Cidade de Patos. Programações do Cine Magalhães. 1915-1917. Citados: 13 jun. 1915; 23 jan. 1916; 19 nov. 1916.

Jornal dos Municípios. Programações do Cine Garza. 1961. Citado: 5 de março de 1961.

Jornal dos Municípios. Programações do Cine Olinta. 1958-1959. Citado: 25 de dezembro de 1958.

Jornal dos Municípios. Programações do Cine Tupan. 1958-1961. Citados: 12 de julho de 1958; 5 de março de 1961.

Jornal Folha de Patos. Programações do Cine Tupan. 1941-1944. Citados: 17 de maio de 1942; 4 de outubro de 1942; 20 de setembro de 1942 e 27 de dezembro de 1942.

“NO Cinema.” In: *Jornal Cidade de Patos*. 19 de março de 1916.

“O Cinematographo.” In: *Jornal O Trabalho*, 16 de julho de 1907

PATOS DE MINAS. “Câmara Municipal: Lançamentos para 1917”. In: *Jornal Cidade de Patos*. 26 de novembro de 1916.

“THEATRO Infantil”. In: *Jornal de Patos*, 7 de fevereiro de 1927.

Museu Municipal Casa de Olegário Maciel:

Acervo de fotografias de logradouros públicos: Pastas: Rua Major Gote, Avenida Getúlio Vargas, Rua General Osório, Rua Olegário Maciel.

Objeto: Projetor do Cine Riviera (além de sua ficha de cadastro e fotografias de quando foi adicionado ao acervo)

Museu Nacional do Milho:

“BOITE Menina Moça”. In: *Revista Silhueta*, junho de 1963.

“CINE Riviera, um dos maiores do Estado de Minas Gerais.” In: *Revista Silhueta*. Vol. 97. 1961.

Revista A Debulha. Programações dos Cines Garza e Riviera. 1980-1982. Citado: 30 de novembro de 1981.

ROZA, Márcio Garcia. “Novo Cine Riviera.” In: *Revista A Debulha*, 30 de setembro de 1985.

Webgrafia:

ALMEIDA, Manoel. “Apagar das Luzes, III”. *Jornal online Patos Hoje*, 25 de janeiro de 2011, <http://patosblogue.blogspot.com/search/label/Cinema>, acessado em 23 de setembro de 2018.

ALMEIDA, Manoel. “O Apagar das Luzes I e II”. In: *Jornal online Patos Hoje*. 2008. *Apud* <http://patosblogue.blogspot.com/search/label/Cinema>, acessado em 29 de setembro de 2018.

AMORIM, Zico. “Aspirações do povo de Patos de Minas”. 1946. [Trecho] In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=10528>, acessado em 19 de setembro de 2018.

“AO calor de uma experiência nova”. In: *Jornal Folha de Patos*, 25 de fevereiro de 1945. <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12674>, acessado em 15 de setembro de 2018.

“APELO às autoridades”. In: *Jornal Folha de Patos*, 2 de janeiro de 1944. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=6473>, acessado em 15 de setembro de 2018.

“ARREVOIR, Cine Riviera”. In: *Revista Phatos*, 1 de janeiro de 1995. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12454>, acessado em 28 de setembro de 2018.

BORGES, Domingo Ribeiro. “O Picolé e o vai-vem”. In: *Revista A Debulha*. Volume 118, 30 de junho de 1985. <http://www.efecadepatos.com.br/?p=13491>, acessado em 2 de setembro de 2018.

CAPRI, Roberto. 1916. [trecho] In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3111>, acessado em 15 de setembro de 2018, às 18:00.

“CASA Gotte desfaz sociedade”. In: *Jornal Folha de Patos*, 22 de março de 1942. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=10686>, acessado em 14 de setembro de 2018.

“CASA onde morou Dr. Adélio Dias Maciel” In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=3521>. Acessado em 25 de agosto de 2018.

“CASA Sant’Anna de Juca Sant’Anna”. In: *Jornal de Patos*, 27 de maio de 1925. *Apud*: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=4673>, acessado em 4 de setembro de 2018.

“CINE Magalhães”. In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=354>, acessado em 30 de agosto de 2018.

“CINE Magalhães e Gabinete Dentário Affonso Corrêa Borges”. <http://www.efecadepatos.com.br/?p=1253>, respectivamente. Acessados em 26 de agosto de 2018.

“CINEMA no Pátio Central Shopping reinaugura após reforma para melhor atender os clientes.” In: Jornal eletrônico *Patos Hoje*, 14 de junho de 2015. <https://patoshoje.com.br/noticia/cinema-no-patio-central-shopping-reinaugura-apos-reforma-para-melhor-atender-os-clientes-24680.html>, acessado em 23 de setembro de 2018.

CINEMAFALDA. “Relação de cinemas antigos de rua no Brasil em atividade nos anos 60.” 2010. <http://cinemafalda.blogspot.com/2010/05/patos-de-minas-mg.html>, acessado em 13 de setembro de 2018.

“CONFETARIA Abreu”, In: *Jornal de Patos*, 7 de fevereiro de 1926. *Apud* <http://www.efecadepatos.com.br/?p=4718>, acessado em 4 de setembro de 2018.

“COLÉGIO São Geraldo 1911”. In: *Jornal O Commercio*, 15 de janeiro de 1911. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=25484>, acessado em 19 de setembro de 2018.

D. P. [?] “Está Errado...”. In: *Jornal O Repórter*, 12 de fevereiro de 1952. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=8549>, acessado em 15 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Aero Clube”. 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=155>, acessado em 14 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Ascensão e queda da Triticultura”. 2016. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=15488>, acessado em 14 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Avenida Brasil na década de 1960 – 2”. 2017. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=24005>, acessado em 21 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Cadeiras do Cine Olinta”. 2018. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=25736>, acessado em 15 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Casa de João de Barros”, 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=4006>, acessado em 11 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Cine Tupan.” 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=313>, acessado em 13 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Edifício Ponto Chic”. 2015. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12555>, acessado em 21 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Endereço misterioso do Cine Magalhães 1”. 2015. In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=12795>, acessado em 26 de agosto de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Endereço misterioso do Cine Magalhães 2”. 2016. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=20847>, acessado em 26 de agosto de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Eletricidade: da lamparina à CEMIG – Histórico da Força e Luz.” 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=1368>, acessado em 15 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Genésio Garcia Roza”. 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3418>, acessado em 22 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Nos tempos da lâmpada Aladim”. 2016. In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=19688>, acessado em 2 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Prostituição”. 2013. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=4164>, acessado em 21 de setembro de 2018.

DANNEMAN, Eitel. “Um bar chamado ‘Recreativo’”. 2015. In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=12555>, acessado em 2 de setembro de 2018.

DIRETORIA GERAL DE ESTATÍSTICA DO IMPÉRIO – “*Recenseamento do Brasil em 1872: Minas Geraes (Primeira Parte)*”. Disponibilizado no acervo online do

IBGE em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>, acessado em 22 de agosto de 2018.

“DOMINANTE, o Guzerá de Abner Afonso de Castro”. In: *Jornal Folha de Patos*, 3 de março de 1937. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3529>, acessado em 14 de setembro de 2018.

ELIAS, Paulo Roberto. “O primeiro filme em Cinemascope”. 2012. <https://webinsider.com.br/o-primeiro-filme-em-cinemascope/>, acessado em 16 de setembro.

ELIAS, Paulo Roberto. “Perspecta Sound”. 2014. <https://webinsider.com.br/perspecta-sound/>, acessado em 16 de setembro de 2018.

“EMPRESÁRIO aproveita história e transforma o antigo Cine Riviera em grande estacionamento.” In: *Jornal eletrônico Patos Hoje*, 26 de outubro de 2015. <https://patoshoje.com.br/noticia/empresario-aproveita-historia-e-transforma-o-antigo-cine-riviera-em-grande-estacionamento-26460.html>, acessado em 29 de setembro de 2018.

“ESCOLAS do crime”. In: *Jornal O Patense*, 11 de dezembro de 1949. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12674>, acessado em 15 de setembro de 2018.

FERREIRA, Geraldo Fernandes. “Dez coisas que Patos mais necessita”. In: *Jornal Correio de Patos*, 16 de janeiro de 1955. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=5266>, acessado em 15 de setembro de 2018.

“FESTA inaugural do Patos Social Clube”. In: *Jornal Folha de Patos*, 22 de fevereiro de 1942. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=4069>, acessado em 14 de setembro de 2018.

FESTA NACIONAL DO MILHO. <https://www.fenamilho.com.br>, acessado em 20 de agosto de 2018.

FESTA NACIONAL DO MILHO. “Fenamilho registra mais de 100 visitantes em 8 dias”. 2017. <http://www.fenamilhointernacional.com/site/fenamilho-registra-mais-de-100-mil-visitantes-em-oito-dias/>, acessado em 21 de agosto de 2018, às 14:00

GIESBRECHT, Ralph Mennucci. “Estações ferroviárias do Brasil: Catiara.” 2017. http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_tronco/catiara.htm, acessado em 11 de setembro de 2018.

HAMID, Abdul. “*Factos e coisas...*”. In: *O Commercio*, 02 de julho de 1911, *Apud*. <http://www.efecadepatos.com.br/?p=12630>, acessado em 30 de agosto de 2018.

HART, Martin. “Vita Vision”. 2004. <http://www.widescreenmuseum.com/widescreen/wingv1.htm>, acessado em 19 de setembro de 2018.

“INAUGURADA a boate Menina Moça e o Restaurante e Churrascaria Okey”. In: 9 e 19 de fevereiro de 1961. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=23929>, acessado em 26 de outubro de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) – “*Patos de Minas – Panorama*” e “*Patos de Minas – Pesquisa – Pecuária*” In: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/patos-de-minas/panorama>, acessado em 21 de agosto de 2018.

INTERNET MOVIE DATABASE. Identificação dos filmes citados. https://www.imdb.com/?ref =nv_home. Acessado em agosto-outubro de 2018.

“IRMÃOS, Luz!”. In: *Jornal Correio de Patos*, 20 de fevereiro de 1955. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=6962>, acessado em 21 de setembro de 2018.

“JOSÉ de Santana”, in: *Jornal dos Municípios*, 24 de maio de 1969. *Apud* <http://www.efecadepatos.com.br/?p=11178>, acessado em 2 de setembro de 2018.

JÚNIOR, Amorim. “Os cinemas” In: Jornal *O Commercio*, 9 e 16 de março de 1913. *Apud* <http://www.efecadepatos.com.br/?p=15380>, acessado em 30 de agosto de 2018.

MACIEL, Newton Ferreira da Silva. “Amadeu Dias Maciel”, In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=6650>, postado em 2014. Acessado em 21 de setembro de 2018.

MACIEL, Newton Ferreira da Silva. “Arthur Tomaz de Magalhães” [200-?], In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=7689>, acessado em 31 de agosto de 2018, às 16:00.

MACIEL, Newton Ferreira da Silva. “Antônio Dias Maciel – Barão de Araguari.” [200-?]. *Apud* <http://www.efecadepatos.com.br/?p=7056>, acessado em 22 de agosto de 2018.

MACIEL, ZAMA. “É necessário”. In: Jornal *Folha de Patos*. 5 de julho de 1937. *Apud*. <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3477>, acessado em 18 de outubro de 2018.

MORAIS, Bonna. “Incêndio transforma em cinzas espaço cultural – Em menos de meia hora o fogo consumiu o Cine Riviera”, In: Jornal *Folha Patense*, 19 de dezembro de 1998. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=1985>, acessado em 28 de setembro de 2018.

“O Cinema e o Calor”, In: Jornal *O Patense*, 20 de novembro de 1949. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12892>, acessado em 15 de setembro de 2018.

“O maior de nossos garimpeiros”. In: Jornal *Folha de Patos*, 17 de julho de 1937. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3573>, acessado em 14 de setembro de 2018.

OPEN STREET MAPS; STAMEN DESIGN. “Mapas topográficos > Brasil > Minas Gerais > Patos de Minas > Patos de Minas > Localidade” <http://pt-br.topographic-map.com/places/Patos-de-Minas-6664377/>, acessado em 21 de agosto de 2018.

PACHECO, Abel Dílson. “Olegário Dias Maciel”, in: revista *A Debulha*, Volume 62. Janeiro, 1983. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=8957>, acessado em 11 de setembro de 2018.

PACHECO, Dirceu Deocleciano. “*Tv em 1982: instrumento de suplício*”. In: Revista *A Debulha*. Nº 45. 15 de abril de 1982. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=7053>, acessado em 26 de outubro de 2018.

PACHECO, Dirceu Deocleciano; PACHECO, João Marcos. “*Entrevista a Pacífico Soares Cardoso*.” In: Revista *A Debulha*. Nº 71. 1983. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=10087>, acessado em 26 de outubro de 2018.

PACHECO, João Marcos. “V Festival de Ballet” In: Revista *A Debulha*, 30 de setembro de 1980. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=4676>, acessado em 28 de setembro de 2018.

“PATOS Foot-ball club e sua 1ª assembleia geral”. In: Jornal *O Commercio*, 19 de julho de 1914. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=21570>, acessado em 19 de setembro de 2018.

PORTO, Arlindo. “Dez coisas que Patos mais necessita”. In: Jornal *Correio de Patos*, 23 de janeiro de 1955. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=5099>, acessado em 15 de setembro de 2018.

PREFEITURA DE GUIMARÂNIA. “História”. <https://www.guimaraniamg.gov.br/index.php/administracao/a-cidade/historia>, acessado em 22 de setembro de 2018.

PREFEITURA DE LAGOA FORMOSA. “História”. <http://lagoaformosa.mg.gov.br/historia/>, acessado em 21 de setembro de 2018.

“PROTEÇÃO aos menores: portaria nº1/69”. In: *Jornal dos Municípios*, 28 de setembro de 1969. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3159>, acessado em 27 de setembro de 2018.

“RÁDIO Clube transfere concessão a Tito Silva”. In: *Jornal Folha de Patos*, 10 de junho de 1945. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=15188>, acessado em 15 de setembro de 2018.

“RUA Olegário Maciel no início da década de 1940.” In: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=1226>. Acessado em 25 de agosto de 2018.

SANTANA, Lincoln José. 1969. “Cinemas em Patos de Minas”. In: *Jornal dos Municípios*, 24 de maio de 1969. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=2945>, acessado em 31 de agosto de 2018.

SANTOS, Alonso. Depoimento. “O Carnaval de Patos”. In: *Jornal Folha do Paranaíba*, 16 de fevereiro de 1992. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=12869>, acessado em 14 de setembro de 2018.

SILVA, Flávia Lemos da. “Conflitos Entre UDN e PSD – O Caso do Distrito de Bom Sucesso no Município de Patos de Minas (1958)”. 2006. [Trecho]. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=10167>, acessado em 14 de setembro de 2018.

SILVA, Geenes Alves. “A União Dos Estudantes Patenses (UEP): Ações e Reações em Patos de Minas Entre os Anos de 1958 a 1971.”. 2010. In: <https://www.efecadepatos.com.br/?p=9118>, acessado em 14 de setembro de 2018.

“SOBRE o teatro em 1911”, in: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=14553>, acessado em 26 de agosto de 2018.

“SÓCIOS do Patos Social Clube em 1942”. In: *Jornal Folha de Patos*. 29 de março de 1942. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=14968>, acessado em 14 de setembro de 2018.

SOUZA, José Inácio Melo de. “O cinema na cidade: algumas reflexões sobre a história da exibição no Brasil”. 2013. In: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/24-histcinema/200resenhafreire>, acessado em 4 de agosto de 2018.

“TESTADAS as máquinas do Cine Magalhães antes da Inauguração” In: *Jornal O Commercio*, 18 de maio de 1913. *Apud*: <http://www.efecadepatos.com.br/?p=19410>, acessado em 30 de agosto de 2018.

“THE End: Cine Riviera será desativado”. In: *Revista Diga*, abril de 1995. <https://www.efecadepatos.com.br/?p=23270>, acessado em 28 de setembro de 2018.

TRAJANO, Hercílio. “Dez coisas que Patos mais necessita”. In: *Jornal Correio de Patos*, 9 de janeiro de 1955. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=5019>, acessado em 15 de setembro de 2018.

TRIP ADVISOR. “O que fazer? Patos de Minas, MG.” https://www.tripadvisor.com.br/Attractions-g780034-Activities-Patos_de_Minis_State_of_Minis_Gerais.html, acessado em 22 de agosto de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Laboratório Universitário de Preservação Audiovisual. <http://www.cinevi.uff.br/lupa/>, acessado em 3 de outubro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Minas é Cinema. <http://www.ufjf.br/minasecinema/>, acessado em 3 de outubro de 2018.

“UM Empreendimento Que Muito Vem Servir à Nossa Prosperidade”. In: *Jornal Folha de Patos*, 5 de setembro de 1941. *Apud* <https://www.efecadepatos.com.br/?p=3989>, acessado em 21 de setembro de 2018.

“VAI-e-vem”. In: *Jornal dos Municípios*, 25 de dezembro de 1968. *Apud* <http://www.efecadepatos.com.br/?p=2767>, acessado em 2 de setembro de 2018.

VIOLA, Edison. “Minas Gerais: relevo”. In: http://www.descubraminas.com.br/MinasGerais/Pagina.aspx?cod_pgi=1801, acessado em 21 de agosto de 2018, às 14:00

Anexo 1:

Tabela Inventário das Salas de Cinema de Rua de Patos de Minas:

Abaixo estão relacionadas salas de cinema de rua de Patos de Minas e cidades próximas que já fizeram parte de Patos. Estão organizadas em ordem cronológica da data de abertura da sala.

Muitas vezes o ano de fechamento listado é apenas uma estimativa, notados com pontos de interrogação quando acredito ter encontrado uma estimativa bem provável da data de fechamento, deixando apenas a listagem da década de fechamento quando isso não foi possível. Quando listo sócios de uma sala de cinema, estão separados por vírgula, e quando listo pessoas que compraram a sala de cinema, estão separados dos donos anteriores por ponto e vírgula. Tomei a liberdade de listar como uma única sala de cinema quando salas diferentes, mas com mesmo nome e proprietário foram abertas, por não ter informações de quando foi a data de mudança de endereço dessas salas ou quantidades de lugares em nenhuma das duas salas. Quando uma sala tem mais de uma quantidade de lugares registrada, se trata de uma sala que sofreu reformas ao longo de sua existência alterando esse dado.

Nome	Ano de Abertura	Ano Final	Dono	Qtde. Lugares	Endereço
Cine Magalhães	1913	193-	Cel. Arthur Tomás de Magalhães	300	Avenida Getúlio Vargas, 142. Centro. Patos de Minas.
Cine-Theatro Glória	1920	1942?	Cap. José de Sant'Anna	?	Rua General Osório, 168. Centro. Patos de Minas.
Cine Patense	1921	1921	Óscar Rodarte	?	Avenida Getúlio Vargas, 62. Centro. Patos de Minas.
Cine Tupan	1940	1961?	Bermudes Affonso Alves e Abner Affonso de Castro	700	Rua Major Gote, 797. Centro. Patos de Minas.
Cine Olinta	1948	1978?	Amadeu Dias Maciel; Alugado para Joaquim Ewandinack (Wande) e Genaro Porfírio de Azevedo; Bermudes Affonso Alves e Abner Affonso de Castro?; Alugado para Márcio Garcia Roza.	650 550	Avenida Getúlio Vargas, 1942. Centro. Patos de Minas.
Cine Paroquial	1949	?	Pe. Clovis Santana	?	? – Presidente Olegário
Cine Lagoense (Cine Esperança,	1950	195-	José Amorim; Carlindo Machado; José Paraná	127	Praça Dona Filomena, (Rua Eurípedes Ribeiro,

Cine Marabá?)					1007), Centro. Lagoa Formosa.
Cine Humaitá	1952	1960	Waldemir Juvenal de Almeida	?	Rua Felisberto Fonseca, Centro. Presidente Olegário (primeiro endereço); Praça 13 de Março, 136, Centro. Presidente Olegário.
Cine Guimarânia	1953	196-	Antônio de Camargos Braga	200	Rua Conselheiro Rufino, 280. Guimarânia.
Cine Brasil	1957	1961	José Honório Rodrigues, José Bontempo, José Amorim	?	Praça Bandeirantes, 15. Brasil. Patos de Minas.
Cine Garza	1960	1985	Márcio Garcia Roza	1200	Rua Major Gote, 939. Centro. Patos de Minas.
Cine Glória Cine Rosa	1962	197-	Pes. Expedito Coimbra Caldeira e José André Coimbra Caldeira.	?	Rua Januário Pinheiro, 57. Centro. Presidente Olegário.
Cine Vera Cruz	196-	197-	Carlindo Machado	?	Rua Joca Limírio, Centro. Lagoa Formosa. (primeiro endereço). Rua Antônio Cadete, 68. (Praça da Igreja Nossa Senhora da Piedade) Centro. Lagoa Formosa.
Cine Riviera	1963	1998	Virmondes Affonso de Castro; Márcio Garcia Roza	1500 1350 960	Rua Olegário Maciel, 83. Centro. Patos de Minas
Cine Rex	1971	197-	Antônio Camargos Braga	?	Rua Conselheiro Rufino, 539. Centro. Guimarânia.